



# A FUNDAÇÃO DE GABO

FNPI, oficina de jornalismo em transformação





Gabo repórter nos escritórios de Imprensa Latina, Bogotá, 1959 / Foto: Hernán Díaz

#### Fundadores

Gabriel García Márquez  
Jaime Abello Banfi  
Jaime García Márquez  
Alberto Abello Vives

#### Presidentes

Gabriel García Márquez (1995-2014)  
Mercedes Barcha de García (2014)

#### Diretoria

Jon Lee Anderson  
Jean-François Fogel  
Jaime García Márquez  
Yolanda Pupo de Mogollón  
Sergio Ramírez  
Germán Rey  
María Teresa Ronderos

#### Diretor-Geral

Jaime Abello Banfi

#### Diretor-Executivo

Ricardo Corredor Cure

#### Diretor de Programas e Operações

José Luis Novoa

#### Diretor de Relações Institucionais

Jaime García Márquez

#### Diretor de Estratégia Digital e Conteúdos

Carlos Serrano

#### Diretora Administrativa e Financeira

Ana Teresa Hernández

#### Equipe de programas e comunicações

Natalia Algarín  
Stephanny Rúa  
Teresita Goyeneche  
Jessica Arrieta  
Melissa García  
Paola Nirta  
Daniel Marquínez

#### Equipe de administração e finanças

María Eugenia Fernández  
Omar Ladeutt  
César Ortiz  
Elkin Cruz  
Yamile Chamorro  
Delsy Martínez

#### Revisor fiscal

Rafael López

#### Coordenação editorial

José Luis Novoa

#### Assistência editorial

Isabela Restrepo  
Augusto Otero

#### Foto da capa

Hernán Díaz

#### Design e diagramação

4topixel.com

#### Impressão

Nomos Impresores. Diag 18Bis No. 41-17, Bogotá - Colômbia

#### Conselho Reitor do Prêmio Gabriel García Márquez

Carlos Fernando Chamorro  
Germán Rey  
Héctor Abad Faciolince  
Héctor Feliciano  
Jean-François Fogel  
Joaquín Estefanía  
Jon Lee Anderson  
María Teresa Ronderos  
Martín Caparrós  
Mónica González  
Rosental Alves  
Sergio Ramírez

#### A FNPI agradece a colaboração que no biênio 2012-2013 recebeu de

Alexander Carrascal  
Ana María Cuesta  
Andrea Trespalacios  
Ariadna Padrón  
Carolina Pérez  
Catalina Samper  
Claudia Mejía  
Constanza Escobar  
Evelyn Medina  
Hermes Martínez  
Hernán Restrepo  
Jairo Iriarte  
Jorge Tirzo  
José Antonio Carbonell  
Juan Miguel Villegas  
Maria Fernanda Márquez  
Natalia Martínez  
Nilson Beltrán  
Paola Valderrama  
Paula Jaramillo  
Tanya Escamilla

©2014, FNPI

Fundación Gabriel García Márquez para el Nuevo Periodismo Iberoamericano —FNPI—  
Centro, Calle San Juan de Dios No 3-121, Tel. (57) 5-6645890.  
Cartagena de Indias, Colombia.

www.fnpi.org - contactenos@fnpi.org - @fnpi\_org

ISBN: 978-958-98251-5-0

Impresso na Colômbia / Printed in Colômbia

Novembro de 2014

# Índice



Clique ao longo do índice para ir à seção desejada

|                     |   |           |
|---------------------|---|-----------|
| <b>Apresentação</b> | O legado de Gabo para um jornalismo melhor  | 06        |
| <b>01</b>           | <b>Narração jornalística</b>  | <b>10</b> |
| 1.1                 | Das margens ao centro   | 12        |
|                     | ■ O papel da FNPI na crônica da América Latina  | 14        |
| 1.2                 | A escritura não é tudo  | 16        |
| 1.3                 | Como se escreve para o jornal impresso ou digital   | 17        |
| 1.4                 | Um olho na vida do Nelson Mandela   | 18        |
| 1.5                 | A crônica na América Latina: balanço e futuro   | 22        |
| 1.6                 | Balanço de atividades da linha de atuação narração jornalística   | 26        |
| <b>02</b>           | <b>Ética jornalística e sustentabilidade da mídia</b>   | <b>28</b> |
| 2.1                 | Da ética individual à ética empresarial   | 31        |
| 2.2                 | Suplemento GRI: Como tornar as empresas de mídia sustentáveis e transparentes?                          | 32        |
|                     | ■ Seleção de perguntas do Roteiro de autoavaliação  | 34        |
| 2.3                 | Projeto Ética Segura  | 36        |
| 2.4                 | Consultório Ético   | 37        |
| 2.5                 | A ética em três linguagens jornalísticas  | 38        |
| 2.6                 | Balanço de atividades da linha de atuação ética jornalística e sustentabilidade da mídia                | 40        |
| <b>03</b>           | <b>Investigação e cobertura de temas-chave para a América Latina</b>                                    | <b>44</b> |
| 3.1                 | Temas-chave para a América Latina   | 47        |
| 3.2                 | Os novos cartógrafos da região  | 48        |
| 3.3                 | Desafios do jornalismo colombiano na cobertura do processo de paz                                       | 50        |
| 3.4                 | Bolsa Gabriel García Márquez 2013   | 54        |
| 3.5                 | Balanço de atividades da linha de atuação investigação e cobertura de temas-chave para a América Latina | 57        |
| <b>04</b>           | <b>Inovação e mídia digital</b>   | <b>62</b> |
| 4.1                 | Uma nova plataforma pedagógica  | 65        |
| 4.2                 | “Inovar é mudar de atitude perante a audiência”: Jean-François Fogel                                    | 66        |
| 4.3                 | Para onde vai a televisão na era digital?   | 68        |
| 4.4                 | Estado dos empreendimentos digitais na América Latina   | 70        |
| 4.5                 | Balanço de atividades da linha de atuação inovação e mídia digital                                      | 73        |
| <b>05</b>           | <b>Estímulos à qualidade jornalística</b>   | <b>76</b> |
| 5.1                 | Prêmio Gabriel García Márquez de Jornalismo   | 79        |
| 5.2                 | Prêmio Roche de Jornalismo em Saúde   | 84        |
| <b>06</b>           | <b>Publicações</b>  | <b>86</b> |
| <b>07</b>           | <b>A FNPI em números</b>  | <b>94</b> |
| 7.1                 | Balanço geral de atividades 2012-2013   | 96        |
|                     | Marcos FNPI 2012-2013   | 102       |
|                     | Declaração de missão e valores institucionais   | 106       |

# O legado de Gabo para um jornalismo melhor

Impossível não falar nisso: quando este volume estava em preparação, na Quinta-Feira Santa 17 de abril de 2014, morreu na Cidade do México, aos 87 anos de idade, Gabriel García Márquez, o fundador desta instituição, que há quase duas décadas plantou as bases do que hoje, depois de sua partida, é considerado, por próprios e estranhos, um dos seus mais significativos legados.

Não era possível, portanto, continuar elaborando este balanço institucional sem nos determos um pouco na memória de Gabo, sem termos a sensação de prestar contas ao professor, ao inspirador e ao amigo; sem pensarmos no que ele poderia pensar sobre as conquistas alcançadas por sua Fundação nos dois anos que aqui se apresentam (2012-2013).

O balanço, felizmente, é muito positivo. Em primeiro lugar, Gabo deixa, ao partir, uma instituição sólida com uma governança clara: uma diretoria internacional de alto nível; um extraordinário grupo de professores e conselheiros generosamente comprometidos com os programas da Fundação, uma equipe de trabalho entusiasta, eficaz e dedicada, mais uma rede de cúmplices cordiais formada por um grande número de pessoas que trabalharam na organização ao longo de quase vinte anos. E talvez o mais importante: esse tecido dinâmico – muito vivo e rico de matizes –, feito da interação de milhares de repórteres e editores que se conheceram nas nossas oficinas, seminários e prêmios, cuja amizade e coleguismo deu lugar a uma diversidade de intercâmbios e iniciativas editoriais, acadêmicas e de colaboração profissional que alimentam a profissão ao longo de todo o âmbito ibero-americano. Gabo representa, antes de mais nada, o primeiro pilar e, para sempre, a inspiração, tendo deixado uma instituição que há muito possui vida própria e caminha com as próprias pernas, incrementando o enorme impulso que ele lhe proporcionou.

Em segundo lugar, é notável o capital social representado na força das alianças e apoios institucionais, que foram um motor histórico desta Fundação. Temos mantido e aumentado a capacidade de gerar acordos sólidos em prol do jornalismo ibero-americano. O principal deles, neste biênio, foi o que selamos com a Organização Ardila Lülle (OAL), que, por meio de uma aliança institucional baseada em valores de responsabilidade socioempresarial, oferece à FNPI um suporte geral que lhe permite realizar as atividades próprias de sua missão e planejar o futuro.

Também são fundamentais as alianças que mantemos com o grupo SURA, com Bancolombia e com a Prefeitura de Medellín em torno do Prêmio Gabriel García Márquez, bem como a colaboração com a CAF - Banco de Desenvolvimento da América Latina, Promigas e Roche. Ao longo deste relatório apresentaremos outras parcerias estabelecidas no período.

Em terceiro lugar, temos clareza estratégica sobre a maneira como queremos e podemos promover o bom jornalismo no continente. Seguimos quatro linhas de ação fundamentais, e é sobre elas que se estrutura este

relatório: a narração jornalística em todas as suas expressões; a ética como fator essencial de orientação do bom jornalismo, a par do compromisso com a sustentabilidade e a transparência da mídia, num contexto de liberdade de expressão; a investigação e cobertura de temas-chave que afetam nossas sociedades; e a inovação e apropriação da mídia digital. O enfoque estratégico passa por revisões periódicas, em vista das transformações tecnológicas que fazem do jornalismo palco de mudanças constantes no que tange à profissão, ao negócio e à relação com as audiências.

Nosso desafio, agora, é consolidar as conquistas já alcançadas, tornando-as sustentáveis no longo prazo, e a partir disso continuar ampliando nosso alcance e as oportunidades a jornalistas e veículos de comunicação. Não é uma tarefa fácil, dada a dimensão ibero-americana e as altas aspirações a que visamos. Mas a jornada será mais suave, como tem sido até agora, se seguirmos de mãos dadas com as pessoas e instituições que acreditam na nossa ação, as quais, com este relatório, queremos tornar partícipes das conquistas alcançadas.

## 2012-2013: a consolidação de um legado

Neste biênio conseguimos, entre outras conquistas, ampliar o programa de oficinas e seminários com uma variada oferta de recursos e atividades online, relançamos nosso principal prêmio com o apoio da cidade de Medellín, desenvolvemos o projeto do Prêmio Roche de Jornalismo em Saúde, fortalecemos o programa de ética jornalística e sustentabilidade da mídia, em aliança com SURA, e organizamos grandes eventos, como a Bolsa Gabriel García Márquez de Jornalismo Cultural, pela primeira vez com abrangência, e o II Encontro Novos Cronistas das Índias.

Nestes dois anos pusemos em prática a decisão da nossa Diretoria de incorporar à razão social o nome e a imagem do nosso fundador, que até então eram tratados com discrição: mudamos nosso próprio nome para incluir o dele. Além disso, rebatizamos nosso principal prêmio (anteriormente Prêmio Novo Jornalismo CEMEX + FNPI) como Prêmio Gabriel García Márquez e publicamos um verdadeiro marco editorial, Gabo periodista, livro antológico com uma seleção de sua obra jornalística, com fotografias e artigos especiais para examinar a fundo as raízes do grande narrador na reportagem.

Nossa Fundação nasceu quando a Internet ainda engatinhava e só alguns poucos visionários previam o impacto que ela teria na estrutura da indústria jornalística. De lá para cá, acompanhamos esse processo com oficinas pioneiras e, principalmente, com um estímulo à reflexão sobre as transformações da profissão no novo ambiente digital. Sem perder de vista nosso DNA fundamental nem interromper as oficinas tradicionais, das quais realizamos 56 neste biênio, procuramos aproveitar as ferramentas que o mundo digital nos oferece para alargar nosso alcance pedagógico, pondo em circulação

mais rapidamente as vozes e as ideias dos grandes jornalistas que lecionam na FNPI, bem como de outros convidados especiais. Multiplicamos os chats, os webinários, twitdebates, twitcams, as teleconferências. Enfim, lançamos mão de todos os recursos e possibilidades para nos estabelecermos numa plataforma pedagógica quase cotidiana, inspirada nos valores originais da FNPI, concretizando uma visão estratégica que desejamos manter e ampliar nos próximos anos.

Voltamos ao Brasil, depois de quinze anos. Apesar de mantermos um contato permanente e fértil com jornalistas e editores desse grande país — em nossas oficinas, com finalistas e ganhadores de nossos prêmios —, foi neste biênio que retomamos as atividades presenciais em solo brasileiro: três seminários e oficinas. Isso nos permitiu estabelecer novas alianças e reforçar as já existentes com alguns parceiros estratégicos. Queremos construir outras, que nos permitam manter uma sólida presença no país e assim romper a barreira cultural que tradicionalmente nos separa.

A FNPI procura acompanhar as transformações que o jornalismo mundial está vivendo e pô-las em debate e em prática na nossa região, abrindo caminhos de reflexão e trabalho para repórteres, editores e empresários de comunicação nos países ibero-americanos. Essa tem sido uma parte fundamental do nosso esforço desde 1995, e com ele conseguimos obter uma visão panorâmica do jornalismo mundial.

Esta Fundação é mais uma obra de Gabriel García Márquez. Ele é o autor da ideia e quem deu a visão a ser seguida. Ele é o fundador principal e quem me pediu que colaborasse; ele financiou as primeiras fases e conseguiu os apoios iniciais em dinheiro, parceiros e professores. Ele deu várias de suas melhores oficinas. Ele foi o presidente até o dia de sua morte. Seus resultados evidenciam um impacto sustentado no âmbito ibero-americano, como registra este relatório, que é um bom indicador de como e por que esta instituição trabalha.

A oficina de Gabo está mais viva do que nunca. A alegria está intacta. Nosso compromisso é seguir em frente sem perder de vista a bússola original que Gabriel García Márquez nos deu: acreditar no jornalista como autor, na ética como condição inegociável e no poder das boas histórias para transformar a realidade. Assumimos essa missão com plena consciência da nossa responsabilidade com seu legado, o do nosso Gabo, que previu no mínimo um século de vida para esta oficina itinerante que saiu dos nossos sonhos quase vinte anos atrás.

  
**Jaime Abello Banfi**  
Diretor-Geral

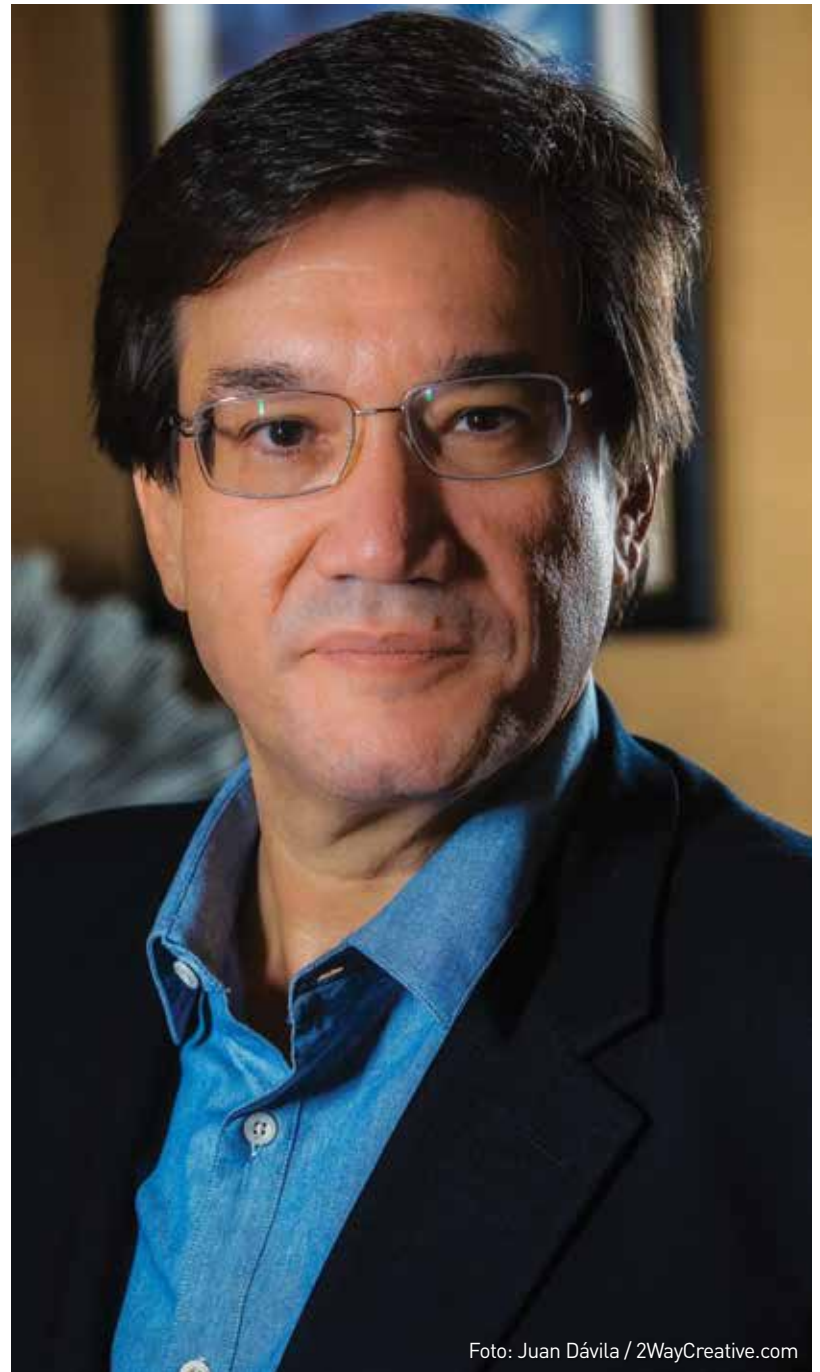


Foto: Juan Dávila / 2WayCreative.com

**“Ninguém que não tenha nascido para isso e não esteja disposto a viver só para isso conseguiria persistir numa profissão tão incompreensível e voraz, cuja obra se acaba depois de cada notícia.”**

**“O jornalismo escrito é um gênero literário.”**

**“O próprio exercício da profissão impunha a necessidade de formar uma base cultural, e o próprio ambiente de trabalho se encarregava de fomentá-la. A leitura era um vício de trabalho.”**

**“No caso específico do jornalismo, parece que a profissão não conseguiu evoluir na mesma velocidade que seus instrumentos, e os jornalistas se perderam no labirinto de uma tecnologia em disparada desenfreada para o futuro.”**





**“A melhor notícia nem sempre é a que se dá primeiro, mas muitas vezes a que se dá melhor.”**

**“O gravador ouve mas não escuta; repete como um papagaio digital, mas não pensa; é fiel, mas não tem coração; e no fim das contas sua versão literal não será tão confiável como a de quem presta atenção às palavras vivas do interlocutor, que as avalia com sua inteligência e as qualifica com sua moral.”**

**“É um consolo imaginar que muitas das transgressões éticas, e tantas outras que aviltam e envergonham o jornalismo atual, nem sempre ocorrem por imoralidade, mas também por falta de domínio profissional.”**



Linha de atuação

# Narracão



# 1.1

## Panorama

# Das margens ao centro

Oficina de jornalismo e literatura com Jon Lee Anderson, Barranquilla, 2012.  
Foto: Camilo Rozo.

Mesmo correndo o risco de cair em simplificações, poderíamos dizer que o jornalismo latino-americano avança em várias velocidades. Profundas transformações da profissão e da mídia emergente, com novos esquemas de operação e financiamento, convivem com veículos tradicionais, mais fortes nas capitais políticas e econômicas e mais fracos nas províncias, mas cujo modelo de negócio, baseado essencialmente na publicidade e na difusão, ainda rende dividendos econômicos, sociais e políticos, embora decrescentes. Nesse contexto florescem diversos processos, com as peculiaridades da nossa região: irrompem novas plataformas como um desafio para as antigas, que por sua vez tentam se renovar e competir por sua fatia de mercado nestes novos tempos; criam-se novos vasos comunicantes da mídia com a academia, as empresas, as organizações da sociedade civil e outros atores sociais; observa-se um crescente pluralismo e a revalorização de conteúdos voltados para diferentes comunidades de audiência.

**19 anos** depois de ter sido criada por **Gabo**, a FNPI é reconhecida como um dos centros de formação e desenvolvimento profissional de jornalistas mais importantes da América Latina.

Um dos fenômenos mais interessantes do presente é o ressurgimento da crônica jornalística, que tem suas próprias raízes na história cultural da América Latina, pela mão de empreendimentos editoriais dedicados ao jornalismo narrativo, dando lugar a uma época do que poderíamos denominar jornalismo de autor, com marcas pessoais e independentes, que se perfilam nos mercados e nas redes sociais de forma distinta do jornalismo feito por equipes com a marca das empresas de mídia.

Da FNPI vislumbramos, nos dois anos cobertos por este relatório, movimentos nessas linhas tectônicas. Para apresentá-los nos valeremos da nossa própria voz, mas também de uma espécie de conversa com amigos de várias latitudes que nos acompanharam neste período: Que futuro vislumbramos para o jornalismo narrativo na América Latina? Que tendências detectamos? Qual foi e será o papel da FNPI em tudo isso?

## As gerações

Desde o início, a FNPI tem apostado na ideia do jornalista como autor. De fato, há quem atribua a ela a coesão de quase toda uma geração latino-americana, que constitui a maioria daqueles que hoje aparecem em antologias e revistas e que ministram oficinas na região.

Patricia Nieto, uma expoente do jornalismo narrativo contemporâneo na Colômbia, identifica três gerações distintas:

“O primeiro grupo é o do cronista maduro, adulto, erudito, refinado, com uma grande obra, com altas vendagens, que vai se transformando em autor cult: por exemplo, Juan Villoro, Martín Caparrós, Francisco Goldman, Héctor Feliciano, entre outros.

Depois vem um grupo de meia-idade, filhos da Fundação Novo Jornalismo: personagens que combinam uma obra pessoal, a publicação permanente, pelo menos, em revistas de circulação nacional e a participação em diversos eventos e foros do seu país. Esse grupo vem criando projetos coletivos, associações, publicações nos moldes de Anfibia. Há um trabalho colaborativo e solidário, o que não quer dizer sem recursos, pois há tam-

bém pessoas formando redes de apoio ou atraindo recursos internacionais. Trata-se de fazer coisas juntos: desistir da corrida para ver quem publica mais para, em vez disso, trabalhar nos bastidores de projetos nos quais os outros é que escrevem. Isso gera uma dinâmica de rede, com oficinas em organizações, em universidades, em casa. Tudo isso é um reflexo desses primeiros anos da Fundação. Vê-se aí um salto e uma construção da FNPI, que criou uma impressionante rede de amigos na América Latina, e isso vai dando seus frutos nesse grupo intermediário.

Finalmente, há um terceiro grupo, no qual se percebe a necessidade de fazer uma obra individual, onde importa menos o colega, onde se vê uma estética literária acima do compromisso social do jornalista. Quer dizer: escrevo porque gosto, por escrever, porque quero que me leiam. Aqui o traço do jornalismo com compromisso, como agente social, não é tão claro, parece estar na corda bamba. Não que se tenha perdido, mas é como se, em certos países, o papel da política no jornalismo tenha se esvaziado.”

## O modelo econômico

Faz alguns anos, a busca de um modelo econômico para o jornalismo na Internet mais parecia a mítica demanda do Santo Graal. Tentou-se de tudo. Agora se vê que não existe um único modelo relativamente padrão, como acontecia com o jornalismo impresso. O que há é uma combinação de várias estratégias e enfoques.

As publicações que apostam no jornalismo narrativo na América Latina mostram uma saudável diversidade: ora são destacadas lideranças intelectuais que podem também ter o acesso ao capital filantrópico ou de risco, como, por exemplo, João Moreira Salles (Piauí) no Brasil ou Andrés Hoyos (El Malpensante) na Colômbia; ora são repórteres apaixonados com capacidade de gestão de projetos e alianças, como Cristian Alarcón (Anfibia) na Argentina, Julio Villanueva Chang (Etiqueta Negra) no Peru, María Teresa Ronderos (Verdad Abierta) na Colômbia, Mónica González (CIPER) no Chile; ora são grupos de editores e repórteres que concretizam ideais compartilhados em projetos tão interessantes como El Faro em El Salvador, Plaza Pública na Guatemala ou Periodistas de a pie no México; eu empresas que persistem no seu empenho comercial e editorial, incorporando as necessárias mutações, como Gatopardo; ou ainda perspicazes editores que apostaram num modelo comercial bem-sucedido, como é o caso da revista SoHo, nascida na Colômbia, mas com extensões em outros países. Cabe ressaltar que a fundação internacional Open Society Institute contribuiu no financiamento de novos veículos latino-americanos comprometidos com a crônica, não tanto pelo gênero em si, mas por seu compromisso e capacidade de abordar temas críticos para uma agenda em favor da democracia.

Alejandro Almazán, ganhador na categoria texto na primeira versão do Prêmio Gabriel García Márquez de Jornalismo em 2013, ilustra o caso do seu país:

“No México existem algumas tentativas, mas o modelo econômico não vingou. Há revistas como a Emequis, que continua endividada apesar de ter ganhado muitíssimos bons prêmios. Ainda não é possível sobreviver fazendo jornalismo independente. A exceção é Proceso, que faz coisas muito boas. A chave é o controle das finanças, que deve ficar nas mãos de profissionais; quando é feito por jornalistas, é muito ruim.

Muitos jovens nos tomam como modelo, e isso é muito inquietante. Não que todos eles sejam bons: de vinte, talvez uns cinco. Mas essa geração vai fazer coisas maravilhosas, que começam a chamar a atenção. Por exemplo, tem o pessoal da revista Spleen!, cuja editora trabalha no jornal Reforma,

mas que financia a revista com dinheiro próprio. Como autor, já não tenho apenas o compromisso com o leitor, mas também com esses rapazes.”

Uma boa notícia para os autores jornalísticos é a vitalidade do livro de não ficção – seja em versão física ou digital – e de um formato emergente: o da reportagem ou crônica de média extensão, que não chega a ser um livro impresso, mas sim uma leitura que pode ser comprada por um valor muito baixo, para ler nos aplicativos dos tablets. As editoras desta parte do mundo estão percebendo que a crônica é uma mina de textos e que o público aceita cada vez mais a não ficção como uma forma válida e interessante de leitura e consumo cultural.

Almazán completa:

“Os editores já perceberam isso. Há muitíssimas histórias que estão virando livros. Eles só estão fazendo seu negócio e são uns tubarões, mas, seja como for, é um refúgio onde podemos contar histórias. Eles fazem isso por dinheiro, ou pelo que você quiser, mas fazem. Mesmo que sirvam mais McDonalds do que bifés ou espalhem livros recheados de fofoca.”

*La FNPI le ha apostado desde sus inicios a la idea del periodista como autor. De hecho muchos le atribuyen el impulso y cohesión de casi toda una generación latinoamericana de nuevos cronistas.*

## As novas espécies

Será que existe uma palavra capaz de designar com precisão essas mil formas de fusão, influência ou sobreposição dos rios que fluíam cada um por seu próprio leito, como o jornalismo, a academia, o humor ou a pesquisa social? Por um lado, revistas como Piauí, no Brasil, põem na mesma coqueteleira a boa narrativa, o humor, a crítica social e a investigação jornalística. No Chile, The Clinic vai dando a guinada de ser uma publicação de sátira política num veículo com reportagens de fundo; na Argentina, Anfibia, uma revista que aposta no encontro das águas do jornalismo e da academia, avança a passo firme. Como explica seu fundador, Cristian Alarcón, ele mesmo um destacado cronista do continente, aluno e mais tarde professor da FNPI:

“É uma tendência de época. O que vem acontecendo é o reconhecimento de que não podemos fazer tudo, de que não bastam as ferramentas da literatura e do jornalismo, com toda sua complexidade, para entender certas realidades. Não é que, como jornalista, eu precise virar um teórico ou um acadêmico, mas sim completar certas leituras para conseguir olhares diferentes. É preciso olhar não apenas para o trabalho de outros jornalistas, mas voltar os olhos para outras profissões. Na nossa Anfibia, e no projeto criado em torno dela, sente-se a reverberação interdisciplinar de outros campos.”

Essa visão de Alarcón é complementada por Patricia Nieto, que além disso é professora da Universidade de Antioquia, na Colômbia:

“Os muros de disciplinas como a antropologia ou a sociologia, que por muito tempo foram altíssimos, estão caindo. Do lado de cá também estamos aceitando que ali há narradores.”

# O papel da FNPI na crônica da América Latina

Pode-se dizer que este biênio 2012-2013 marcou a consolidação do reconhecimento do estímulo que a FNPI tem dado à crônica e à reportagem na América Latina, desde que abriu as suas portas.

Artigos em jornais como *El País* e duas antologias de abrangência continental como *Mejor que la ficción* (Anagrama) e *Antología de crônica latinoamericana actual* (Alfaguara), comprovaram o importante papel desempenhado pela FNPI na promoção desses formatos narrativos. Mais importante ainda, a maioria dos profissionais-referência da região ali citados ou entrevistados são professores ou oficinheiros de longa data da FNPI:

Houve um tempo em que não existia nada do que existe. Um tempo — não tão remoto: 1996, 1997 — em que não existiam os chamados “cronistas latino-americanos” (nem revistas que os publicassem, nem antologias que os reunissem). [...] Depois, há pouco mais de quinze anos, algumas coisas começaram a acontecer. Em meados dos anos 90, em Cartagena das Índias, sob a tutela de Gabriel García Márquez, surgiu a Fundação Novo Jornalismo Ibero-Americano (FNPI, na sigla em espanhol).

A FNPI conseguiu produzir uma geração de jornalistas que sabiam que sua atividade não era lá muito atraente, mas que acreditavam haver uma espécie de além que era, sim. As oficinas da Fundação mostraram a possibilidade desse além. Esse trabalho foi complementado com o das revistas. E com tudo isso se construiu a saga da crônica.

Leila Guerriero, para *El País*, Espanha

## Leitores, autores e editores

E em geral a crônica na América Latina não é um produto de massa, mas de nicho, tanto em sua produção como em seus usos. Mas quando olhamos a região como um todo descobrimos que quem costuma mostrar mais interesse pela crônica são os leitores mais curiosos, os que seguem autores ou veículos não apenas do seu próprio país, mas também do exterior. Estão sendo gerando públicos que atravessam as fronteiras. Vemos um continente com ascensão de classes médias, com taxas mais altas de educação universitária e com novas demandas sociais.

Nesse sentido, a crônica foi favorecida pela Internet, na medida em que a rede permite uma maior escala de mercado, de comunidade de interesses e, ao mesmo tempo, de nicho, chegando a leitores antes inatingíveis. Se outrora o jornalismo era canalizado pela mídia tradicional, agora mais cidadãos estão exercendo certo tipo de jornalismo através da mídia social, dos blogs. Assim como também estão surgindo veículos que rompem com os esquemas tradicionais e que podem ser apoiados por uma fundação ou por uma universidade.

Contudo, a noção de autor parece ter uma dupla, e simultânea, personalidade. Há jornalistas que vão se tornando tão importantes quanto os veículos, que exemplificam a marca pessoal, que inscrevem seu nome no ideal do jornalista como autor. Ao mesmo tempo, diante das novas formas de construção de narrativas, dos novos formatos, a noção de autor parece diluir-se, como assinala Patricia Nieto:

“Ainda não conseguimos a junção entre a tecnologia e a construção de uma narrativa. A linguagem do digital é balbuciante. É como se a condição do autor estivesse mudando, como se ele não fosse mais aquele senhor com nome ou pseudônimo que assina um texto, ou uma série de fotos, ou um documentário, e sim as muitas mãos que participam da feitura de um produto, alterando essa noção. O futuro parece indicar que logo haverá obras sólidas de autoria coletiva, mas isso ainda não aconteceu.”

Já nos últimos anos a figura do editor vem ganhando um novo papel. Na nossa região há alguns casos paradigmáticos, como o de Julio Villanueva Chang, com sua revista *Etiqueta Negra*, no Peru. Com eles temos uma crônica trabalhada com enorme rigor, tanto no próprio texto como na verificação de dados, calcados no modelo da *New Yorker* e de outros veículos norte-americanos.

Mas atualmente vemos surgir uma nova concepção do seu papel, que não eliminará nem substituirá as outras noções de editor/editar mas lhe dará outros significados, como aponta Alarcón:

“A grande questão do editor na América Latina é encontrar autores que também suportem processos exaustivos e coletivos de edição. Não é só no plano autoral, isso também afeta a edição que, ao incorporar o digital, começa a ser realizada por várias cabeças editoriais: quem pensa a arte, quem pensa as redes sociais, quem pensa o marketing digital, quem cria os títulos. É um grande monstro que chega a ser uma coisa com certa voz própria, apesar de ser tão coletiva.”

## A investigação como pilar

A crônica teve a sensibilidade de praticar uma forma de jornalismo que indaga as problemáticas da complexa realidade da nossa América Latina, que investiga detalhadamente alguns dos nossos problemas mais urgentes. Vista assim, a crônica torna-se um jornalismo para o conhecimento.

Nem aquelas novas espécies mencionadas acima, nem a crença, falsa, de alguns principiantes de que a crônica é apenas uma questão de belas palavras, e não algo que nasce de uma reportagem profunda, puderam banir a noção básica de que o pilar fundamental é a investigação dos fatos. Parece até que este tempo de transformação da profissão não faz mais que reforçar esse princípio, como o aponta Cristian Alarcón:

“Tanto na crônica como na reportagem, a investigação é imprescindível, não há nada que possa mudar isso. A investigação deixa de ser algo que fazemos excepcionalmente e passa a ser uma postura e uma ação construída no dia a dia. Pois bem, um jornalismo de investigação bem escrito não só é necessário, como já está despontando. Somos muitos os que temos dado mais ênfase à investigação do que à criatividade literária. Equilibramos os dois fatores do escritor cronista: sua capacidade de investigar e sua capacidade de sustentar bem aquilo que afirma. A investigação se dá a partir de diversas motivações, por exemplo, a oficina pessoal, os projetos trabalhados mais além da notícia e o trabalho cotidiano. Damos muita ênfase ao rigor, tanto no plano ético como nos fatos, procurando nos ater a eles.”

Em **19 anos** de operação, a FNPI organizou mais de **550** oficinas, seminários e atividades presenciais e online que beneficiaram mais de **30.000 jornalistas**.

## O papel da FNPI

Como se pode observar, existe uma conjunção de fatores muito interessante. Nesse contexto, o papel da FNPI é e foi o de promotor e catalisador: contribui com professores, inspiração, conhecimento; dá visibilidade a novos autores e modelos; forma redes de colaboração e de colegas que fazem com que os cronistas se conheçam e trabalhem juntos, se espelhem uns nos outros. Somando as oficinas, os prêmios e os encontros, como o de Novos Cronistas, a FNPI plantou sementes que vingaram.

Não se trata apenas da contribuição dada pela FNPI, mas do sentido visionário de oportunidade com que Gabriel García Márquez e seus parceiros,

nossos professores, encararam a organização para adaptar seus programas e propostas às condições ligadas à época, à economia da mídia, à tecnologia, à ruptura de fronteiras, à revalorização do jornalista como autor ou do jornalista que se vê como líder do processo, ou como editor. São todos fatores que incidiram no florescimento da crônica, para a qual vislumbramos um futuro ainda mais interessante que o atual.

A FNPI tem um compromisso com o jornalismo narrativo em geral, não apenas o escrito, mas também com outras linguagens e formatos, como o vídeo, a rádio, a televisão etc. Dentro desse interesse geral, destaca-se a aposta específica da FNPI na crônica, a categoria mais ambiciosa do velho e do novo jornalismo: uma espécie de carro de luxo para descobrir mundos com o jornalismo narrativo.



Carlos Solano, participante da oficina da Bolsa GGM, Cartagena, 2013.  
Foto: Joaquín Sarmiento.



Jaime García Márquez na visita da FNPI a Aracataca, 2013.  
Foto: Joaquín Sarmiento.

# 1.2

## Outros meios e formatos A escritura não é tudo

Embora a FNPI tenha por tradição incentivar de forma muito consistente os gêneros próprios da imprensa escrita, não se deve perder de vista que o que tentamos estimular é a boa narração jornalística em qualquer dos seus formatos, plataformas ou meios.

Acreditamos que a essência de contar histórias tem muito mais a ver com questões como saber montar estruturas narrativas ou ter clareza sobre os fios condutores, os personagens e o contexto. Cada repórter ou editor adapta essas habilidades fundamentais, trabalhe ele no formato escrito, visual, sonoro ou numa mistura deles em qualquer proporção. Nessa mesma linha, não acreditamos que se deva promover um único tipo de narrativa, apontando somente a um conceito que, por vezes, é apenas um rótulo temporário de um fenômeno mais profundo e duradouro (jornalismo multimídia, por exemplo).

Por isso é natural ver que em nossas oficinas são trabalhadas habilidades narrativas em rádio, televisão ou Internet, com jornalistas de formatos diferentes daquele que se considera o núcleo da oficina. Em 2012-2013 foram exemplos disso:

- **(Oficina)** A reportagem fotográfica da vida cotidiana, com Pablo Corral, em Cartagena.
- **(Seminário)** Jornalismo televisivo na era da imagem digital: Tendências e estratégias para a América Latina, no Rio de Janeiro.
- **(Seminário-oficina)** Jornalismo radiofônico, com Juan Gossaín, em Cartagena.
- **(Seminário-oficina)** Jornalismo e mídia digital, com Mario Tascón, em Barranquilla.
- **(Oficina)** Fotografia de não ficção, com Stephen Ferry, em Buenos Aires.
- **(Seminário-taller)** Esta história é outra história, um olhar sobre o jornalismo cultural online, com Olga Lucía Lozano, em Barranquilla.
- **(Oficina)** Crônica Radiofônica com Mandalit del Barco: A cultura no barrio Nelson Mandela, em Cartagena.
- **(Oficina)** Edição fotográfica: Violência e sociedade na América Latina, com Donna DeCesare, em El Salvador.
- **(Oficina)** Cultura Digital no Jornalismo Cultural, com Gumerindo Lafuente e Olga Lucía Lozano, em Mérida, México.

Essas atividades foram complementadas com dezenas de webinários, conferências presenciais, twitcams, bate-papos e outros eventos programados ao longo do ano.



# 1.3

## A oficina de Bastenier Como se escreve para o jornal impresso ou digital

Graças ao apoio da Fundação Promigas, em 2012 e 2013 foram oferecidas novas versões de uma das mais significativas e tradicionais oficinas da programação anual da FNPI: aquela que é ministrada por Miguel Ángel Bastenier em Cartagena, como uma versão reduzida e muito fiel do curso de mestrado que ele oferece na Escola de Jornalismo UAM/El País, na Espanha.

Com duração de quatro semanas, trata-se de uma oficina excepcionalmente longa para os padrões da FNPI. Tem também outra característica peculiar: é a única voltada para jornalistas com menos de três anos na profissão. Os participantes realizam exercícios práticos que os põem à prova ao confrontá-los à extraordinária eficácia com que é possível informar em espanhol, bem como à lógica, à edição e às estruturas narrativas de formatos e gêneros como notas breves, notícias, crônicas e reportagens.

Nas versões de 2012 e 2013, a oficina contou com dois professores convidados: Alejandro Miró Quesada, presidente do conselho editorial da revista Perúana Cosas, que analisou a direção de empresas jornalísticas, e Bernardo Marín, atual subdiretor de El País digital no México, que explorou questões do jornalismo digital.

Ao longo dos anos, mais de 220 jornalistas ibero-americanos conheceram o rigor profissional de Bastenier, tão severo na oficina como intelectualmente generoso e bom amigo fora dela. A convivência e o trabalho intenso também geraram redes que atravessam o continente, amizades sólidas e o germe de trajetórias profissionais que vimos crescer com o passar do tempo.

Bastenier (Espanha, 1940), formou-se em jornalismo em 1961, títulos ao qual se somaram vários outros, como os de direito e história. Sua trajetória profissional é marcada, além de outras experiências em diversos veículos, por seu vínculo com o jornal espanhol El País, onde começou a trabalhar em 1982 e do qual foi subdiretor de Informação Geral, bem como diretor de Relações Internacionais entre 1993 e 2006, e onde atualmente é editorialista. Também é autor de dois livros sobre o conflito árabe-israelense, mais dois sobre a profissão de jornalista.



Miguel Ángel Bastenier em sua oficina, Museu do Caribe, Barranquilla, 2013.  
Foto: Joaquín Sarmiento.



# 1.4

## Narração fotográfica **Um olho na vida do Nelson Mandela**

No Museu de Arte Moderna de Cartagena exposição da oficina de fotojornalismo no Nelson Mandela, 2013 / Foto: Tenaris TuboCaribe.

Entre 28 de janeiro e 1º de fevereiro de 2013, catorze fotojornalistas de oito países da América Latina se reuniram em Cartagena com o professor equatoriano Pablo Corral para descobrir as histórias do barrio (favela) Nelson Mandela. A oficina “A reportagem fotográfica da vida cotidiana” foi promovida pela FNPI, aliada às fundações Tenaris TuboCaribe (Colômbia) e PROA (Argentina).

O barrio Nelson Mandela é um dos maiores receptores de pessoas deslocadas pela violência na Colômbia e é comum vê-lo representado, desde sua formação, na década de 1990, como uma área marginalizada e violenta. Todo ano se realiza ali uma oficina, apenas mudando o formato narrativo: assim, em 2012 o tema foi o rádio, com a oficina ministrada por Mandalit del Barco, e em 2014, na época do fechamento deste texto, foi convocada a oficina de “Narração em jornalismo audiovisual” com Caco Barcellos.

Além dos objetivos próprios da FNPI em melhorar as habilidades profissionais e o sentido de rede, no caso das oficinas no Nelson Mandela, é muito importante chegar de maneira consistente a uma das áreas mais vulnerá-

veis da cidade-sede da Fundação, fazendo ali coberturas jornalísticas com altos padrões éticos e técnicos.

As oficinas são realizadas todos os anos, conjugadas ao Hay Festival, e contam com o apoio institucional da Fundação Tenaris TuboCaribe. As fotos a seguir são apenas uma amostra do que se conseguiu nesses dias intensos, que terminaram com exposições no próprio local e no Museu de Arte Moderna da Cartagena, com a presença dos retratados.

No biênio 2012-2013 também foram organizadas outras oficinas de fotografia, como a de não ficção, com Stephen Ferry, em Buenos Aires, e a de edição fotográfica, com Donna DeCesare, em San Salvador.

No caso das oficinas no Nelson Mandela, é muito importante chegar de maneira consistente a uma das áreas mais vulneráveis da cidade-sede da Fundação, fazendo ali coberturas jornalísticas com altos padrões éticos e técnicos.



Foto: Atilio Orellana, participante da oficina.



Foto: Augusto Otero.



**21 jornalistas de 8 países** participaram das oficinas de reportagem radiofônica e fotográfica no bairro Nelson Mandela. As crônicas que eles elaboraram mostraram as outras faces desse território onde reside a população deslocada pela violência.

Foto: Rodrigo Cruz, tallerista.



Grupo de participantes da oficina.  
Foto: Tenaris TuboCaribe.



Foto: Cristian Escobar Mora, tallerista.



Foto: Joaquín Sarmiento, participante da oficina.



Foto: Atilio Orellana, participante da oficina.



# 1.5

II Encontro Novos Cronistas das Índias

## A crônica na América Latina: balanço e futuro

Entre os dias 1º e 12 de outubro de 2012, na Cidade do México, voltamos a reunir — em associação com Conaculta — noventa autores e editores representantes de diversas tendências da crônica ibero-americana. Foi o Segundo Encontro de Cronistas das Índias, “Um mundo de histórias por descobrir”.

Na voz de Camilo Jiménez, relator desse encontro: “as ideias que circulam numa reunião dessas podem ser incontáveis. Os projetos, as promessas, os planos, os casos, as experiências não cabem em quinze páginas, nem em trinta, nem em cem. Por isso, este texto é apenas uma breve síntese de uma reunião muito substancial”.

O que se segue é a síntese da síntese feita por Jiménez: uma seleção de reflexões que funcionam como uma atualização sobre o estado, no âmbito ibero-americano, desse gênero maior do jornalismo, tão fundamental na atividade e nos objetivos da FNPI.

### Do que falamos quando falamos de crônica?

“A crônica coloca numa espécie de encruzilhada dois planos da realidade: os acontecimentos que aconteceram e o olhar subjetivo de quem vai narrá-los.”

*Juan Villoro, México*

“A crônica é um gênero absolutamente hiperdefinido. Passamos quase tanto tempo definindo a crônica como escrevendo-a. Mas acho que é mesmo necessário mais definição, recortar melhor nosso objeto. Saber se o jornalismo investigativo que alguns mencionaram aqui é uma forma da crônica, o que não o torna nem melhor, nem pior. É só para saber do que estamos falando”.

*Martín Caparrós, Argentina*

“A crônica é o gênero de maior exigência e rigor no jornalismo, porque implica caminhar, indagar, perguntar, cotejar, interpretar, resumir, explicar. Como o gênero livre por excelência, exige a maior disciplina de trabalho do repórter. Como gênero da flexibilidade na linguagem e em suas formas, implica o maior rigor nos princípios básicos do jornalismo”.

*Roberto Zamarripa, México*

### Sobre o que escrevemos quando escrevemos crônicas?

“Se no México e na América Latina há um grande auge do testemunho, é porque nos nossos países ainda há grandes territórios por descobrir, ainda é evidente a orfandade de grandes minorias sociais.”

*Elena Poniatowska, México*



II Encontro de Novos Cronistas das Índias, México, 2012.  
Foto: Guacamole Project.

“O compromisso social, a responsabilidade social do repórter, é muito limitadora. Nem tudo são tragédias, vítimas, tráfico. Explicar quem é Flaubert aos leitores da Folha de S.Paulo também é uma obrigação social.”

Paulo Werneck, Brasil

“A crônica não tem tratado suficientemente da lógica do poder político e do poder econômico. É preciso expor a estrutura lógica desses poderes. Não apenas saber como Carlos Slim acumulou sua fortuna ou os luxos da sua vida, mas saber quem é ele, como pensa, que decisões tomou, e ligar essas decisões com a agenda política dos países onde ele atua.”

*Diego Fonseca, Argentina/Estados Unidos*

“Uma rede de jornalistas daqui do México, da qual faço parte, resolveu contar a história das vítimas. Torná-las visíveis era intencional, um ato de rebeldia ao ‘executômetro’, que todo dia nos joga números, como num placar da guerra: quantas novas baixas... Ninguém quer saber de escutar as vítimas, todo mundo nas cidades as enxerga como empesteadas.”

*Marcela Turati, México*

“Toda crônica na Colômbia é sempre a história de alguém que está em Bogotá e que precisa, por algum motivo, ir até uma fronteira exótica, um lugar remoto e desconhecido. É sempre um espaço que está além, onde há costumes muito estranhos, onde acontecem coisas extraordinárias ou terríveis.”

*Mario Jursich, Colômbia*

“Um dos problemas da crônica contemporânea na Venezuela é que ela não sai de Caracas. Você lê as crônicas venezuelanas, e a maioria é da capital. [...] Também é preciso ampliar o leque dos temas, o jornalismo tem se restringido ao comentário do dia a dia político. É preciso voltar aos perfis dos grandes personagens, ou dos personagens da margem.”

*Albinson Linares, Venezuela*

## Crônica e compromisso

“Me dá medo quando alguém diz ‘a crônica deve ser feita assim’, ou ‘a crônica deve ser comprometida’. Não. É um gênero livre, dos mais livres, e deve-se aproveitar dessa liberdade para experimentar. A crônica não tem nenhum compromisso com nada nem com ninguém, mas as pessoas que estamos por trás dela, sim, temos um compromisso. E quanto mais honesto for esse compromisso, melhor será a crônica”.

*Juan Fernando Andrade, Ecuador*

“Escrever com compromisso é, também, observar como as vítimas administram o cotidiano.”

*Patricia Nieto, Colômbia*

“Temos um grande inimigo interno, que é a impunidade. [...] A grande história que queremos escrever e publicar tem um único grande objetivo: lutar contra a impunidade. O jornalismo pode mudar a agenda, pode interferir num ato corrupto e fazer com que seus responsáveis respondam por ele na justiça. A condição é que a investigação seja tão rigorosa que ninguém possa desmenti-la.”

*Mónica González, Chile*

Há uma aposta específica da FNPI na crônica, que tem mais peso de autor e que vemos como uma categoria mais ambiciosa: o carro de luxo do jornalismo narrativo.



Margarita García, participante do II Encontro de Novos Cronistas das Índias, México, 2012 / Foto: Guacamole Project.



“O compromisso social, a responsabilidade social do repórter, é muito limitadora. Nem tudo são tragédias, vítimas, tráfico. Explicar quem é Flaubert aos leitores da Folha de S.Paulo também é um compromisso social.”

*Paulo Werneck, Brasil*

## Como fazemos o que fazemos?

“Se um cronista não se mata investigando, é porque escreve mal. Por outro lado estão os neopoetas cronistas, que procuram um espaço para fazer só literatura.”

*Cristian Alarcón, Argentina*

“Para mim é muito importante ser muito obsessivo com a investigação, e esse modo de encará-la já diz muito da minha personalidade, do meu caráter. Se a gente não fizer bem o trabalho de reportagem, é impossível contar uma boa história.”

*Joseph Zárate, Perú*

“Se tem uma coisa que eu gosto no gênero, é que ele minimiza as perguntas. Você pode passar um dia inteiro sem fazer uma única pergunta, ou fazendo só as imprescindíveis. Além disso, elas podem ser idiotas, e eu adoro isso. Porque, enquanto a maioria das pessoas quer fazer perguntas inteligentes, eu sou fascinado pelas perguntas idiotas, porque são muito humanas, porque tocam no fundo da alma do personagem, porque fazem com que ele se sintam à vontade. Eu adoro que o personagem se sintam tranquilo e que comece a pensar em voz alta.”

*Alberto Salcedo Ramos, Colombia*

“Sempre que eu me sento a escrever, começo me perguntando o que diria a minha avó. Eu me preocupo com que ela entenda o que digo e quero dizer. Uma mulher simples, básica. Eu me dirijo a essa leitora. Já não quero agradar a outros jornalistas ou ao meu editor: quero agradar a alguém como minha avó”.

*Rocío Montes, Chile*

## O trabalho dos editores

Um diálogo:

- Faulkner costumava dizer: eu quis ser poeta e virei contista, quis ser contista e virei romancista. E poderíamos acrescentar: quis ser romancista e virei cronista.

*Edgardo Rodríguez Juliá, Puerto Rico*

- Impossível descer mais baixo, não é?

*Martín Caparrós, Argentina*

- Existe outra possibilidade: ser editor.

*Ricardo Cayuela, México*

“O trabalho do editor consiste em aprender a escolher, aprender a esperar e aprender a acompanhar.”

*Julio Villanueva Chang, Perú*

“Parte da função do editor é ser meio burro diante do jornalista e trabalhar o texto, exigir e perguntar quando não entender alguma coisa. Involuntariamente, é uma boa definição do editor: bancar um pouco o bobo.”

*Juan Ignacio Boido*



Diego Fonseca e Julio Villanueva Chang, II Encontro de Novos Cronistas das Índias, México, 2012 / Foto: Guacamole Project.

“Nos jornais também faltam editores para nos guiar, você pode um ter uma boa ideia, mas do outro lado não tem essa voz que te ajude, que te leve, que te confronte.”

*Ana Teresa Torres, Venezuela*

“A crônica, ao contrário da literatura, favorece o trabalho conjunto do editor com o autor. A reciprocidade é fundamental. Criar ideias juntos, linhas de investigação, estrutura, perspectiva. Nesse sentido, editar crônica e jornalismo é muito mais estimulante. Afinal de contas, o que faz a diferença é a colaboração e a cumplicidade.”

*Andrés Ramírez, México*

## O leitor, esse desconhecido

“Minha principal inquietação é quem nos lê. [...] Estamos escrevendo para um público pequeno. É muito bonita essa história de que damos voz aos que não têm voz. Mas em última análise estamos falando de um jornalismo que é dirigido aos mesmos de sempre, às pessoas de classe média que compram o jornal, que têm necessidade de se informar sobre... o que conhecemos por sociedade civil. Fora disso, acho que, no fim das contas, nossa repercussão é mínima.”

*Edgardo Rodríguez Juliá, Puerto Rico*

“O problema da publicação já foi resolvido há muito tempo pela tecnologia. Qualquer um pode publicar. O que falta é audiência. Por outro lado, temos que ver como as pessoas acessam a informação. As audiências estão dispostas a olhar nossos conteúdos, mas não estão dispostas a que lhes digamos quando nem como. É um desafio enorme.”

*Pablo Mancini, Argentina*

“Agora o acesso à informação, aos relatos, é maior do que antes. Eu pude ver, em El País, o acesso à informação através de dispositivos móveis crescer de forma assustadora. Devemos nos colocar no lugar do consumidor de informação para ver quais são seus ritos de acesso. O que eles nos demandam, de que forma podemos chegar a eles, como usam esses dispositivos móveis, em que momentos do dia, em que momentos da vida nos consultam.”

*Gumersindo Lafuente, España*

# 1.6

## Balanco de atividades Linha: narração jornalística

# 2012

### Oficinas e Seminários

Oficina de Crônica Radiofônica:  
A cultura no barrio Nelson Mandela  
Com Mandalit del Barco  
Cartagena, de 23 a 27 de janeiro  
Parceiros: Fundação PROA e Tenaris TuboCaribe

Oficina de Jornalismo Narrativo para a Informação Cultural  
Com Leila Guerriero  
México D.F., de 16 a 20 de abril  
Parceiros: CONACULTA e CENART

Oficina de Jornalismo e Literatura: Crônicas da Barranquilla de García Márquez  
Com Jon Lee Anderson  
Barranquilla, de 23 a 27 de maio  
Parceiros: SoHo, Secretaria da Cultura de Barranquilla e CAF

Oficina Como se escreve no jornalismo  
Com Miguel Ángel Bastenier  
Cartagena, de 30 de julho a 24 de agosto  
Parceiros: Universidade Jorge Tadeo Lozano e Promigas

Seminários  
II Encontro Novos Cronistas das Índias  
México D.F., de 10 a 12 de outubro  
Parceiro: CONACULTA

### Atividades Públicas

O rádio e suas possibilidades narrativas  
Com Mandalit del Barco, Mario Murillo e Martina Castro  
Cartagena, 28 de janeiro  
Parceiros: Fundação PROA e Tenaris TuboCaribe

Bate-papo  
Como desaparecer completamente?  
Com Leila Guerriero  
México D.F., 19 de abril  
Parceiros: CONACULTA e CENART

Procurando Gabo  
Encontro de Jon Lee Anderson com os jornalistas de Barranquilla  
25 de maio  
Parceiros: SoHo e Secretaria da Cultura de Barranquilla

Homenagem a Eligio García Márquez  
Cartagena, 28 de maio  
Parceiros: SoHo e Secretaria da Cultura de Barranquilla

I Encontro Novos Cronistas das Índias  
Colóquios abertos ao público  
México D.F., de 10 a 12 de outubro  
Parceiro: CONACULTA

### Atividades online

Chat "A explosão da escritura online"  
Com Héctor Abad Faciolince  
24 de janeiro  
Parceiro: Hay Festival, PROA, Tenaris TuboCaribe e AECID

Twitcam "O rádio e suas novas possibilidades"  
Com Mandalit del Barco  
25 de janeiro  
Parceiros: Hay Festival, PROA, Tenaris TuboCaribe e AECID

Twitcam "O método do cronista"  
Com Alberto Salcedo Ramos  
9 de fevereiro  
Parceiro: Carnaval de Las Artes

Twitcam "De crônicas e ornitorrincos"  
Com Juan Villoro  
11 de fevereiro  
Parceiro: Carnaval de Las Artes

Entrevista em rede com Leila Guerriero  
19 de abril  
Parceiros: CONACULTA e CENART

Twitcam "Entrevista com Jon Lee Anderson"  
29 de maio  
Parceiros: SoHo e Secretaria da Cultura de Barranquilla

Twitcam para repórteres  
Com Alberto Salcedo Ramos  
6 de junho  
Parceiros: CONACULTA e CENART

A linha de narração jornalística procura formar em reportagem, relato e edição de histórias com valor jornalístico, estimular o jornalismo narrativo e apoiar novas gerações de autores.

# 2013

## Oficinas e Seminários

Oficina de fotojornalismo:  
“A reportagem fotográfica da vida cotidiana”  
Com Pablo Corral  
Cartagena, de 28 de janeiro a 1º de fevereiro  
Parceiros: Fundação Tenaris TuboCaribe e  
Fundação PROA

Oficina de fotografia de não ficção  
Com Stephen Ferry  
Buenos Aires, de 24 a 28 de junho  
Parceiros: Fundação PROA e ARGRA

Oficina “Como se escreve para o jornal impres-  
so ou o digital”  
Com Miguel Ángel Bastenier  
Cartagena, de 5 a 30 de agosto  
Parceiros: Promigas e Universidade Jorge Tadeo Lozano

Oficina de reportagens  
Com Jon Lee Anderson  
Rio de Janeiro, de 4 a 8 de novembro  
Parceiros: Revista Piauí, Revista Serrote e  
Instituto Moreira Salles

## Atividades Públicas

Colóquio sobre o Caribe e o que significa es-  
crever a partir de uma ilha  
Com Héctor Feliciano, Francisco Suniaga e  
Sergio Dahbar  
Cartagena, 23 de janeiro  
Parceiro: Universidade Jorge Tadeo Lozano

Bate-papo “Ficção ou não ficção”  
Com Francine Prose, John Ralston Saul e  
Jonathan Bastian  
Cartagena, 25 de janeiro  
Parceiro: Ministério da Cultura da Colômbia

Bate-papo “A crônica fotográfica como teste-  
munho da realidade”  
Com Pablo Corral, Stephen Ferry, William  
Fernando Martínez e Mauricio Lima  
Cartagena, 25 de janeiro  
Parceiros: Fundação Tenaris TuboCaribe, Hay  
Festival e Fundação PROA

Bate-papo com Jon Lee Anderson  
Rio de Janeiro, 7 de novembro  
Parceiro: Instituto Moreira Salles

## Atividades online

Twitcam “Letras com sons: falar de um  
mistério”  
Com Diego Fischerman  
11 de janeiro  
Parceiro: Ministério da Cultura da Colômbia

Videoconferência “O relato da realidade”  
Com Mauricio Lima  
25 de janeiro  
Parceiros: Hay Festival, Fundação PROA,  
Fundação Tenaris TuboCaribe e AECID

Webinário “Ebooks para o jornalismo que não  
cabe nos jornais”  
Com Fernando García Mongay  
14 de fevereiro  
Parceiro: eCíceros

Webinário “Narração visual: o poder das ima-  
gens para contar histórias”  
Com Mariana Santos  
16 de maio

Webinário “Chaves para visualizar informação  
econômica e financeira”  
Com Chiqui Esteban  
Parceiro: CAF



Linha de atuação

# Ética

fundación  
Gabriel García Márquez  
para el nuevo  
periodismo iberoamericano

**fnpi**



A insistência de **Gabo** em que a ética sempre deve acompanhar o jornalismo, como o zumbido acompanha o besouro, fez com em que essa questão se tornasse um eixo estratégico da FNPI.

# 2.1

## Da ética individual à ética empresarial

“A ética não é uma coisa puramente estática, é uma coisa dinâmica que evolui sem parar.”

Rosental Alves

O trabalho constante em torno da ética jornalística foi, desde o início, uma das marcas da FNPI. A insistência de Gabo nesse aspecto central da profissão, referendada por sua já famosa frase “A ética deve sempre acompanhar o jornalismo, como o zumbido acompanha o besouro”, fez com que a questão se tornasse um eixo estratégico em todas as nossas atividades, além das oficinas específicas, fóruns, livros e do bem-sucedido Consultório Ético. A referência no assunto foi e continua sendo Javier Darío Restrepo, que ministrou numerosas oficinas em todo o continente, escreveu *El zumbido y el moscardo*, publicado na nossa coleção em parceria com o Fondo de Cultura Económica, e durante todos esses anos cuidou do Consultório.

Mais tarde houve uma reviravolta. Já tínhamos mais perguntas do que respostas, porque aquela primeira ênfase na imprensa escrita abriu-nos a novos campos de desafios e dilemas, a outros formatos como a fotografia, os produtos multimídia. E em meio a tudo isso, a Internet e o digital como elementos que alteram definitivamente a equação.

Nos últimos anos, nosso olhar se estendeu para além da prática de repórteres e editores, abrindo novas linhas de reflexão e análise centradas no mundo empresarial de mídia e jornalismo. Com novos aliados, criamos novos focos de reflexão, como os padrões do Suplemento para o Setor de Mídia do Global Reporting Initiative – GRI – ou a Rede Ética Segura.

Com o êxito daquelas primeiras formulações, sentimos, da parte de jornalistas e empresas, a crescente necessidade de apoio nesse terreno. Isso ampliou nosso raio de ação, contando com o generoso respaldo do Grupo SURA e de suas filiais na América Latina. A ética deixou então de ser uma preocupação transversal da FNPI para tornar-se um eixo estratégico independente. O tema foi ampliado para poder incluir todos os dilemas que implica o digital, e por outro lado reforçamos nosso trabalho em ética empresarial da mídia. As próximas páginas darão conta dessas transformações.



Oficina do Prêmio GGM, Medellín, 2013.  
Foto: arquivo FNPI

## 2.2

Suplemento GRI

### **Como tornar as empresas de mídia sustentáveis e transparentes?**

O Suplemento GRI para o setor de mídia procura ajudar os órgãos de comunicação a articularem claramente seu papel de apoio no progresso de uma sociedade sustentável, além de desenvolver maneiras de medir e melhorar seu desempenho.

O Global Reporting Initiative – GRI –, organização com sede em Amsterdã (Holanda), desenvolveu um modelo de roteiros para a realização de memórias de sustentabilidade em todo tipo de organizações. Sua visão é que “a informação sobre o desempenho econômico, ambiental e social de todas as organizações seja tão rotineira e comparável quanto a informação financeira”. No marco desses roteiros, aplicáveis a todo tipo de empresas e organizações, o GRI desenvolve adicionalmente suplementos setoriais que permitem o aprofundamento em questões mais específicas.

O Suplemento GRI para o setor de mídia procura ajudar os órgãos de comunicação a articularem claramente seu papel de apoio no progresso de uma sociedade sustentável, além de desenvolver maneiras de medir e melhorar seu desempenho. Nasceu de um projeto conjunto do GRI com a FNPI, a Fundação AVINA e a Universidade Javeriana da Colômbia. O processo do “Grupo de Trabalho do Suplemento do Setor de Mídia”, coordenado pela FNPI e seus parceiros, foi realizado entre dezembro de 2009 e dezembro de 2011.

Esse trabalho de dois anos incluiu 20 representantes de empresas de mídia e organizações ambientais, trabalhistas e não governamentais como The Guardian e BBC, Bertelsmann, Vivendi, Clarín, Warner Brothers, The Nature Conservancy, ANDI Comunicação e Direitos, a Federação Internacional de Jornalistas e Transparência Internacional.



Uma das principais transformações que está vivendo a indústria de mídia passa pela exigência de uma nova maneira de se relacionar com a sociedade, mais aberta e transparente.

O Suplemento foi lançado em Túnis no marco do dia mundial pela liberdade de imprensa, organizado pela Unesco em maio de 2012.

Nesse mesmo ano, a FNPI, no marco do seu programa de ética jornalística e sustentabilidade da mídia, que conta com o apoio do Grupo SURA e suas filiais na América Latina, considerou necessário desenvolver um trabalho adicional para extrair de todo o conjunto de indicadores do Suplemento, que também incluía as empresas de entretenimento, aqueles ligados exclusivamente à prática jornalística. Como resultado, elaborou-se, com o apoio de Geraldinho Vieira, o Roteiro de autoavaliação “Um novo caminho empresarial rumo ao jornalismo de qualidade”, que foi oferecido a diretores e jornalistas de toda a região no intuito de contribuir para que as empresas de mídia possam começar a se avaliar de uma perspectiva de sustentabilidade com padrões de nível mundial.

## Um novo caminho empresarial rumo ao jornalismo de qualidade

Uma das principais transformações que está vivendo a indústria de mídia passa pela exigência de uma nova maneira de se relacionar com a sociedade, mais aberta e transparente. Como bem aponta o GRI, “[como] os órgãos de comunicação e seus veículos de notícias muitas vezes funcionam como vigilantes da sociedade, por fiscalizarem a responsabilidade dos outros por suas ações... [existe] a expectativa de que os próprios órgãos de comunicação sejam regidos por altos padrões de governança e ética”.

Face aos constantes avanços tecnológicos e com o espaço público revolucionado pela Internet, os cidadãos exigem informação confiável e esperam das empresas de mídia o compromisso de atuarem como um filtro capaz de garantir veracidade e ética nos processos de produção e difusão de notícias. Para realizar esse compromisso, as empresas do setor devem aperfeiçoar seus mecanismos de autoavaliação e estabelecer um diálogo plural e franco com seus diferentes grupos de interesse (stakeholders) em torno de diversos aspectos.

O Roteiro de Autoavaliação procura incentivar a nascente cultura empresarial, já adotada por vários órgãos latino-americanos, de publicar relatórios de responsabilidade social. Assim, sua aplicação significa um primeiro passo muito útil nessa direção: aprofundar a visão de diretores e jornalistas sobre os aspectos organizacionais que determinam a prática de contar as histórias de nossa vida, entender, explicar e melhorar o mundo em que vivemos.

O roteiro extrai as informações e indicadores do Suplemento para o Setor de Mídia do GRI e os transforma numa série de perguntas que servem de referência para iniciar uma dinâmica de análise, para a qual a empresa poderá convocar diretores, jornalistas e outros grupos de interesse (stakeholders), como, por exemplo, painéis de consulta com outros setores de funcionários, fornecedores, anunciantes e audiência.

## Três professores falam dos desafios éticos no ambiente digital

### Gumersindo Lafuente:

“Penso, por princípio, que o trabalho do jornalista não é fazer publicidade. Nem nas redes sociais, nem no jornal ou na rádio onde trabalha. É verdade que o cenário das redes sociais é novo e imaturo, e que estão surgindo situações inéditas. Mas acho que, exceto no caso de um tipo de jornalismo que em outros canais já assumiu esse papel, como pode fazer certo tipo de jornalismo esportivo, o jornalista não pode fazer publicidade. E quando o faz, acredito que seja uma extensão do seu trabalho no canal principal, e ele deveria, portanto, chegar a um acordo com a empresa onde trabalha, pois essa publicidade será paga, em parte, por causa da notoriedade que esse jornalista conseguiu alcançar no veículo que lhe provê o salário mensal.”

Entrevista concedida durante a oficina ministrada em Bogotá, entre 1º e 2 de novembro de 2013.

### Javier Darío Restrepo:

“A Internet oferece, assim, essa dupla dimensão: ou o isolamento e a autossuficiência de quem lida com uma tecnologia vistosa e atraente que mergulha a pessoa num mundo virtual; ou a possibilidade de multiplicar contatos, diálogos novos e reveladores, o acesso a conhecimentos a compartilhar. São os dois extremos do dilema ético que cada um tem que resolver para fortalecer sua liberdade.”

“O poder dos veículos de comunicação mudou conforme a amplitude do seu raio de ação. Uma coisa era naquele tempo de juntar letras sobre uma pele ou um papiro, e outra bem diferente neste tempo em que a humanidade se move na galáxia Internet. E quanto maior o poder, mais exigente a responsabilidade”.

Conferência de abertura da oficina de Gumersindo Lafuente, realizada em Bogotá entre 1º e 2 de novembro de 2013.

### Rosental Alves:

“O que vai diferenciar o jornalismo daquilo que parece jornalismo e não é jornalismo são os princípios éticos e profissionais. [...] A era digital trouxe novos desafios à ética jornalística, a ética não é uma coisa puramente estática, é uma coisa dinâmica que evolui sem parar. [...] Não que não se possa dar uma notícia já publicada num veículo de referência, mas sempre se deve citar a fonte de onde vem a informação.”

“O jornalismo deixou de ser exclusivo dos jornalistas. Qualquer pessoa pode cometer atos de jornalismo, mesmo sem saber. Mas o grande perigo é que a cidadania não saiba diferenciar o que é jornalismo daquilo que não é. E aquilo que parece ser jornalismo pode ser deliberadamente enganoso, pode ser uma desinformação perigosa.”

Conferência realizada em Bogotá em 17 de maio de 2013.

# Algumas perguntas do Roteiro de Autoavaliação

## **Quais são as declarações de missão e valores da empresa?**

Considere a maneira como essas declarações foram elaboradas no interior da empresa e com que periodicidade são revistas e atualizadas, bem como o modo como essas declarações foram tornadas públicas. Considere também se existe um código de conduta, um manual da redação ou políticas editoriais que reflitam os valores organizacionais relativos à criação e difusão de conteúdo.

## **Qual é a natureza da propriedade e a forma jurídica da empresa? Quem é (ou são) o(s) proprietário(s) efetivo(s) da empresa?**

Considere se se trata de uma empresa privada, pública, mista, de sociedade aberta ou fechada, familiar, comunitária etc., e as principais atividades dos proprietários não relacionadas ao meio de comunicação.

## **Qual é a estrutura da gestão corporativa e do processo de tomada de decisões para assegurar confiabilidade, transparência e independência ao conteúdo?**

Considere políticas e processos de divulgação interna que ajudem a evitar potenciais conflitos de interesse na criação e difusão de conteúdo; considere os processos adotados para assegurar independência editorial face à influência dos acionistas, do governo, de empresas ou de grupos com interesses particulares.

## **Qual o peso da assistência financeira, dos lucros com publicidade e de outros tipos de ganhos ou recursos recebidos de fontes governamentais e não governamentais na independência editorial e ao conteúdo?**

Considere, por exemplo: a divulgação de interesses comerciais da empresa e seus efeitos sobre o conteúdo; a divulgação de anunciantes que representam cinco por cento ou mais dos ganhos com publicidade; a existência de um comitê próprio de ética e de conselhos editoriais; políticas para a aceitação de ganhos com publicidade; elementos de políticas, códigos e valores editoriais; rotulação e outros mecanismos para assegurar uma identificação sem ambiguidades entre o conteúdo editorial e o publicitário, assim como para diferenciar fatos de opiniões, e quando o conteúdo se relaciona com interesses comerciais próprios; iniciativas para assegurar o pluralismo e a diversidade das fontes de informação.

## **Como os acordos contratuais, as políticas de remuneração, os mecanismos para término de contratos e dispensa de emprego para funcionários, colaboradores independentes ou terceirizados e estagiários podem impactar a produção de informação e sua qualidade?**

Considere desagregar a planilha de trabalhadores por tipo de emprego e tipo de contrato – por tempo indeterminado, de prestação de serviço, tercei-

rizados etc. Considere também se existem na empresa convênios coletivos de trabalho e a existência de políticas para: acordos contratuais para a preservação e remuneração de direitos de propriedade intelectual; emprego e garantia de condições de trabalho seguras; compensações e cuidados a funcionários e colaboradores vítimas de condições adversas; funcionários e colaboradores que recusam trabalhos perigosos.

## **A empresa realiza iniciativas para mitigar os impactos ambientais gerados por seus produtos e serviços? Como maneja os resíduos gerados pelos diversos processos de produção?**

### **Qual é o enfoque gerencial sobre liberdade de expressão?**

Considere, por exemplo: quando a empresa exerce a liberdade de expressão e quando apoia os direitos da sociedade à liberdade de expressão; a existência de princípios que orientam as operações da empresa em contextos onde há restrições à liberdade de expressão; se há um enfoque de gestão definido para assegurar independência editorial; qualidade do conteúdo; pluralismo e diversidade.

## **A organização mantém seus membros e sua audiência informados sobre grupos empresariais de incidência (ou lobby) em suas atividades?**

Considere, por exemplo: as posições da empresa sobre políticas públicas, sua participação no desenvolvimento destas e os grupos de pressão com os quais se relaciona em questões empresariais; se a pressão é realizada por meio de uma associação empresarial em nome da organização ou de outra maneira. Este indicador tem É alto o valor na aferição da independência editorial.

## **Qual é o enfoque gerencial para estabelecer efetiva retroalimentação e interação com o público? Há procedimentos para responder e interagir?**

Considere as políticas para manejar, moderar e/ou filtrar conteúdo gerado pelos usuários, incluindo códigos de conduta dos usuários.

- Para saber mais a respeito do GRI e do Roteiro: [www.globalreporting.org](http://www.globalreporting.org)
- Roteiro de autoavaliação completo: <https://docs.google.com/a/fnpi.org/file/d/0B1hurakS20NLRmZQSEF6aWNic0k/edit>



Diego Fischerman, professor da FNPI, Bolsa GGM, Cartagena, 2013 / Foto: Joaquín Sarmiento.

## Um compromisso com a liberdade de expressão

Embora a missão da FNPI não inclua o ativismo público, a Fundação mantém um compromisso institucional e programático de fundo com os valores e objetivos de fortalecimento da democracia, defesa da liberdade de expressão e promoção dos direitos humanos.

### Projeto Antonio Nariño

Desde 2001, a FNPI tem contribuído nas ações de promoção e defesa da liberdade de imprensa e do livre acesso à informação, conforme os tópicos assentados no âmbito do Projeto Antonio Nariño (PAN), uma aliança de colaboração interinstitucional da qual é fundadora, junto com a Fundação para a Liberdade de Imprensa (FLIP), a Andiarrios, associação empresarial dos jornais da Colômbia, e a Fescol, filial colombiana da fundação alemã Friedrich Ebert Stiftung, FES.

Desde sua fundação, o PAN mantém uma equipe de coordenação permanente e vem promovendo diversas iniciativas, como publicações, oficinas e campanhas. O eixo central do período 2012-2013 foi a criação e publicação do Índice de Liberdade de Expressão e Acesso à Informação Pública na Colômbia, que se compõe de uma bateria de 45 indicadores sobre quatro dimensões-chave, de forma regionalizada, com o objetivo de qualificar a discussão pública com informação tecnicamente produzida, confiável e comparável, posicionar melhor essas questões e fornecer insumos de análise à categoria dos jornalistas, à academia e aos cidadãos interessados. Um dos insumos mais interessantes do Índice é a enquete com jornalistas, que mede a percepção de mais de seiscentos colegas sobre os problemas específicos e o estado da questão nas diversas regiões colombianas.

### Fórum Global para o Desenvolvimento da Mídia

O Fórum Global para o Desenvolvimento da Mídia (GFMD na sigla em inglês de Global Forum for Media Development) é uma rede internacional de organizações dedicadas a apoiar os meios de comunicação e promover o jornalismo independente. Seus membros são 350 organizações de mais de cem países que compartilham os objetivos de fomentar veículos independentes, sustentáveis, profissionais e pluralistas, que contribuam na construção de sociedades mais abertas, com maior transparência e liberdade de expressão, e, portanto, com maiores possibilidades de desenvolvimento social e econômico.

A FNPI é membro fundador do GFMD e representa em sua diretoria as empresas de mídia da América Latina, desde sua criação em Amã, Jordânia, em outubro de 2005.

### Jornalistas vítimas do conflito

Por outro lado, a FNPI, representada por seu diretor-executivo, contribui desde 2013 com o trabalho realizado pelo Comitê de Apoio à Reparação Coletiva de Jornalistas, no marco da lei de vítimas vigente na Colômbia. O Comitê é composto de 35 jornalistas, alguns deles vítimas, e delegados de organizações setoriais, com o objetivo de formular e propor ao Estado colombiano um plano de reparação coletiva para os profissionais da informação afetados pelo conflito armado nas últimas décadas.

# 2.3

## Aliança Projeto Ética Segura

Em agosto de 2014, a Rede Ética Segura contava com uma média de **9.000 visitantes** únicos por mês, sendo o México e a Colômbia os países com o maior número de visitas, e **5.247 seguidores** no twitter.

O projeto Ética Segura é uma iniciativa da FNPI em aliança com o grupo SURA, cujo objetivo é abrir um espaço de reflexão e debate a respeito dos novos desafios éticos enfrentados pelos jornalistas num contexto de profundas transformações da prática, do negócio e da função social do jornalismo, que têm como uma de suas causas as novas formas de relacionamento com as audiências na era digital.

O projeto tem três componentes, a Rede Ética, O Consultório de Javier Darío Restrepo e uma série de encontros com diretores de veículos de comunicação.

Esta Rede é suportada por um site **eticasegura.fnpi.org** que funciona como ponto de encontro para jornalistas ibero-americanos, no qual podem compartilhar, discutir, publicar e consultar conteúdos ligados à ética jor-

nalística, bem como entrar em contato com outros colegas interessados nessas questões. No site publicam-se informações referentes ao cruzamento entre ética e jornalismo; promovem-se debates online; sugerem-se recursos de outros sites; abrigam-se blogs que analisam fatos ou questões do ponto de vista da ética profissional; entrevistas a repórteres, editores e especialistas para levar suas ideias a colegas ibero-americanos. Trata-se de uma estratégia de muitas frentes para manter atualizado o debate ético na nossa profissão.

O site conta atualmente com uma média de 9 mil visitantes únicos por mês (sendo o México e a Colômbia os países com o maior número de visitantes), e em agosto de 2014 contava com 5.247 seguidores no Twitter.

No final de 2011, a FNPI convocou um grupo de aproximadamente vinte diretores de órgãos de comunicação colombianos, de âmbito nacional e regional, além de representantes de Andianos e Asomedios, a fim de propor uma série de questões ligadas à ética jornalística para orientar seus debates e reflexões. Esse grupo funciona como um espaço consultivo dos desafios que devemos enfrentar em relação às questões éticas na prática e nas empresas jornalísticas na Colômbia. Um dos temas centrais de discussão desse grupo consultivo foi a cobertura dos diálogos entre o governo e as Farc.

Também foram organizadas reuniões com diretores e editores no Chile, México e Perú, a fim de apresentar e discutir o Roteiro de Autoavaliação e os indicadores do GRI.



# 2.4

## Serviço Consultório Ético

O Consultório Ético atendeu  
**1.428 consultas** (até agosto de 2014).

O Consultório Ético é um serviço personalizado de consulta sobre questões de ética jornalística, a cargo do especialista colombiano Javier Darío Restrepo. Funciona através do site, complementado com twitcams e webinários, e conta com um importante arquivo histórico de consultas organizadas por assunto.

Javier Darío Restrepo é professor da FNPI desde 1995 e exerce o jornalismo há 52 anos. Recebeu vários prêmios, entre eles o do Círculo de Jornalistas de Bogotá, o Prêmio Nacional de Jornalismo Simón Bolívar, o San Gabriel do Episcopado colombiano, o Germán Arciniegas da Editora Planeta e o prêmio latino-americano à ética jornalística concedido pelo Centro Latino-Americano de Jornalismo – CELAP –, patrocinado pela Universidade Internacional da Flórida. Além disso é autor de 22 livros.

A maioria das consultas provém de jornalistas em exercício, diretores, editores e condutores de programas. Os estudantes e professores universitários re-

alizaram 310 consultas. Também houve procura de outros profissionais, como advogados, juízes, políticos e sacerdotes.

As consultas foram enviadas, em sua maioria, de veículos de rádio, televisão, impressos ou eletrônicos. Foram consultas motivadas por problemas urgentes que surgiram nas redações ou no exercício profissional; outras fazem parte de pesquisas acadêmicas de professores, mestrandos e doutorandos, de universitários que escreviam seu trabalho de conclusão de curso ou de estudantes que deviam apresentar um seminário; em outros casos, para chegar a uma decisão judicial, ou para a preparação de conferências e cursos.

O conjunto das consultas, respostas e documentação foi aproveitado, em algumas universidades do continente, como material de trabalho para aulas e cursos.

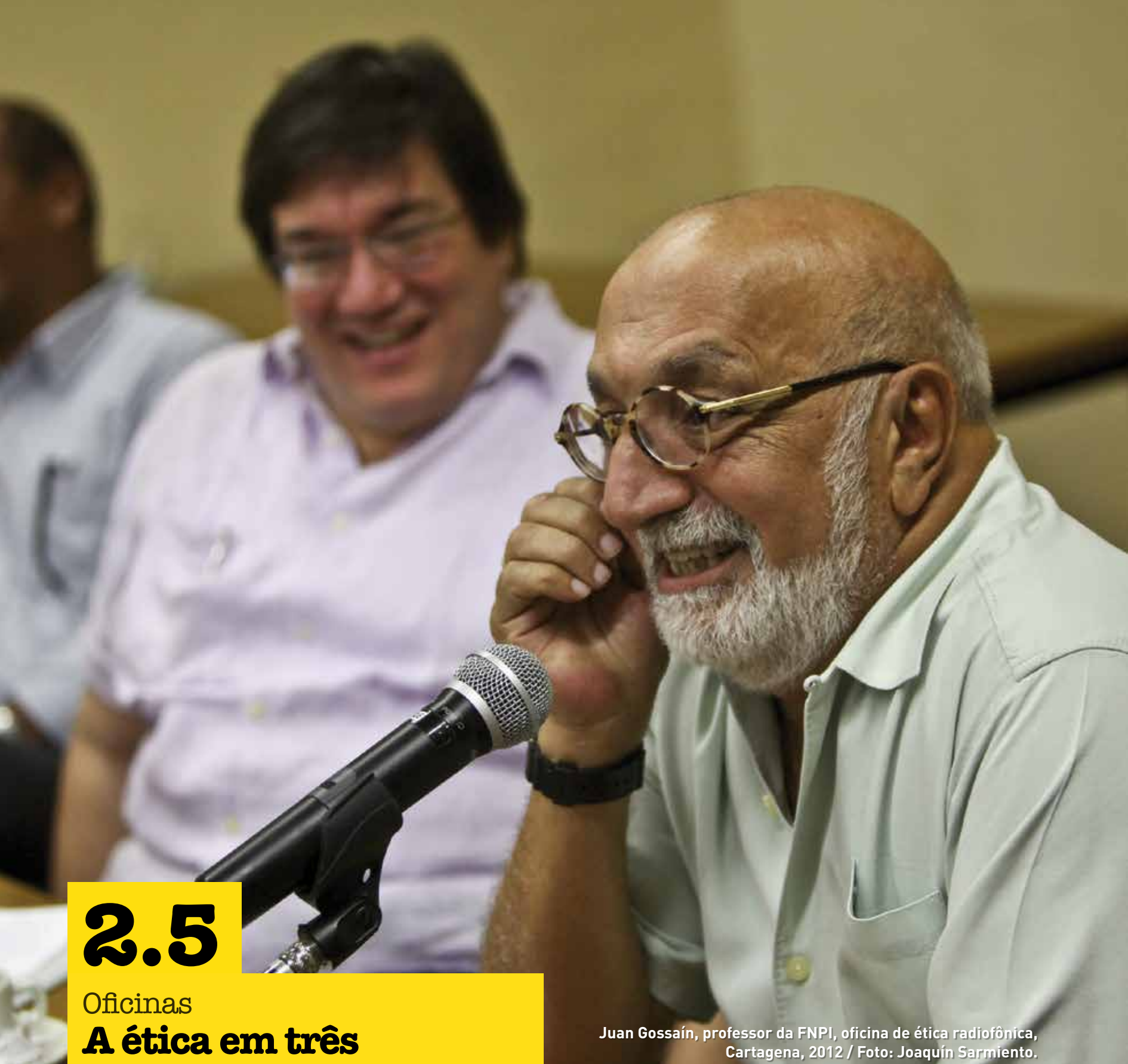
### As categorias com que o consultório lida são as seguintes:

- A ética
- O jornalista
- A mídia
- Responsabilidade social
- Manejo das fontes
- Tratamento ético da informação
- Publicidade comercial e jornalismo
- Ciberética - jornalismo digital
- Liberdade de expressão

<http://www.fnpi.org/consultorio-etico>



Javier Darío Restrepo, diretor do Consultório Ético.  
Foto: Juan Ruy .



## 2.5

Oficinas

### **A ética em três linguagens jornalísticas**

Juan Gossain, professor da FNPI, oficina de ética radiofônica, Cartagena, 2012 / Foto: Joaquín Sarmiento.

#### **Ética no rádio, com Juan Gossain**

Em Cartagena, entre os dias 13 e 17 de março de 2013, realizou-se o seminário-oficina de ética em jornalismo radiofônico com Juan Gossain, com o patrocínio do Grupo SURA. Participaram catorze editores, coordenadores e diretores de veículos radiofônicos colombianos, para debater questões como as condições ideais de uma sala de redação; a importância da figura do “chefe”, que faz a ligação entre diretores e jornalistas; a relação entre os jornalistas e suas fontes e a imprescindível de distância que deve existir entre ambos.

Gossain também falou do papel das unidades investigativas; sobre a tênue e, a seu parecer, proibida linha entre a política e o jornalismo; e por fim tratou do tema da cobertura de conflitos ou processos de paz. Apontou como o rádio está em desvantagem na análise da notícia, tarefa que, na sua opinião, os meios impressos vêm desempenhando melhor.

Juan Gossain (Colômbia, 1949) foi por 27 anos o diretor nacional de notícias da RCN Radio, e colaborou com os principais veículos audiovisuais e escritos do país. Publicou vários romances e recebeu diversos prêmios, como o Simón Bolívar e o prêmio à vida e obra do Círculo de Jornalistas de Bogotá.

## Ética jornalística na rede, com Gumersindo Lafuente

A rede, por mais imaterial e difusa que seja, também obriga os jornalistas a enfrentarem desafios éticos. De fato, a muitos dos velhos dilemas da imprensa tradicional somam-se agora questões éticas próprias da Internet. Embora o ambiente digital nos ofereça a possibilidade de fazer o melhor jornalismo da história, com as ferramentas e narrativas que põe ao nosso alcance, também gera muitos desafios éticos que surgem ao termos tantas opções à mão.

Por isso a FNPI organizou em 2013 uma oficina baseada em casos reais, que puseram à prova os princípios éticos exigidos do jornalismo na era digital. Tratava-se de uma série de perguntas que poderiam parecer fáceis, mas que, analisadas em profundidade, requerem um grande senso e compromisso social para serem respondidas.

A oficina, ministrada em Bogotá, foi conduzida por Gumersindo Lafuente (Espanha, 1957), jornalista há 37 anos e que foi responsável pela estratégia digital de meios como El Mundo e El País, os dois jornais espanhóis de referência. Em 2007 fundou Soitu.es, do qual foi diretor até seu fechamento, em 2009. Javier Darío Restrepo, o tradicional professor da FNPI em temas éticos, acompanhou-o como convidado.

## Ética e fotografia, com Stephen Ferry

Uma das principais questões do site da Rede Ética Segura é a imagem, que é trabalhada com as contribuições do fotojornalista norte-americano, e um dos mais veteranos professores da Fundação, Stephen Ferry. Em seu blog ele apresenta os debates de ponta na área, a partir de exemplos e casos concretos que muitas vezes resultam em discussões que seriam inusitadas em outros contextos, como, por exemplo, qual é a “verdadeira” cor de uma foto ou como a granulação acarreta um debate sobre o autêntico na fotografia de não ficção.

Além disso, em março de 2012, realizou um webinar dedicado ao tema, que contou com 286 participantes de quinze países.

Ferry foca seu trabalho principalmente na Colômbia, em seus territórios e conflitos. Estudou história na Universidade de Brown e colabora regularmente em veículos internacionais como National Geographic, Time, Newsweek, Geo e The New York Times. Recebeu numerosos prêmios, como o World Press Photo, Photo of the Year, Best of Photojournalism, e o Tim Hetherington Grant, um prêmio ao jornalismo visual voltado aos direitos humanos.

O webinar de Stephen Ferry de 2012,  
sobre a ética na imagem, contou com  
**286 participantes de 15 países.**



Oficina de fotografia de não ficção com de Stephen Ferry, 2013. Na sede da Fundação PROA, parceira da FNPI com a qual todos os anos realiza uma oficina em Buenos Aires / Foto: Jorge Olmos Sgrosso.

# 2.6

## Balanco de atividades Linha: ética jornalística e sustentabilidade da mídia

# 2012

### Oficinas e Seminários

Encontro: "Jornalismo, sustentabilidade e responsabilidade social"  
Cartagena, 14 de janeiro  
Parceiros: Surtigas e Fundação Surtigas

Seminário "A ética e o futuro do jornalismo na Colômbia"  
Bogotá, 28 de fevereiro  
Parceiro: Grupo SURA

Reunião do Grupo Consultivo do Projeto Ética Segura  
Bogotá, 30 de novembro  
Parceiro: Grupo SURA

### Atividades online

Consultório Ético  
Com Javier Darío Restrepo  
Permanente  
Parceiro: Grupo SURA

Twitcam "Ética, verdade e liberdade do jornalista"  
Com Eugênio Bucci  
28 de fevereiro  
Parceiro: Grupo SURA

**Catorze** Twitdebates sobre diversos temas em torno de ética e jornalismo  
Parceiro: Grupo SURA

Twitcam "Jornalismo do futuro: soluções para além das denúncias"  
Com Geraldinho Vieira  
5 de julho  
Parceiro: Grupo SURA e Promigas

Tuitcam "Jornalismo e direitos autorais: um novo panorama na Internet"  
Com Fernando Zapata López  
21 de agosto  
Parceiros: CERLALC e Grupo SURA

Webinário "A ética por trás da revelação de segredos"  
Com Jorge Cardona  
8 de fevereiro  
Parceiro: Grupo SURA

Webinário "Dilemas, técnicas e boas práticas na edição fotográfica"  
Com Stephen Ferry  
14 de março  
Parceiro: Grupo SURA

Webinário "Imago Mundi: definindo as fronteiras"  
Com Pablo Arrieta  
20 de abril  
Parceiro: Grupo SURA

Webinário "A arte na fotografia documental: o valor do olhar pessoal"  
Com Marco Vernaschi  
7 de agosto  
Parceiro: Cosecha Roja e Grupo SURA



# 2013

## Oficinas e Seminários

Seminário-oficina de Jornalismo radiofônico  
Com Juan Gossaín  
Cartagena, 16 e 17 de março  
Parceiro: Grupo SURA

XI Encontro de diretores e editores de veículos de comunicação  
Bogotá, 3 de maio  
Parceiro: Grupo SURA

**Três** Encontros com diretores e editores  
"Roteiro de autoavaliação e indicadores do GRI" Com Geraldinho Vieira  
Santiago do Chile, 9 de julho  
Lima, 11 de julho  
Cidade do México, 8 de agosto  
Parceiro: Grupo SURA

Seminário-oficina "Ética na rede: regras para um jornalismo útil e sensato"  
Com Gumersindo Lafuente  
Bogotá, 1º e 2 de novembro  
Parceiro: Grupo SURA

## Atividades online

**Trinta e um** Twitdebates "Os anúncios de prostituição deveriam ser proibidos nos jornais?"  
4 de janeiro  
Parceiro: Grupo SURA

Webinário "Como cobrir o processo de paz"  
Com Marta Ruíz  
3 de maio  
Parceiro: Grupo SURA

Webinário "Sete questões éticas no jornalismo digital"  
Com Andrés Azocar  
1º de agosto  
Parceiro: Grupo SURA

Webinário "Onde o algoritmo não chega: os novos dilemas éticos da informação online" Com Monserrat Domínguez  
19 de fevereiro  
Parceiro: Rede Ética Segura e Grupo SURA

Twitcam "Conselhos para cobrir o Processo de Paz"  
Com Marta Ruíz  
3 de maio  
Parceiro: Grupo SURA

A linha de ética jornalística e sustentabilidade da mídia procura, com consultas, debates, roteiros de atuação e padrões, ajudar a orientar uma prática profissional honesta e eficaz, dentro das novas condições da mídia e do jornalismo contemporâneo.

**“O propósito não é ensinar ninguém a ser jornalista, mas, com a prática, melhorar quem já é.”**

**“Ninguém que não tenha vivido essa experiência pode nem sequer imaginar o que é o palpito sobrenatural da notícia, o orgasmo do furo, a demolição moral do fracasso.”**

*“A melhor profissão do mundo”, 1996. Discurso à sociedade Interamericana de Imprensa (SIP), no qual Gabriel García Márquez condensou sua visão sobre o jornalismo e o papel da FNPI.*

**“Quem não aprendia naquelas cátedras ambulantes e apaixonadas de vinte e quatro horas diárias, ou que se cansava de tanto falar na mesma coisa, era porque queria ou acreditava ser jornalista, mas na verdade não era.”**

**“Os jornalistas andavam sempre juntos, fazíamos vida comum, e éramos tão fanáticos da profissão que não falávamos de outra coisa que não fosse o próprio ofício.”**

**“Acho que foram a pressa e a limitação do espaço que minimizaram a reportagem, que para nós sempre foi o gênero estrela, mas que é também o que requer mais tempo, mais investigação, mais reflexão, e um domínio certo da arte de escrever.”**

**“Uns cinquenta anos atrás, as escolas de jornalismo não estavam na moda. A profissão era aprendida na redações, nas gráficas, no boteco em frente, nas noitadas de sexta-feira.”**

**“Todo jornalismo deve ser investigativo por definição.”**





Linha de atuação

# Investigação

A genética da FNPI é o interesse pelas histórias, pelas narrativas potentes e pela reportagem como fundamento da profissão. Quer dizer, as intuições que levaram **Gabriel García Márquez** a criar a Fundação.



Roberto Sá, Cristian Alarcón e Ileana Arduino, oficina "Segurança e vida cotidiana nas grandes cidades da América Latina", Rio de Janeiro, 2012 / Foto: Arquivo FNPI.

# 3.1

## Temas-chave para a América Latina

Nos dois anos cobertos por este relatório, a FNPI enfatizou alguns temas-chave para a América Latina: cultura; narcotráfico e segurança pública; economia e negócios; meio ambiente, com ênfase especial nos aspectos ligados à responsabilidade social das empresas. Em algumas atividades, exploramos o jornalismo de saúde e de ciência, além do tema das sociedades mais bem informadas. Queremos continuar indagando esses campos, retomar outros e explorar alguns novos.

Sempre tentamos tornar compatíveis essas questões específicas com a genética da FNPI: nosso interesse nas histórias, nas narrações potentes, na reportagem como fundamento da profissão. Quer dizer, as intuições que levaram Gabriel García Márquez a criar a Fundação.

As questões sensíveis às nossas sociedades, justamente por isso, exigem um jornalismo que saiba dialogar com suas audiências, comunicar o que é denso, explicar o intrincado, relacioná-lo com as realidades humanas, concretas, que encarnam essa complexidade. No fundo, acreditamos que só existe um jornalismo, o resto são derivações desse DNA fundamental: ir para a rua, investigar, escrever e editar. E começar de novo no dia seguinte.



# 3.2

## Atualidade Os novos cartógrafos da região

Por *Mónica González\**

A progressiva expansão para o sul das máfias que controlam o mercado de drogas e de armas persiste como um dos problemas mais urgentes e desesperados para o jornalismo investigativo da nossa região. Isso porque, se há uma coisa que não mudou nada, é a impunidade com que o narcotráfico se desloca, tortura, assassina e penetra nas instituições públicas, sendo a polícia, os políticos e a justiça seus três pilares para aniquilar qualquer tentativa de desmantelar suas redes. Um abismo de extrema violência que os jornalistas não deixaram que explorar, apesar dos riscos.

Para o narcotráfico e seus parceiros, os jornalistas são um dos principais inimigos a neutralizar.

Para o narcotráfico e seus parceiros, os jornalistas são um dos principais inimigos a neutralizar. E a eliminar, se a qualidade do seu trabalho fizer por merecer. É nesse terreno que o jornalismo regional vem operando uma mudança que já começa a dar frutos. Os Periodistas de a Pie, no México, por exemplo, estão mostrando que, por meio da organização e da capacitação, podem encarar a busca por maior segurança para realizar seu trabalho em zonas deflagradas e, ao mesmo tempo — de forma paralela —, investigar coletivamente, tendo como objetivo rastrear o dinheiro dos narcotraficantes e revelar os autores das centenas de crimes que permanecem impunes.

Esquadrinhar as máfias para tentar tornar públicos seus protagonistas e cúmplices, e limitar seus lucros, tornou-se um dos mais apaixonantes desafios do jornalismo investigativo da região. Com duas novidades que fazem uma grande diferença. A primeira é a penetração do jornalismo digital e, com ele, a irrupção de novos veículos independentes de grande qualidade investigativa e narrativa. Porque o que nunca se deve esquecer é que temos a imperiosa necessidade de cativar os cidadãos com nossas histórias. Como o objetivo não é provar como somos bons ao exibir nossas mazelas, aí emerge a segunda diferença: os métodos do crime organizado para lavar dinheiro e cooptar políticos, policiais e juízes; seus meios de transporte e até suas vias de fuga e seus esconderijos são auscultados em vários países por jornalistas que hoje compartilham bases de dados e suas descobertas.

\*Professora da FNPI. Fundadora e diretora do Centro de Investigación Jornalística (ciperchile.cl), uma das principais referências contemporâneas sobre jornalismo investigativo na América Latina.



Visita a uma favela durante a oficina "Segurança e vida cotidiana nas grandes cidades da América Latina", com Mónica González, Rio de Janeiro, 2012 / Foto: Publius Vergilius.





Mónica González, professora da FNPI, oficina no Prêmio GGM, Medellín 2013 / Foto: Cámara Lúcida.

O que começou como uma incipiente colaboração artesanal em oficinas e seminários organizados pela FNPI e o Fórum de Austin, ao longo de 2012 se transformou numa nova e poderosa ferramenta nas mãos de profissionais que têm melhorado como nunca sua qualidade investigativa, sua precisão e sua colaboração.

Isso é patente nessa nova rede integrada por jornalistas do México, Colômbia, El Salvador, Guatemala e Panamá, aos quais foram somando-se experientes profissionais de mais ao sul, que vivem as sequelas do flagelo. Como os do Brasil, com suas estarrecedoras histórias do interior e de zonas de fronteira, que têm mostrado a todos que seu mapa de violência é muito mais complexo que as favelas.

Junto com a ditadura do narcotráfico, somou-se à prioridade da nossa agenda o efeito letal de uma corrupção muito mais sofisticada e complexa. Seus expoentes máximos são grupos econômicos que, adotando métodos do crime organizado, atuam como verdadeiros cartéis para se apropriarem ilicitamente de recursos públicos ou obter lucros desmedidos e fora de toda lógica de mercado, afetando gravemente a vida cotidiana dos cidadãos.

Estes cartéis econômicos também gozam de impunidade, advinda da debilidade dos nossos Estados para fiscalizar e regular a máquina pública e os mercados. Uma falência agravada pelos aberrantes vazios legais que subsistem nos nossos códigos penais para coibir, por exemplo, o conluio de empresas na fixação de altos preços de produtos e serviços de primeira necessidade, como água, medicamentos e eletricidade. Ou as práticas em que incorrem laboratórios para impedir a entrada no mercado de medicamentos genéricos de custo mais baixo; ou a ação predatória da água e do meio ambiente dos grandes consórcios mineradores, o maior investimento estrangeiro na região para os próximos dez anos.

A ação desses cartéis de corrupção, cujos principais sócios são políticos, obrigou-nos a estudar políticas públicas e orçamentos para desenhar outro mapa indispensável para os cidadãos: o da debilidade institucional. Para apontar com precisão em que momento a lei se transformou em licença para poluir ou para privar milhares de camponeses de água ou de terras. Para identificar o nome de quem que as redigiu e aprovou e como essas pessoas aumentaram seu patrimônio.

**Somou-se à nossa agenda o efeito letal de uma corrupção muito mais sofisticada e complexa.**

Lutar contra a impunidade implica também expor os avanços, e um dos mais significativos é a luta pela reparação iniciada na Colômbia para restituir aos camponeses as terras tomadas pelos paramilitares. São histórias difíceis, porque os autores da espoliação continuam poderosos. Foi importante continuar alimentando a memória coletiva ao relatar o assassinato do bispo Arnulfo Romero, em El Salvador, finalmente apontando seus autores. Ou ao expor os bastidores do julgamento por genocídio do ex-presidente da Guatemala, José Efraín Ríos Montt. São exemplos dos mapas que estão sendo levantados simultaneamente por dezenas de jornalistas em diversos países e que só aspiram a melhorar a qualidade de vida dos nossos cidadãos.

É nisso que estamos. Tornando-nos mestres da nova cartografia da região. Aperfeiçoando o uso e o manejo das novas bases de dados, buscando formas de subsistir e de financiar os novos nichos do jornalismo, aprendendo e ensinando novas técnicas de investigação. E também, claro, tornando-nos mestres em controlar o medo. Para que não nos paralise.

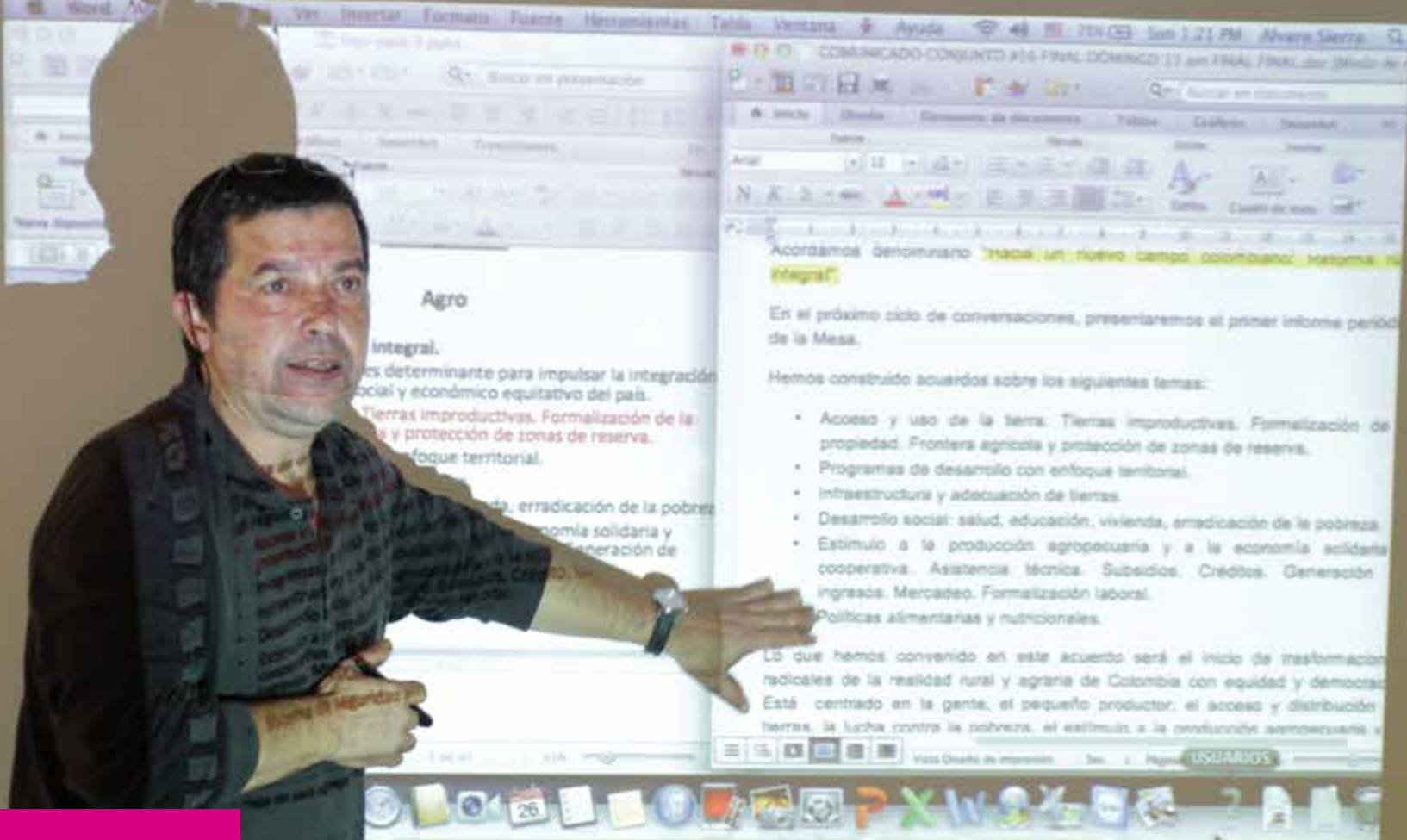
# 3.3

## Oficinas Desafios do jornalismo colombiano na cobertura do processo de paz

Em 18 de outubro de 2012, depois de uma longa série de aproximações, o governo colombiano e o grupo guerrilheiro Força Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), em operação desde 1964, abriam formalmente o diálogo para pôr fim a um conflito de meio século, que está no epicentro das diversas formas de violência que o país sofreu durante essas décadas.

Poucos meses depois, em coordenação com o Escritório do Alto Comissariado para a Paz (OACP, na sigla em espanhol), a FNPI iniciou uma série de oficinas, às quais assistiram 120 jornalistas de 26 departamentos. O objetivo era apresentar e discutir os desafios na cobertura de uma negociação realizada em outro país, de forma confidencial, enquanto as ações bélicas continuavam no próprio território colombiano. Um processo que parece distante, mas cujos resultados podem afetar todo um país, principalmente as regiões onde as consequências desse conflito são sentidas em primeira mão.

Uma das obsessões vitais de García Márquez foi a paz na Colômbia. Ele cresceu escutando do avô Nicolás suas histórias de veterano da Guerra dos Mil Dias, onde recebeu o tratamento de coronel. Quando tinha um ano, em 1928, ocorreu, não muito longe da Aracataca, o massacre dos bananais. Em 1948, a revolta popular do Bogotazo, gênese de um período de violência que ainda não terminou, obrigou-o a se mudar para Cartagena, depois que um in-



Álvaro Sierra, professor da FNPI, oficina sobre a cobertura do processo de paz na Colômbia, Bucaramanga, 2013 / Foto: Fredy Builes

cêndio provocado pela multidão queimou a pensão onde ele morava, e com ela seus primeiros manuscritos. Cresceu como jornalista e escritor num ambiente de ditaduras e revoluções armadas na América Latina, que na Colômbia se expressaram em diversos grupos guerrilheiros e várias formas da violência política. Viveu suas últimas três décadas em meio à escalada do conflito, devido não apenas à guerrilha, mas também ao surgimento do paramilitarismo e ao crescimento do narcotráfico e seus lucros inacreditáveis como principal combustível da guerra. Também presenciou tentativas malogradas de negociação. Ele mesmo foi um daqueles colombianos que cresceu “num país prometeico, que há mais de um século está se matando pelo desejo de viver”. A FNPI valoriza e segue o exemplo do seu fundador, que sempre esteve disposto a contribuir na busca da paz entre as partes em conflito, envolveu-se discretamente em ações de ajuda humanitária e promoveu os direitos humanos.

Em torno de uma iniciativa dessa magnitude surgem enormes desafios jornalísticos: não se trata apenas de cobrir o que acontece na mesa de negociações. Trata-se também de decifrar, da perspectiva jornalística, como esses acordos que vão sendo alcançados afetam as regiões e como podem reconfigurar processos sociais, econômicos e políticos. Enfim, fazer a cobertura jornalística sobre como, eventualmente, poderá surgir um novo país desse contexto.

As oficinas desta série – assim como as de uma série complementar que prossegue enquanto editamos e publicamos este relatório – foram ministradas por Álvaro Sierra, professor da FNPI e editor-geral da revista *Semana*, na Colômbia, que também lida com a questão do ponto de vista acadêmico, como professor da Universidade para a Paz (Upaz), uma instituição ligada à Organização das Nações Unidas, com sede na Costa Rica. As ideias a seguir fazem parte das reflexões profissionais que Sierra repisou em suas oficinas.

<sup>2</sup>Por um país ao alcance das crianças. Manifesto lido por Gabriel García Márquez na cerimônia de entrega do relatório da Missão de Ciência, Educação e Desenvolvimento, no Palácio de Nariño, em 1996.

A FNPI valoriza e segue o exemplo do seu fundador, que sempre esteve disposto a contribuir na busca da paz entre as partes em conflito, envolveu-se discretamente em ações de ajuda humanitária e promoveu os direitos humanos.

## O desafio jornalístico

À primeira vista, cobrir um processo como esse não parece nada fácil. Primeiro, porque as negociações são realizadas longe, em Cuba. Enviar jornalistas à ilha é caro e poucos veículos têm capacidade para assumir uma cobertura em primeira mão. Nos veículos regionais, a grande maioria depende da informação de agências ou dos veículos nacionais.

Além disso, as conversações são secretas. Tudo levaria a crer, portanto, que informar sobre o processo de Havana é como indagar sobre uma caixa-preta antes de abri-la. Habitados, como estão os jornalistas colombianos, a processos “abertos” e nos quais os negociadores se falam ao microfone, como o anterior com as Farc, em Caguán, muitos profissionais, em Bogotá e no interior, reclamam da falta de informação sobre o que ocorre Havana e pedem ao governo mais “transparência”.

Contudo, uma das principais conclusões das oficinas sobre a cobertura do processo é que a verdade é outra: não apenas é regra, em todo o mundo, que as negociações de paz bem-sucedidas sejam quase sempre secretas, como a da Irlanda do Norte, mas também que, na realidade, há muita mais informação disponível sobre o processo em Havana do que parece à primeira vista.

Um primeiro esforço nas oficinas foi tentar definir nosso objeto. A rigor, o processo em Cuba não é um processo de paz; é uma negociação para pôr fim a um conflito armado entre o governo e um dos grupos guerrilheiros

(com o ELN ainda não conseguiu abrir as conversações). São coisas muito diferentes. O nome “processo de paz” pegou como uma fórmula simples, jornalística, mas é importante que a informação seja clara: de Havana não sairá um país em paz, apenas um país sem um determinado conflito armado que o caracterizou ao longo de meio século, que deverá enfrentar um complexo pós-conflito e que só a partir de então encarará os desafios para construir uma sociedade em paz.

A discussão sobre a cobertura do processo se centra, portanto, na necessidade de seguir três “pistas”, ou caminhos, para constantemente “tomar pulso” do que está acontecendo da maneira mais precisa possível, sem ter que deslocar equipes jornalísticas a Cuba:

1. **Seguir a pista** das negociações em Havana, sua evolução e seus resultados. Embora à primeira vista isso pareça difícil, dado o hermetismo do processo, na realidade há muitos elementos que permitem manter uma adequada compreensão do que está ocorrendo lá: há comunicados conjuntos, há uma profusa comunicação das Farc, há lacônicos mas eloquentes comentários oficiais. Tudo isso fornece pistas e elementos jornalísticos de trabalho.

2. **Manter um olho na evolução e nos fatos do conflito armado**, pois a negociação se desenrola sem que tenha havido um cessar-fogo, e o confronto em andamento inevitavelmente afeta os rumos do processo.

3. **Seguir a pista da política**, uma coisa é o que ocorre Havana, e outra a situação política interna na Colômbia, caracterizada por uma polarização e uma belicosidade crescentes.

As oficinas realizadas até agora exploram a fundo esses três caminhos, propondo alternativas, olhares, formas de fazer jornalismo regional com os elementos que se tem à mão, que permitem não depender tanto dos pronunciamentos em Havana, fazendo com que aquilo que lá se diz possa ser interpretado, relatado, contextualizado conforme cada região e cada audiência.

É regra, em todo o mundo, que as negociações de paz bem-sucedidas sejam quase sempre secretas.

Oficina sobre a cobertura do processo de paz da Colômbia  
Medellín, 2013 / Foto: Fredy Builes.



Oficina sobre a cobertura do processo de paz da Colômbia  
Medellín, 2013 / Foto: Fredy Builes.

Nesse diálogo com repórteres e editores de todas as regiões colombianas se revelaram pontos de tensão jornalística: a contradição das vozes oficiais; a profusão de rumores; as narrativas que, de fato, demonizam as Farc, despojando-as de antemão de qualquer matiz de legitimidade política num cenário pós-conflito; como informar nos momentos difíceis, por exemplo quando um desacordo ou um evento bélico ameaçam levar as negociações a um ponto de ruptura; a síndrome da “ansiedade por resultados” numa negociação que não tem o andamento do timing jornalístico; a ênfase que se dá às diferenças e aos aspectos negativos.

Enfim, não se trata apenas de informar sobre o processo de conversações em Cuba, seus avanços e os acordos ou desacordos entre as partes, nem tampouco sobre o apoio ou rejeição eleitoral que possa despertar. Nas

oficinas se discute muito a ideia e a necessidade de que a mídia dê a devida importância aos debates sobre o futuro, em que direção caminhará o país caso se chegue de fato a um acordo e os desafios que um eventual pós-conflito implicará. Não é uma tarefa menor para um jornalismo, especialmente o do interior colombiano, cercado por contextos difíceis e problemas estruturais. É, também, para nós, uma oportunidade para contribuir na melhoria do jornalismo local.

**120** jornalistas de **26** departamentos assistiram às oficinas sobre o processo de paz.

## Oficina de fotografia em El Salvador

No ano de 2012, em San Salvador, em aliança com a Open Society Foundations, foi realizada a “Oficina de edição fotográfica: violência e sociedade na América Latina”, com a professora Donna DeCesare, no marco do Fórum Centro-Americano de Jornalismo ElFaro.net.

Ao longo de cinco dias, de 15 a 19 de maio, dezesseis fotojornalistas latino-americanos tiveram a chance de estudar e explorar conceitos, propostas e ferramentas para a edição fotográfica. Os fotojornalistas experimentaram e construíram histórias, baseados num projeto de reportagem que cada um tivesse iniciado antes da oficina e que guardasse relação com a cobertura de fenômenos sociais ligados à violência e ao narcotráfico nas cidades do continente.

A edição fotográfica é uma etapa-chave para dar sentido às imagens captadas durante a reportagem, e é aí que se define se uma fotorreportagem tem uma narrativa consistente, se está esteticamente bem construída e goza de rigor e ética jornalística.

Donna DeCesare é fotógrafa, videomaker e escritora, atualmente professora na Escola de Jornalismo da Universidade do Texas, em Austin. Seu trabalho fotojornalístico foi largamente reconhecido, por exemplo, com os prêmios Pictures of the Year, Dorothea Lange, Mother Jones International Photo e o National Press Photographers Association Best of Photojournalism.



<http://fnpiorg.wix.com/fotografia2012>



# 3.4

Laboratório

## Bolsa Gabriel García Márquez 2013

De 7 a 27 de janeiro de 2013, iniciamos um dos projetos mais inovadores e ambiciosos desde que abrimos as portas, em 1995: três semanas de oficina, para vinte jornalistas de todo o mundo, usando três eventos culturais como laboratório pedagógico, de aprendizagem, mediante três módulos distintos, com dois professores permanentes e outros cinco convidados, de diversas latitudes da América. Contou, ainda, com duas videoconferências, transmitidas da Espanha e da França, e uma visita em grupo a Aracataca, terra natal de Gabriel García Márquez. E em inglês!

A convocatória da bolsa internacional **Gabriel García Márquez** foi das mais bem-sucedidas da história da FNPI: **460 candidaturas** provenientes de **70 países**.

A convocatória desta bolsa foi das mais bem-sucedidas da história da FNPI: 460 candidaturas provenientes de 70 países. Foi a primeira vez que lançamos um edital aberto a todo o mundo e organizamos uma oficina tendo o inglês como língua oficial. Metade dos vinte bolsistas era especialista em música; a outra metade, em literatura.

Atingir essa meta implicou estabelecer alianças de trabalho e cooperação com entidades e organizações como o Ministério da Cultura da Colômbia, The Cartago Foundation, REDAssist, Secretaria da Cultura de Barranquilla e Fundação Carnaval de Barranquilla. Além disso, aproveitando a presença de tantos jornalistas de larga trajetória, organizamos diversos colóquios, palestras e atividades online.

### Módulos e participantes

**Música:** realizou-se de 7 a 13 de janeiro, no marco do Festival Internacional de Música de Cartagena. Anne Midgette, jornalista e blogueira especializada em música do jornal Washington Post; e Diego Fischerman, jornalista, crítico musical e blogueiro do jornal Página/12, da Argentina, foram os professores convidados.

**Cultura popular:** realizado de 14 a 20 de janeiro, durante o pré-Carnaval de Barranquilla, com o cronista Alberto Salcedo Ramos (Colômbia), como professor convidado.



Bolsa GGM, professores e bolsistas  
Cartagena, 2013 / Foto: Joaquín Sarmiento.

**Literatura:** entre 21 e 27 de janeiro, durante o Hay Festival de Cartagena. Francine Prose (Estados Unidos), escritora e ex-presidente do PEN American Center, e Mario Jursich (Colômbia), diretor da revista *El Malpensante*, foram os professores convidados.

Os professores permanentes, ao mesmo tempo cogestores desta iniciativa, foram os jornalistas Héctor Feliciano (Porto Rico) e o jornalista americano Jonathan Levi. As sessões virtuais foram conduzidas por Jean François Fogel (França) e Gumersindo Lafuente (Espanha).

A lista final de bolsistas incluiu jornalistas de: Argentina, Brasil, Canadá, Colômbia, Chile, Equador, Espanha, Estados Unidos, Hungria, Índia, México, Nigéria, Letônia, Peru e Portugal.

## A experiência

A oficina foi intensa no plano intelectual e exaustiva no sentido físico: longos dias de oficina com os professores permanentes e convidados; atividades em torno da oficina, como palestras para o público local; reportagem de rua e com os personagens de cada relato; assistência aos eventos de extensão do Festival de Música, do Hay Festival ou do pré-Carnaval; almoços, jantares e bailes com os colegas de oficina. Não há como resumir todas essas vivências. As discussões e contribuições durante a oficina, a partir do judicioso trabalho de gestão de conhecimento realizado durante essas semanas, foram publicadas em nosso site: <http://www.becaggm.fnpi.org/>

# BECAGABRIELGARCÍAMÁRQUEZ



de periodismo cultural



A FNPI realiza uma oficina de jornalismo cultural a cada dois anos, no contexto do Carnaval de Barranquilla. Nesta foto, o Rei Momo e Daniela Silva, participante da Bolsa GGM 2013 / Foto: Joaquín Sarmiento.



“As oficinas devem ser alegres como vida”, pediu **Gabo**.

Leila Guerreiro e Julio Villanueva Chang, professores da FNPI, Prêmio GGM, Medellín 2013. Foto: Cámara Lúcida.



# 3.5

## Balanco de atividades Linha: temas-chave para a América Latina

# 2012

### Oficinas e seminários

|  |  |   |
|--|--|---|
| Oficina de investigação jornalística: "Segurança e vida cotidiana nas grandes cidades da América Latina"<br>Com Mónica González e Cristian Alarcón<br>Rio de Janeiro, de 28 de fevereiro a 3 de março<br>Parceiros: CAF, Open Society Foundations e Canal Futura | Seminário "Segurança e vida cotidiana nas grandes cidades da América Latina"<br>Rio de Janeiro, de 28 de fevereiro a 3 de março<br>Parceiros: CAF, Open Society Foundations e Canal Futura                             | <b>Quatro</b> Encontros "A qualidade da educação na agenda dos meios informativos da região"<br>Com Darío Fernando Patiño<br>Barranquilla, 30 e 31 de março<br>Medellín, 9 e 10 de abril<br>Cáli, 12 e 13 de abril<br>Bucaramanga, 19 e 20 de abril<br>Parceiro: Ministério da Educação da Colômbia |
| Oficina "Edição fotográfica: violência e sociedade na América Latina"<br>Com Donna DeCesare<br>San Salvador, 15 a 19 de maio<br>Parceiros: Open Society Foundations e El Faro  | Oficina "Reportagem e investigação no jornalismo cultural"<br>Com Alberto Salcedo Ramos<br>Tijuana, de 4 a 8 de junho<br>Parceiros: CONACULTA e CENART   | "Oficina anfíbia: dentro, na borda ou fora: Crônicas da diversidade juvenil na América Latina"<br>Com Francisco Goldman e Rossana Reguillo<br>Buenos Aires, de 6 a 10 de junho<br>Parceiro: Universidade Nacional de San Martín – UNSAM   |
| <b>Dois</b> Seminários/seminários-oficina: "Meios de comunicação e desenvolvimento sustentável no Caribe Colombiano"<br>Com Geraldinho Vieira<br>Barranquilla, 29 e 30 de junho<br>Cartagena, 6 e 7 de julho<br>Parceiro: Promigas                               | Fórum CAF+FNPI para editores de Economia ibero-americanos. América Latina rumo a 2040<br>Caracas, 12 e 13 de julho<br>Parceiro: CAF  | Seminário-oficina "Cobertura jornalística das políticas públicas urbanas do prisma da mobilidade"<br>Com Marcelo Beraba<br>Montevideu, 30 e 31 de outubro<br>Parceiro: CAF  |
| "Oficina anfíbia de jornalismo cultural: usos práticos"<br>Com Cristian Alarcón e Patricia Nieto<br>Medellín, de 29 de outubro a 2 de novembro<br>Parceiro: Ministério da Cultura da Colômbia  | Oficina "Jornalismo de investigação sobre narcotráfico nas fronteiras da Colômbia, Venezuela e Equador"<br>Com Álvaro Sierra<br>Bogotá, de 10 a 14 de novembro<br>Parceiro: Unesco e International Media Support – IMS | XVII Fórum Euro-latino-americano de Comunicação: As instituições no fortalecimento da democracia<br>Cádiz, de 13 a 15 de novembro<br>Parceiros: CAF e Associação de Jornalistas Europeus (APE)  |

# 2012

## Atividades públicas

|   |  |   |
|---|--|---|
| Bate-papo "O jornalismo latino-americano na encruzilhada"<br>Com Miguel Ángel Bastenier<br>Cartagena, 23 de agosto<br>Parceiro: Universidade Jorge Tadeo Lozano | Conferência "A cobertura jornalística do conflito palestino na imprensa internacional"<br>Com Miguel Ángel Bastenier<br>Barranquilla, 25 de agosto<br>Parceiros: Parque Cultural do Caribe e Secretaria da Cultura de Barranquilla | Conferência "Ser anfíbio: uma nova forma de expandir as fronteiras do jornalismo"<br>Com Cristian Alarcón<br>Cartagena, 21 de setembro<br>Parceiro: Universidade Jorge Tadeo Lozano |
|---|--|---|

## Atividades online

|   |   |   |
|---|---|---|
| Conferência online "A cultura na mídia digital"<br>Com Gumersindo Lafuente<br>19 de janeiro<br>Parceiros: Hay Festival, Fundação Proa, Tenaris Tubocaribe e AECID   | Twitcam "Do J ao O: o essencial do jornalismo"<br>Com Daniel Samper Pizano<br>26 de janeiro<br>Parceiro: Hay Festival | Twitcam "O jornalismo, a democracia e a revolução tecnológica"<br>Com Javier Moreno<br>28 de janeiro<br>Parceiro: Hay Festival                              |
| Webinário "Desafios da cobertura da VI Cúpula das Américas"<br>Com Clóvis Rossi<br>7 de março<br>Parceiros: VI Cúpula das Américas e Chancelaria da Colômbia  | Twitcam "Entrevista com Daniel Samper Ospina"<br>20 de março  | Webinário "Agenda e desafios da Cúpula de Cartagena 2012"<br>Com Ricardo Ávila<br>21 de março<br>Parceiro: VI Cúpula das Américas e Chancelaria da Colômbia |
| Webinário "Pobreza, insegurança e desastres naturais: três eixos-chave da VI Cúpula das Américas"<br>Com Luis Miguel González<br>29 de março<br>Parceiros: VI Cúpula das Américas e Chancelaria da Colômbia | Twitcam "Pedras com pessoas dentro" Com Héctor Feliciano<br>3 de julho  | Twitcam "Como cobrir os temas de mobilidade?"<br>Com Francisco Miranda<br>25 de outubro<br>Parceiro: CAF  |

A linha de investigação, cobertura e opinião sobre temas-chave para a América Latina procura melhorar as capacidades de jornalistas e veículos de comunicação interessados em processos informativos de qualidade, que contribuam para a compreensão e o debate público de temas-chave, o fortalecimento dos sistemas democráticos, a garantia dos direitos humanos, o desenvolvimento sustentável, inclusivo e competitivo dos nossos países, bem como su integração cultural, econômica e política.

# 2013

## Oficinas e seminários

Bolsa GGM de jornalismo cultural  
Com Héctor Feliciano, Jonathan Levi, Anne Midgette, Diego Fischerman, Alberto Salcedo Ramos, Francine Prose e Mario Jursich  
Cartagena e Barranquilla, de 7 a 27 de janeiro  
Parceiro: Ministério da Cultura da Colômbia

**Cinco** Seminários-oficina “Cobertura das conversações para o fim do conflito na Colômbia”  
Com Álvaro Sierra  
Cartagena, 2 e 3 de março  
Bucaramanga, 6 e 7 de abril  
Cáli, 27 e 28 de abril  
Bogotá, 25 e 26 de maio  
Medellín, 15 e 16 de junho  
Parceiro: Escritório do Alto Comissariado para a Paz

Seminário internacional “Jornalismo frente à criminalidade violenta na Colômbia, no México e na América Central”  
Com María Teresa Ronderos  
Cáli, 15 e 16 de junho  
Parceiro: Banco Mundial

Seminário-oficina de jornalismo cultural  
Com Miguel Ángel Bastenier Barranquilla, 2 e 3 de agosto  
Parceiro: Secretaria da Cultura de Barranquilla

VIII Fórum Euro-latino-americano de Comunicação: Despertares e desencantos: o papel da mídia num cenário de conflitos  
Cidade do Panamá, 14, 15 e 16 de outubro  
Parceiros: CAF e APE

## Atividades públicas

Bate-papo “A mente do Barroco”  
Com Jonathan Levi, Anne Midgette e Diego Fischerman  
Cartagena, 11 de janeiro  
Parceiro: Ministério da Cultura da Colômbia

Bate-papo “Como contar a cultura popular?”  
Com Alberto Salcedo Ramos  
Barranquilla, 18 de janeiro  
Parceiro: Ministério da Cultura da Colômbia

Bate-papo “Violentologia: Fotografia, direitos humanos e conflito armado”  
Com Stephen Ferry  
Cartagena, 28 de janeiro  
Parceiro: Fundação Tenaris TuboCaribe

Jornalismo e cultura – Palestra aberta com Miguel Ángel Bastenier  
Barranquilla, 1º de agosto  
Parceiro: Secretaria da Cultura de Barranquilla

## Atividades online

Twitcam “Letras com sons: falar de um mistério”  
Com Diego Fischerman  
11 de janeiro  
Parceiro: Ministério da Cultura da Colômbia

Twitcam “Em defesa da crítica e outras espécies ameaçadas”  
Com Mario Jursich  
28 de janeiro  
Parceiros: Ministério da Cultura da Colômbia e Hay Festival

Webinário: “O bom jornalismo de medicina e saúde”  
Com Ángela Posada-Swofford  
4 de abril  
Parceiro: Roche

Guerra e paz na América Central: aprendizagens para a cobertura jornalística  
Com Blanche Petrich  
27 de junho  
Parceiro: Escritório do Alto Comissariado para a Paz





**Gabo, Mercedes e o grupo de professores, colaboradores e amigos da Fundação no seminário de comemoração dos 15 anos da FNPI. Cartagena, março de 2010. Foto: Arquivo FNPI, Manuel Pedraza.**



Linha de atuação

# Inovação e mídia digital



A FNPI desenvolveu o portal [fnpi.org](http://fnpi.org) e um sistema de contato permanente com mais de **50 mil mil assinantes**: repórteres, editores, diretores, veículos e organizações de toda a região.



# 4.1

## Uma nova plataforma pedagógica

Uma das inovações que mais fortaleceu a FNPI em 2012-2013 foi o uso da Internet como plataforma pedagógica de amplo alcance. É verdade que há antecedentes muito fortes: desde 1997, quando os primeiros meios digitais latino-americanos mal davam seus primeiros passos, a Fundação organizou a primeira de muitas e muito diversas oficinas em torno do jornalismo online, com Rosental Alves, em São Paulo. Depois a FNPI foi um dos atores fundamentais para o debate de tendências e preocupações sobre essa linha sísmica para o jornalismo da América Latina.

Também é verdade que nos anos anteriores, principalmente em 2010-2011, esse tipo de atividade foi, paulatinamente, enriquecendo nossa agenda acadêmica. Contudo, é no biênio 2012-2013 que essa plataforma adquiriu um caráter protagonista e aprofundamos nossa percepção sobre seu poder e alcance para levar a mais jornalistas os debates, conhecimentos e recursos promovidos pela FNPI.

Assim, àqueles webinários, oficinas à distância, transmissões e metodologias online que já vinham sendo utilizadas, somaram-se desde 2012 os chats, twitcams (12) e twitdebates (18), que nos permitiram dar um grande salto no número de usuários virtuais, passando de 4.502 em 2011 a 9.617 em 2012. De 28 atividades online em 2011, passamos a 42 em 2012, com uma ampla variedade temática, que incluiu desde como cobrir a Cúpula das Américas e a sustentabilidade das empresas de mídia, até a carpintaria e a ética do ofício.

Há ainda as redes geradas em torno de um tema específico, os produtos multimídia ou hotspots que informaram quase em tempo real o andamento das nossas oficinas. Tudo somado a uma intensa atividade nas redes sociais e na nossa lista de email, gerando várias sinergias que permitem uma melhor circulação da informação.

Com o começo da nossa terceira década à vista, continuamos pensando e trabalhando sobre os temas digitais como um elemento transformador que chegou para ficar, como um novo habitat em que o jornalismo deve prosperar, renovar-se e evoluir.

As metodologias online nos permitiram dar um grande salto no número de usuários virtuais, passando de **3.056** em 2011 a **6.784** em 2013.

# 4.2

Entrevista

## “Inovar é mudar de atitude perante a audiência”: Jean-François Fogel

O nome de Jean-François Fogel é bem familiar no âmbito do jornalismo ibero-americano, especialmente para quem acompanha sua evolução no campo digital. O jornalista francês, professor e membro da Diretoria e do Conselho Reitor da FNPI, assessora vários veículos na Europa e na América Latina, tanto na concepção de sites na Internet, como na organização da produção digital. Nesta conversa, ele passa a limpo o que, na sua opinião, significa inovar na mídia, a forma como as empresas jornalísticas estão enfrentando a mudança e os desafios dos jornalistas no mundo digital, especialmente na América Latina.

### O que é realmente inovar na mídia hoje?

A inovação, na percepção geral das pessoas, é uma mudança tecnológica. Surgem novos aparelhos, novas telas, acessamos a rede com o computador ou com dispositivos móveis, em qualquer lugar e a qualquer hora graças às novas conexões. No entanto, a mudança mais importante se dá no comportamento de pessoas que já não atuam sozinhas, mas dentro de redes

sociais. É gente que não dedica um tempo específico a se informar, mas que se conecta à rede em qualquer momento e lugar. Gente que não reserva um escaninho isolado para a informação, mas que mistura num mesmo aparelho sua correspondência pessoal, álbuns de fotos ou informações compartilhadas com amigos. Aí é que está a mudança.

A audiência agora é dinâmica e pede atualização permanente. Para a imprensa, inovar seria tornar-se capaz de produzir tecnologia ou adaptar-se aos novos comportamentos e participar dessa atividade frenética de sua audiência. Por isso, a verdadeira inovação é mudar a relação com a audiência, descer do pedestal do jornalista para ficar ao lado da audiência e começar a agir de forma natural na difusão das notícias, aceitando os comentários e os processos de circulação da informação. Trocando em miúdos: inovar, no caso da imprensa, é mudar de atitude perante a audiência.

### Como as empresas jornalísticas estão entendendo esse fenômeno e como estão se adaptando a ele?

É um processo difícil, porque toda a imprensa se organizava apontava para a realização de um produto único com um fechamento a cada dia, no caso do jornal; a cada hora, no caso do rádio, e várias vezes ao dia, no caso da televisão. O choque é duplo: primeiro, a cultura do fechamento não funciona, pois agora o fluxo é constante; segundo, cada membro da audiência consome um produto diferente.

É preciso adaptar-se a três problemas de fundo: a mudança do ciclo da informação, que implica um ritmo de trabalho diferente; a gestão, porque a publicação digital não assegura os ganhos do passado; e, assim como acontece com outras organizações, introduzir mudanças impostas pela audiência. Essa mistura é difícil para qualquer setor, é uma mudança radical.

Jean-François Fogel, professor da FNPI.  
Foto: Arquivo FNPI.

## **Pensando na estrutura das empresas jornalísticas, qual é o setor que mais tem demorado a entender essas mudanças?**

As diretorias relutam a aceitar que é preciso mudar, mas a grande dificuldade está ligada às ferramentas. Se pensarmos no sistema de produção de um jornal, veremos que, obviamente, há uma organização piramidal, enquanto no mundo digital é justamente o contrário: todos têm as mesmas ferramentas, todos podem publicar, é algo absolutamente horizontal. A dificuldade é utilizar uma ferramenta que pede uma organização horizontal dentro de empresas que por razões históricas têm uma estrutura em pirâmide. Isto posto, não acho que os administradores sejam melhores ou piores que os jornalistas, todos têm que encarar uma questão difícil.

## **O que faz com que essa nova realidade seja tão favorável às opções de veículos mais independentes?**

A imprensa tal como funcionava há vinte anos era um mercado de oligopólios, publicar um jornal implicava ter acesso a uma rotativa e a uma organização de distribuição do conteúdo. Do mesmo modo, ter um canal de TV ou uma emissora de rádio implicava contar com uma licença muito cara e uma sólida estrutura empresarial. A tecnologia digital mudou isso por completo. Basta apenas ter um computador com acesso à rede para ser editor, você pode ter um blog gratuito e distribuir conteúdo.

Do ponto de vista econômico, essa mudança nos permite passar do oligopólio a um mercado de concorrência. Os estudos de Germán Rey sobre o que ocorre na Colômbia mostram o surgimento de um grande número de veículos digitais, observa-se uma proliferação da oferta jornalística, profissional ou não, mas baseada no mundo digital.

## **Mas não parece haver muitos êxitos e projetos realmente inovadores. Que aspectos seriam cruciais para ser bem-sucedido nessa carreira?**

Sem dúvida, a relação com a audiência. O jornalismo foi uma atividade de profissionais de tempo integral em organizações que correspondiam ao mundo industrial, muito dispendiosas. O jornalismo do mundo digital, seja exercido full time ou não, funciona com um investimento mais limitado e com outra relação com a audiência. Para mim, a pessoa que faz um blog de nicho, onde põe a circular informação, faz jornalismo. Não é o jornalismo herdado diretamente dos meios tradicionais, mas faz parte da oferta digital e nos obriga a olhar o panorama de maneira diferente.

## **O que esses novos veículos podem fazer para não morrerem no esforço de se consolidar?**

O importante é não tentar copiar o modelo econômico dos veículos tradicionais, ter uma nova relação com a audiência, e talvez também ter uma relação diferente com a publicidade. Os custos devem ser digitais, não industriais, e de preferência deve-se vender algo mais: o conhecimento digital. Aproveitar esse conhecimento e pô-lo a serviço de clientes potenciais. Pode-se fazer jornalismo por um lado e por outro vender serviços de altíssimo nível. Por último, vemos que todas essas empresas desembocam no mundo real, por isso devem participar de eventos. Seu trabalho é algo que interessa à audiência, e os eventos são espaços onde há possibilidades de faturamento.

## **Como o sr. vê o panorama da inovação da mídia na América Latina?**

Tenho uma visão muito positiva do jornalismo na América Latina, e especificamente do que está ocorrendo no mundo digital. Há casos muito bem-sucedidos, como El Faro, em El Salvador, e La Silla Vacía, na Colômbia. Num dado momento, El Comercio, no Peru, e Clarín, na Argentina, foram faróis que alcançaram os Estados Unidos. Soy Chile, como combinação de informação regional, me parece muito interessante. Também Infobae, com origem argentina, que acaba de criar uma seção para atender a América Latina e competir fortemente com veículos como El País da Espanha.

## **Viramos um mercado atraente para esses veículos...**

O que eu vejo é que na América Latina, e especificamente na Colômbia, o futuro é promissor. O potencial de crescimento e a crença compartilhada de que o futuro será melhor do que está acontecendo na Europa. Quando os veículos europeus começaram a olhar para a América Latina como território de crescimento, acho que eles já haviam perdido o bonde. Faz alguns anos, o New York Times estudou a fundo a possibilidade de produzir uma edição em português, mas chegaram à conclusão de que não poderiam competir com o dinamismo digital do Brasil, com seus veículos, e isso é muito significativo. Além disso, o velho complexo de inferioridade diante da Europa, que vem de séculos, acho que hoje já não existe na América Latina.

## **Não são só os veículos que estão se adaptando a essa nova realidade, os jornalistas e as escolas de jornalismo também. Como o sr. vê essa questão?**

Como eu já disse, isso exige uma mudança de atitude. Os jornalistas que não consigam mudar sua relação com a audiência são casos perdidos, e a formação deve ser mais permanente do que nunca. Os alunos que agora estão terminando o curso de jornalismo vão utilizar em sua prática a versão de uma tecnologia que ainda não existe. A coisa é muito clara: você não pode ir à universidade para aprender o que vai fazer depois, porque as ferramentas e funcionalidades não existem.

Por outro lado, as velhas categorias (rádio, televisão, imprensa escrita) deixaram de existir. Há um único pacote: o digital. Todos os jornalistas devem ter um grande talento em checar informação na rede. O jornalista que disser “eu não sou capaz de gravar um vídeo, de tirar uma foto” é um jornalista que terá problemas para permanecer no mundo profissional. O que não quer dizer que não existam talentos específicos: grandes fotógrafos ou grandes escritores, mas não se pode ignorar a dinâmica global, que é uma dinâmica multimídia.

O jornalista que disser “eu não sou capaz de gravar um vídeo, de tirar uma foto” é um jornalista que terá problemas para permanecer no mundo profissional.



## 4.3

### Seminário **Para onde vai a televisão na era digital?**

“A televisão conectada à rede e o impacto das redes sociais no público mudam a forma de pensar o jornalismo televisivo. A morte de Whitney Houston foi anunciada pelo Twitter **27 minutos** antes de que fosse informada pela mídia tradicional”

Bruno Patiño

Nos dias 14 e 15 de março de 2013, realizamos no Rio de Janeiro, em parceria com CAF e Canal Futura, o seminário “Jornalismo televisivo na era da imagem digital”. Foi uma das atividades que marcaram nossa volta presencial ao Brasil. Não foi uma ocasião para explicações deslumbrantes, e sim para expor as incertezas diante de um panorama em mutação, para explorar caminhos e possibilidades.

“A revolução digital que está para acontecer na televisão pode causar a incredulidade de alguns e o temor de outros. O consumo de televisão não tem caído, apesar da massificação da banda larga e dos smartphones e tablets, mas o desafio é o televisor tradicional ligado à Internet e seu impacto sobre o consumo e os conteúdos.”

“A televisão conectada à rede e o impacto das redes sociais no público mudam a forma de pensar o jornalismo televisivo. A morte de Whitney Houston foi anunciada pelo Twitter 27 minutos antes de que fosse informada pela mídia tradicional. Será preciso ter olhos para a concorrência por toda parte, levando em conta as redes sociais”.

“Com a popularização dos tablets, ocorrerá a revolução da segunda tela. Os meios tradicionais terão que competir com o Youtube. Por um lado, surgem novos produtores de conteúdos e, por outro, o usuário dispõe

de novas formas de acesso que aproximam a televisão dos tablets e lhe permitem montar sua própria programação.”

*Bruno Patiño, France Televisions, França*

“Subi no avião em Buenos Aires sabendo que havia fumaça branca, mas sem saber o nome do novo Papa. Quando cheguei ao aeroporto do Rio e o liguei o celular, tinha dezenas de mensagens no WhatsApp com o nome de Bergoglio, e no Twitter encontrei tudo o que precisava saber sobre a eleição. Assistir a um noticiário, depois disso, não me acrescentaria nada”.

“Em Todo Noticias, os conteúdos do canal e os da web são diferentes, tanto em sua estética e edição como até mesmo na linha editorial. Na web nos sentimos menos ‘observados’. Na TV, os ataques do governo nos obrigam a pensar, antes de cada notícia, qual vai ser sua reação. Na web tomamos menos precauções e podemos trabalhar com mais liberdade.”

*Carlos De Elía, Todo Noticias – TN, Argentina*

“O presidente pode ficar muito bravo, mas o maior temor da mídia são os bancos. Investigá-los é mais difícil.”

*Pirry, RCN, Colômbia*

Aunque el entorno digital nos brinda la posibilidad de hacer el mejor periodismo de la historia, también genera muchos desafíos éticos que surgen al tener tantas opciones a la mano.

“Antigamente, diante de uma notícia importante era preciso esperar que as personalidades se manifestassem, que elas procurassem o canal, para depois editar suas declarações. Agora, por exemplo depois da morte de Chávez, poucos minutos depois já tínhamos a íntegra de todas as falas circulando no Twitter”.

*Darío Fernando Patiño, ECUAVISAS, Equador*

“Fundimos as editorias de TV e Internet. Foi um desastre: os dois meios têm tempos diferentes, não funciona. Por isso resolvemos voltar a separá-las. Ambas têm acesso aos conteúdos, mas os editam de modo diferente e têm autonomia para decidir como usá-los. Cada redação fixa sua agenda.”

“Uma estratégia que funcionou é o monitoramento permanente e em tempo real nas redes sociais. Reagimos aos pedidos e comentários dos que se conectam e buscamos formas de integrar as duas as audiências, que são diferentes”.

*Héctor Fabio Cardona, NTN24, Colombia*

“O conteúdo exclusivo, na era digital, já não existe. Qualquer um pode copiar e editar. Mais do que contratar advogados para proteger os direitos autorais, é preciso adaptar-se.”

*Guido Rodríguez, TVN, Panamá*

“O índice de audiência se tornou o grande editor de alguns programas de investigação jornalística. O Ibope dita quais devem ser os conteúdos. Mas se os níveis de audiência se impuserem sobre o jornalismo, os programas podem acabar virando reality shows”.

*Carola Fuentes, Informe Especial, TVN, Chile*

“Somos mais eficientes para investigar a corrupção pública do que para investigar a corrupção privada.”

“O copyright não foi um tema de debate entre nós. Queremos que nossos conteúdos sejam compartilhados nas redes.”

*Carlos Chamorro, Esta Semana, Nicaragua*

“Muitos dos temas dos nossos documentários partem de pequenas notícias de jornais locais que não foram desenvolvidas.”

“Não existe uma fórmula. Às vezes a crítica social está implícita na observação, às vezes a explicitamos. Mas sempre está presente”.

*Luiz Nachbin, Canal Futura, Brasil*

“Lá em 2003, quando falávamos sobre como fazer uma reportagem móvel ao vivo, os manuais diziam que era preciso usar o plano médio. Uma aluna de jornalismo me questionou sobre o uso obrigatório desse plano. Hoje me pergunto onde estão escritas essas regras. Faltavam dois anos para que nascesse Youtube, mas a experiência dos nativos digitais já era bem diferente.”

“Passamos da paleotelevisão à neotelevisão, e hoje se fala da pós-televisão. Só que os noticiários não mudaram muito. Nem em sua estrutura, nem em sua agenda, nem na checagem da informação. As notícias são sempre as mesmas. Há uma repetição de nós mesmos e do relato. O que nos impede de contar a notícia de outro ponto de vista?”.

*Juan Mascardi, Telefe Noticias, Argentina*



Pirry, destacado jornalista colombiano, seminário “Jornalismo televisivo na era da imagem digital” Rio de Janeiro, 2013. Foto: Publius Vergilius.

# 4.4

Pesquisa

## Estado dos empreendimentos digitais na América Latina

Em 2012, a FNPI realizou, com o apoio do CAF, um estudo para entender melhor a situação dos projetos jornalísticos online da região. Aplicou-se um questionário a 54 empreendimentos da América Latina, com e sem fins lucrativos, e os resultados foram acompanhados de uma série de entrevistas coordenadas pelo especialista Ángel Alayón.

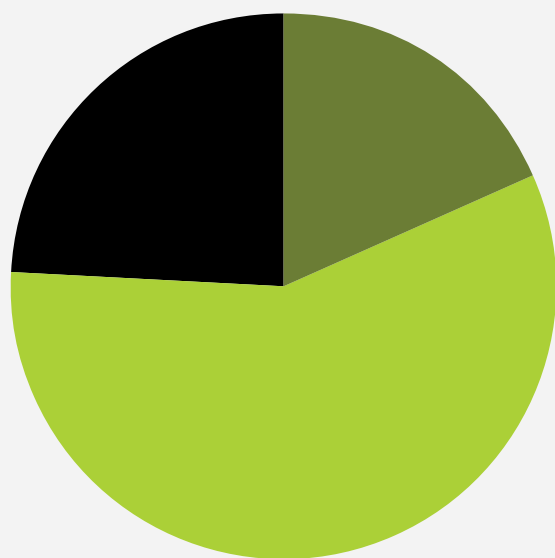
Uma análise da pesquisa permite apontar diversos desafios para os empreendedores, que contam com um cenário em que é mais fácil iniciar um projeto, mas no qual há mais concorrência e, portanto, é mais difícil ter êxito.

Os principais problemas encontrados foram: questões de finanças, geração de conteúdos interessantes, falha na estratégia de marketing, dificuldades na venda de publicidade e necessidade de capacitação dos recursos humanos, em geral, e dos empreendedores em particular. Outras contribuições do estudo, segundo os pesquisadores foram:

- “Pouco menos da metade dos empreendimentos não realizou um estudo de viabilidade financeira (48,1%). Isso indica falta de planejamento e previsão, pois se trata de um elemento mínimo necessário para o funcionamento e sustentabilidade de um empreendimento.”
- “O tráfego da maioria dos empreendimentos é baixo (média diária de 1.971 visitantes únicos), o que aponta a necessidade de estudar o que está determinando esse baixo fluxo”.
- “Em média, 32,2% das visitas provém de tráfego direto, um indicador considerado baixo quando se leva em conta que a média de visitantes também é baixa. As visitas provenientes de buscadores é mais alta (42,4%)”.
- “As visitas provenientes de dispositivos móveis são muito baixas. Poucos empreendimentos estão utilizando versões adaptadas para serem lidas em plataformas móveis, desperdiçando as novas tecnologias e tendências de leitura.”
- “20% dos empreendimentos não geram ganhos. Entre os que geram, a maior fonte é a tradicional venda de espaços publicitários. Estão sendo negligenciadas fontes de recursos muito bem-sucedidas em outras regiões, como as doações de usuários.”
- “46,9% dos empreendimentos com fins lucrativos ainda não são financeiramente viáveis, não gerando ganhos suficientes para cobrir seus custos. Somente 25% gera ganhos superiores a seus custos operacionais. Por outro lado, 76% dos empreendimentos sem fins lucrativos são financeiramente viáveis. Somente 8% gera ganhos superiores a seus custos”.
- “Este cenário mostra que a ‘taxa de mortalidade’ pode ser alta.”
- “Um dos principais obstáculos é a venda de publicidade e o marketing da página, mas também pode ser que os problemas advenham do produto em si mesmo.”

## Ganhos

Quais os ganhos que seu empreendimento gera atualmente:

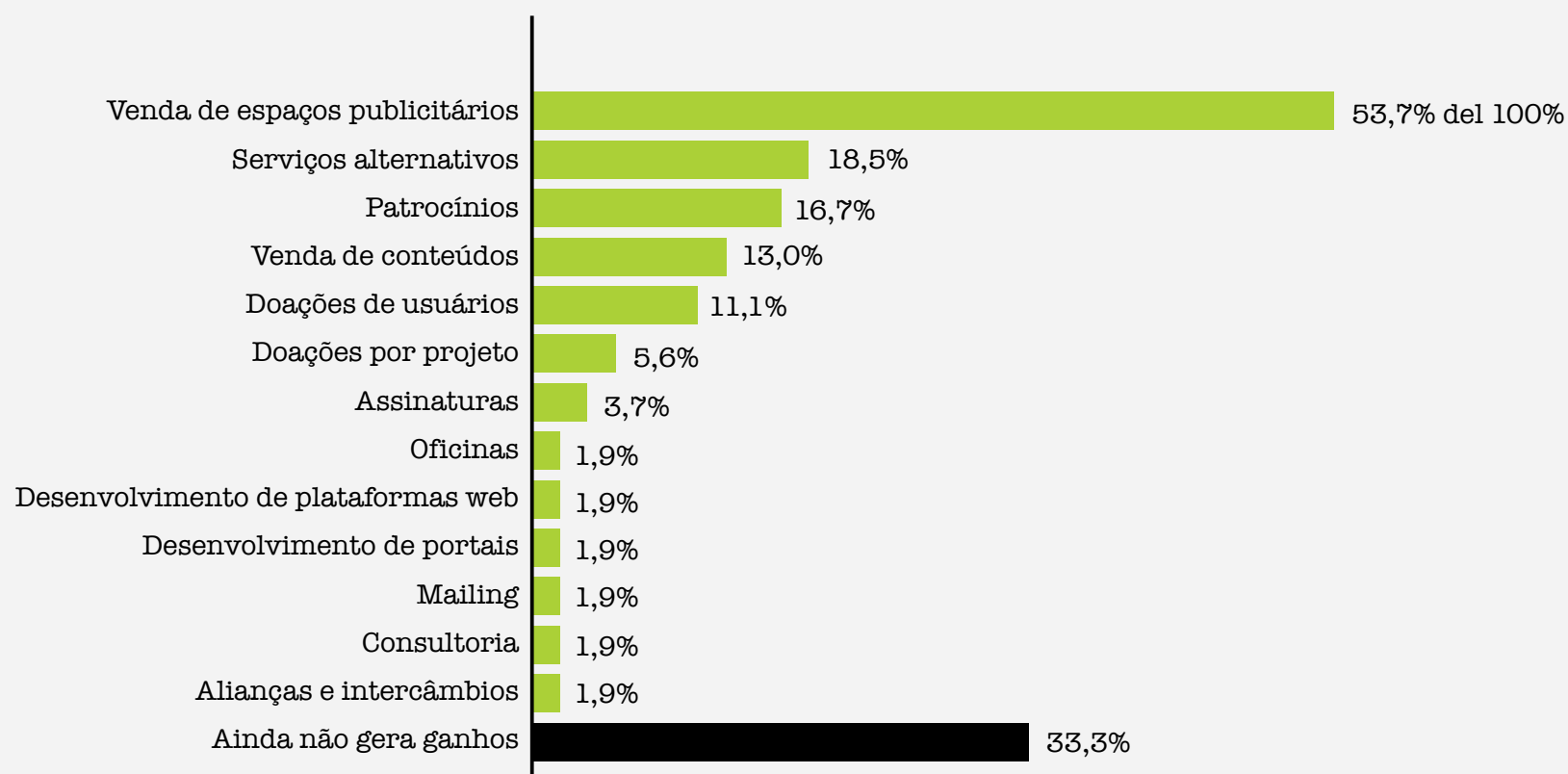


- Não cobrem os custos operacionais 57,4%
- Cobrem exatamente os custos operacionais 24,1%
- Superam os custos operacionais 18,5%

Quase **oito** em cada **dez** empreendimentos, ou geram perdas, ou seus ganhos apenas cobrem seus custos operacionais.

# Ganhos

Seu empreendimento gera ganhos através de:



Nota: a somatória excede os 100% porque cada veículo devia mencionar diversas fontes de recursos.

Empreendimentos em risco: **um em cada três** não gera ganhos.

# Planejamento

Antes de iniciar suas operações, você realizou...?:

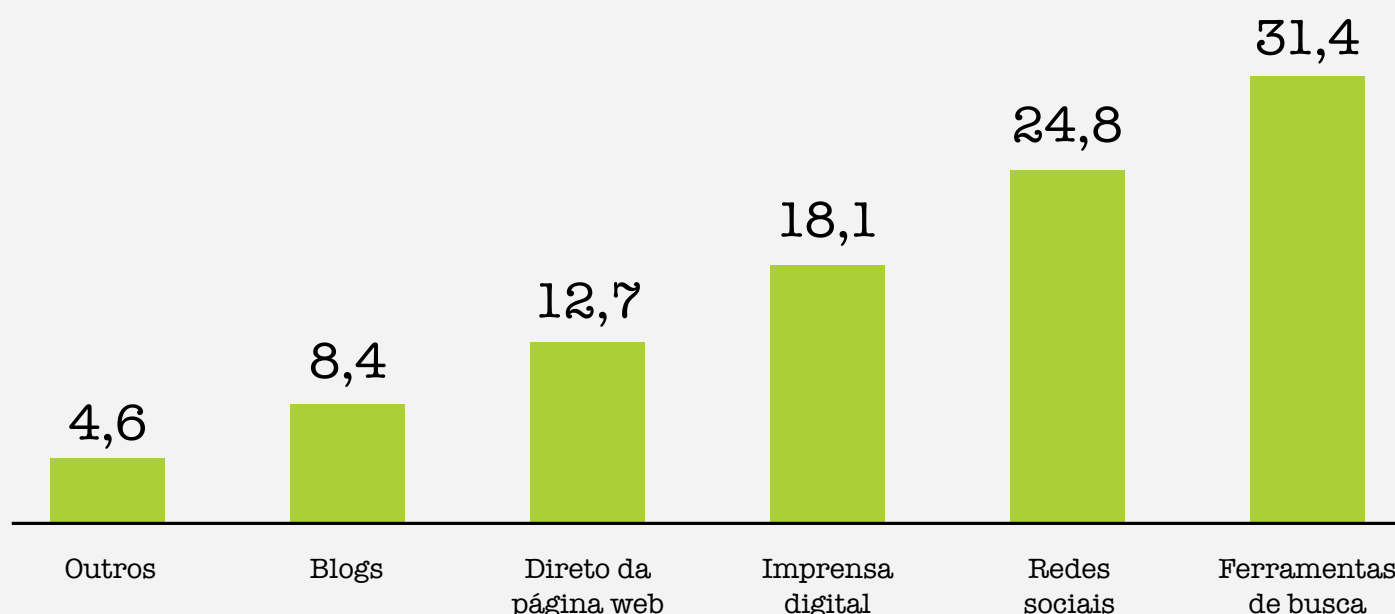


**Menos da metade** dos empreendimentos realizaram uma pesquisa de mercado ou de viabilidade financeira.

# Tráfego

Quais os três principais meios de acesso (tráfego) a seu site?

■ Índice de importância do tráfego para o site



As redes sociais são usadas para publicar links de artigos, afetando a interação e a criação de comunidade.

# Conteúdo

Tipo de conteúdo editorial que produzem e publicam:

|                  |                |
|------------------|----------------|
| Texto            | 96,3% del 100% |
| Vídeo            | 74,1%          |
| Galería de fotos | 51,9%          |
| Áudio            | 50%            |
| Infográficos     | 40,7%          |
| Caricaturas      | 27,8%          |
| Animações        | 18,5%          |
| Base de dados    | 16,7%          |
| Wikis            | 3,7%           |



# 4.5

## Balço de atividades Linha: inovaço e mÍdia digital

### 2012

#### Oficinas e Seminários

Oficina "Empreendimentos jornalísticos digitais"  
Com Jean-François Fogel e Guillermo Culell  
Caracas, de 31 de janeiro a 3 de fevereiro  
Parceiros: CAF, Cadena Capriles e Universidade Monteávila

Oficina "Cultura digital no jornalismo cultural"  
Com Gumersindo Lafuente e Olga Lucía Lozano  
Mérida (México), de 16 a 20 de julho  
Parceiros: CONACULTA e CENART

#### Atividades Públicas

Palestra pública "Ser menores para voltar a ser grandes. As novas formas digitais de salvar o jornalismo"  
Com Gumersindo Lafuente  
Yucatán, 19 de julho  
Parceiros: CONACULTA e CENART

#### Atividades online

Oficina "Ferramentas digitais para a cobertura da segurança pública e o narcotráfico"  
Com Steven Dudley  
23 a 28 de janeiro  
Parceiros: AECID e OSI

Twitcam "Jornalismo sem papel: manual de sobrevivência"  
Com Gumersindo Lafuente e Olga Lucía Lozano  
18 de julho  
Parceiros: CONACULTA e CENART

### 2013

#### Oficinas e Seminários

Seminário "Jornalismo televisivo na era da imagem digital. Tendências e estratégias para a América Latina"  
Rio de Janeiro, 14 e 15 de março  
Parceiros: CAF e Canal Futura

Seminário-oficina "Jornalismo e mídia digital"  
Com Mario Tascón  
Barranquilla, 24 e 25 de maio  
Parceiro: Promigas

Seminário-oficina "Esta história é outra história, um olhar sobre o jornalismo cultural online"  
Com Olga Lucía Lozano  
Barranquilla, 23 e 24 de agosto  
Parceiro: Secretaria da Cultura de Barranquilla

#### Atividades Públicas

Palestra "A rede e o jornalismo cultural: a construção do novo papel do jornalista"  
Com Olga Lucía Lozano  
Barranquilla, 24 de agosto  
Parceiro: Secretaria da Cultura de Barranquilla

#### Atividades online

Transmissão online do Seminário "Jornalismo televisivo na era da imagem digital. Tendências e estratégias para a América Latina"  
Rio de Janeiro, 14 e 15 de março  
Parceiro: Canal Futura e CAF

Webinário "A condição digital: um novo ambiente para o jornalismo"  
Com Jean-François Fogel  
30 de abril  
Parceiro: CAF

Webinário: "Ideias para rentabilizar o conteúdo em dispositivos móveis"  
Com Ana Ormaechea  
29 de julho  
Parceiro: TAB Innovation

A linha inovação e mídia digital procura facilitar a difusão, a apropriação e o aproveitamento das possibilidades que os meios digitais, a inovação, a participação das audiências e a criação de serviços jornalísticos em rede oferecem ao jornalismo de excelência.

**“O professor convidado não pretende ilustrar os participantes de sua oficina com dogmas teóricos e conceitos acadêmicos pré-concebidos, mas pô-los à prova com exercícios práticos, para tentar transmitir-lhes suas experiências na carpintaria do ofício.”**

**“A posterior criação das faculdades de jornalismo foi uma reação da universidade contra o fato acabado de que a profissão carecia de respaldo acadêmico.”**

**“Toda formação deve se escorar na prioridade das aptidões, das vocações e na certeza de que a investigação não é uma especialidade da profissão, mas que todo jornalismo deve ser investigativo por definição.”**

**“Não estamos propondo um novo modo de ensinar o jornalismo, mas tentando reinventar o velho modo de aprendê-lo.”**



**“O simples fato de que vinte jornalistas de diferentes países se reúnam por cinco dias para conversar sobre seu ofício já é uma conquista para eles e para o jornalismo.”**

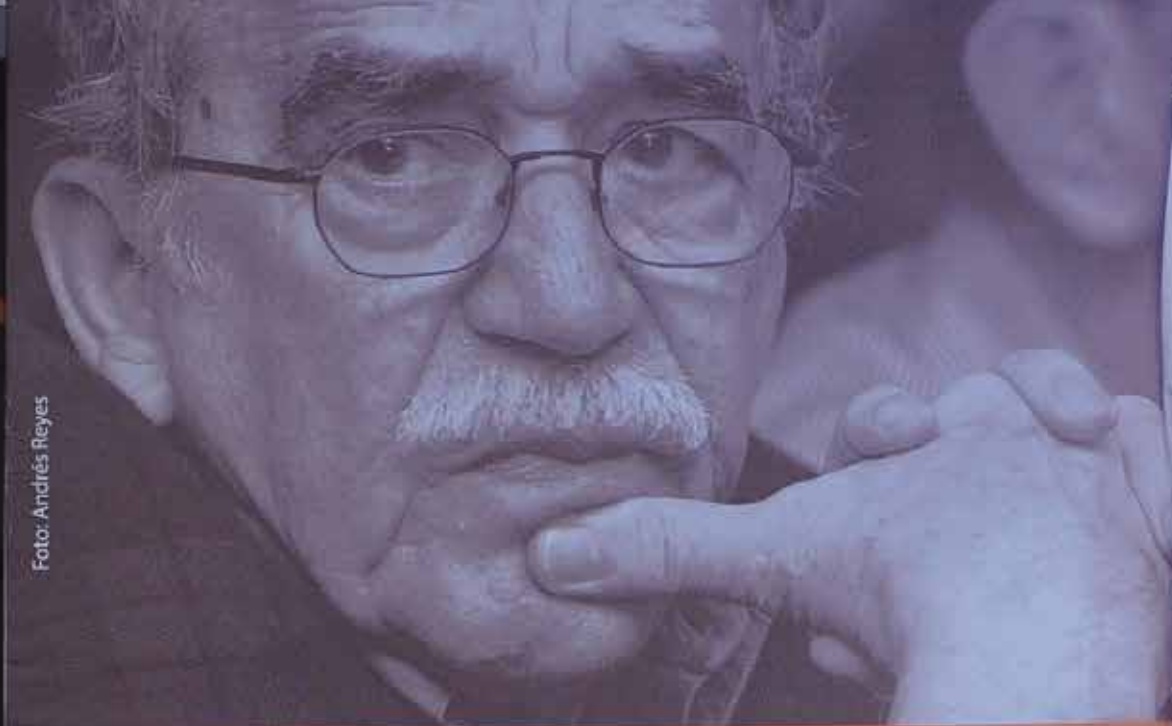
**“O objetivo final deveria ser a volta ao sistema primário de ensino por meio de oficinas práticas em pequenos grupos, com um aproveitamento crítico das experiências históricas, e em seu marco original de serviço público.”**

*“A melhor profissão do mundo”, 1996. Discurso à sociedade Interamericana de Imprensa (SIP), no qual Gabriel García Márquez condensou sua visão sobre o jornalismo e o papel da FNPI.*



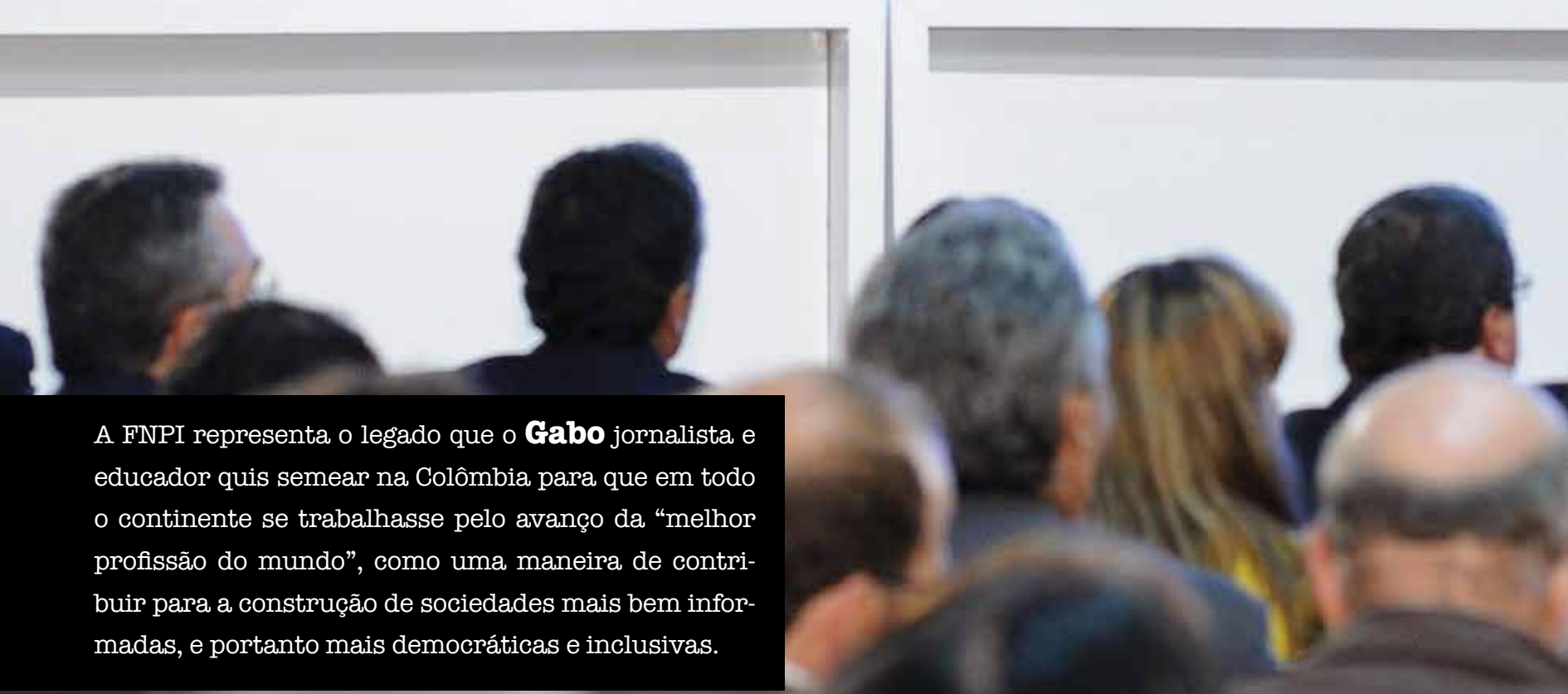
# Estímulos à qualidade jornalística

Foto: Andrés Reyes



PREMI  
DE  
LAS MEJO

PREMIO GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ  
DE PERIODISMO  
LAS MEJORES HISTORIAS DE AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE EN MEJORES PERIODISTAS



A FNPI representa o legado que o **Gabo** jornalista e educador quis semear na Colômbia para que em todo o continente se trabalhasse pelo avanço da “melhor profissão do mundo”, como uma maneira de contribuir para a construção de sociedades mais bem informadas, e portanto mais democráticas e inclusivas.

# 5.1

## Prêmio Gabriel García Márquez de Jornalismo

O prêmio institucional da FNPI renasceu em 2013 com o nome de Prêmio Gabriel García Márquez de Jornalismo “As melhores histórias ibero-americanas em Medellín”. Seu objetivo:

“Oferecer a mais importante distinção para incentivar a busca de excelência, inovação e coerência ética por parte de jornalistas e veículos que trabalhem e publiquem nas línguas espanhola e portuguesa nos países das Américas (incluindo Estados Unidos e Canadá) e da península ibérica, com inspiração nos ideais que levaram Gabriel García Márquez a constituir sua Fundação e na dinâmica de inovação, criatividade e liderança que caracterizam a cidade de Medellín.”

A FNPI pôde tornar possível esse projeto graças à acolhida e ao apoio de uma parceria público-privada formada pela Prefeitura de Medellín, Bancolombia e o Grupo SURA, com suas filiais em outros países da região. Também graças ao apoio permanente que recebe do seu aliado institucional, a Organização Ardila Lülle (OAL).

O antecedente direto desta iniciativa é o Prêmio CEMEX+FNPI, que entre 2000 e 2010 entregou distinções ao melhor do jornalismo ibero-americano. Em sua nova versão, com o compromisso de seus novos sócios e, principalmente, por causa das mudanças ocorridas no mundo jornalístico, renouve-se de diversas maneiras.

A principal dessas renovações foram os termos do edital, que não correspondem a gêneros ou formatos, e sim a categorias que superam essas restrições e que foram discutidas e aprovadas pelo Conselho Reitor do Prêmio. Agora, nesta nova versão, o Prêmio da FNPI tem um edital completamente diferente, afinado com a etapa de profundas mudanças que vive o jornalismo.

Também se conseguiu posicionar a distinção no âmbito ibero-americano por meio de uma estratégia de lançamento e comunicação promocional com uma série de apresentações em Medellín e diversas capitais da América Latina e da Espanha. Essa estratégia incluiu uma campanha nas redes sociais, gestão de press releases e uma aproximação personalizada a diretores e editores de veículos, que deram lugar a mais de trezentas notas de imprensa em meios informativos da América Latina, Estados Unidos e Europa.

[www.fnpi.org/premioggm](http://www.fnpi.org/premioggm)



Jean-François Fogel, Jaime Abello Banfi, Aníbal Gaviria, Martín Caparrós, María Teresa Ronderos, Jon Lee Anderson, Sergio Ramírez e Sergio Fajardo. Cerimônia de premiação, Prêmio GGM, Medellín, 2013. Foto: Cámara Lúcida.

**1,379** candidaturas em **5** categorias

**714** em Crônica e reportagem | **237** em Cobertura noticiosa

**191** em Imagem jornalística | **162** em Inovação

**75** candidaturas em Excelência jornalística

Jornalistas ibero-americanos residentes em **30** países:

|           |                |            |             |                      |
|-----------|----------------|------------|-------------|----------------------|
| Alemanha  | Costa Rica     | França     | Nicarágua   | República Dominicana |
| Angola    | Cuba           | Guatemala  | Panamá      | Uruguai              |
| Argentina | Equador        | Holanda    | Paraguai    | Venezuela            |
| Bolívia   | El Salvador    | Honduras   | Perú        |                      |
| Brasil    | Espanha        | Itália     | Portugal    |                      |
| Chile     | Estados Unidos | México     | Porto Rico  |                      |
| Colômbia  |                | Moçambique | Reino Unido |                      |

Países com maior número de participantes:

**376** Colômbia | **185** México | **183** Brasil

**171** Argentina | **112** Espanha



Ganhadores, finalistas e parceiros na cerimônia de premiação. Prêmio GGM, Medellín, 2013.  
Foto: Cámara Lúcida.



## Os principais resultados alcançados pela campanha de comunicação foram:

- **15.743** visitas ao site do Prêmio.
- Os cinco países dos quais se receberam mais visitantes foram Colômbia, Argentina, Venezuela, Equador e Brasil.
- **16.628** visualizações do teaser do Prêmio no Youtube.
- **3.082** cliques nos anúncios do Youtube.
- **118.854** pessoas viram as publicações no Facebook.



## Finalistas e ganhadores

### Crônica e reportagem

“La larga risa de todos estos años”, Diego Erlan, Argentina, Revista Ñ.

🏆 “Carta desde La Laguna”, Alejandro Almazán, México, Gatopardo.

“Especial Paraguay”, Natalia Viana, Brasil, Agência Pública.

### Imagem jornalística

“Padre, Hijo y Espíritu Armado”, Álvaro Andrés Cardona Gómez, Colombia, Revista Soho.

🏆 “Azúcar amargo: la epidemia misteriosa”, Esteban Félix, Perú/Nicaragua, Associated Press.

“Plástico: el doble filo”, Amaro Gómez-Pablos Benavides, Miguel Soffia Serrano e Paula Bravo San Martín, Chile, Televisión Nacional de Chile.

### Cobertura noticiosa

“Un sueño llamado paz”, Carlos Julio Betancur y equipo RCN Televisión.

“Cobertura sobre desaparición de personas”, Marcela Turati, México, Revista Proceso.

🏆 “Memórias No Chumbo – O futebol nos tempos do Condor”, Lucio Castro, Brasil, ESPN.

### Inovação

“Chequeado.com”, Laura Zommer, Argentina, Chequeado.com.

“Sala Negra”, Óscar Martínez, Edu Ponces, Daniel Valencia Caravantes, José Luis Sanz, Carlos Martínez, Roberto Valencia, Marcela Zamora e Paul Coll, El Salvador, ElFaro.net.

🏆 “Proyecto Rosa”, Olga Lucía Lozano e equipe Proyecto Rosa, Colombia, La Silla Vacía/Proyecto Rosa.

### Excelência jornalística

🏆 **Giannina Segnini, Costa Rica**

O Conselho Reitor da Fundação concedeu o prêmio na categoria de “Reconhecimento à Excelência Jornalística” a Giannina Segnini, por sua extraordinária contribuição à busca da verdade por meio do jornalismo de investigação e seu excepcional aporte ao uso das novas tecnologias a serviço da reportagem. Também por sua extraordinária contribuição para a melhoria da confiabilidade e credibilidade da informação, fortalecendo o papel do jornalismo na fiscalização do poder numa democracia.

Como editora da unidade de investigação do jornal La Nación da Costa Rica, Giannina Segnini promoveu investigações jornalísticas a respeito das transações financeiras ilegais realizadas por membros da igreja católica em seu país, a história que denunciou os pagamentos de suborno por uma multinacional canadense ao prefeito de San José e a série de reportagens que levou dois ex-presidentes do seu país, um deles recém-nomeado secretário-geral da OEA, a serem presos por corrupção.

# Medellín recibe las mejores historias de Iberoamérica



Giannina Segnini, ganhadora do Prêmio GGM categoria de excelência, Medellín, 2013 / Foto: Cámara Lúcida.

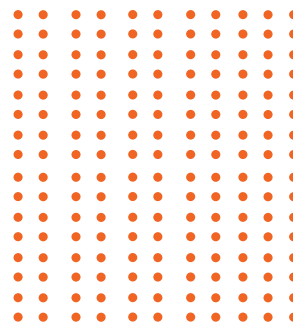
## Festival de Jornalismo

O Prêmio Gabriel García Márquez de Jornalismo procura dar visibilidade a autores, exemplos e referenciais úteis para o estímulo e o avanço do jornalismo de excelência no âmbito ibero-americano. Além de celebrar a premiação, o propósito da FNPI e seus aliados é aproveitar a presença de destacados jornalistas de muitos países, veteranos e jovens – entre finalistas, ganhadores, jurados, professores da FNPI e expositores convidados –, para oferecer à sociedade de Medellín e ao público conectado graças à Internet e à televisão um festival de celebração, debate e reflexão sobre o jornalismo como processo cultural, político e tecnológico em transformação, com uma programação gratuita e aberta ao público.

De 20 a 22 de novembro de 2013, mais de oitenta jornalistas da América Latina, Estados Unidos e Europa participaram de colóquios, oficinas, jornadas de boas práticas, visitas a empresas de comunicação, colégios e universidades, além de uma exposição fotográfica. Esses eventos da primeira edição do Prêmio, a maioria deles transmitidos pela televisão, por Telemédellín, e video streaming via Internet, contaram com a presença de cerca de 1.600 pessoas, entre jornalistas, colunistas, diretores de veículos, formadores de opinião, empresários, estudantes, professores e público em geral.

# 1.600

PRESENCIAIS



# 1.000



através de vídeo  
**STREAMING**



## PARTICIPANTES



Oficinas



12 Colóquios



1 Jornada de Excelência

## O Festival

Medellín, novembro de 2013



1 Exposição Fotográfica

50 CONVIDADOS Internacionais  
40 Convidados Nacionais

## Impacto Midiático

Os eventos acadêmicos e a entrega do prêmio registraram um impacto muito positivo na imprensa nacional e internacional:

273

Publicações nacionais

106

Publicações internacionais

ABC News, Univisión e Fox News dos Estados Unidos; BBC da Inglaterra; ABC Color do Paraguai; Confidencial da Nicarágua; Aristegui Noticias e El Universal do México, entre outros



## 5.2

### Secretaria Técnica, Prêmio Roche de Jornalismo em Saúde

Em 2013, materializou-se também a criação do Prêmio Roche de Jornalismo em Saúde, uma iniciativa dessa multinacional do setor, no qual a FNPI cumpre o papel de secretaria técnica e de apoio à produção do edital e sua divulgação entre os jornalistas da região.

O objetivo deste prêmio é reconhecer a excelência e estimular a cobertura jornalística de qualidade sobre temas de saúde na América Latina.

Em 2013 foi realizada a convocatória, o julgamento e a cerimônia de premiação (em Santiago do Chile). Foram recebidos 177 trabalhos de todo o continente, de 17 países da América Latina. Desse total, 137 foram na categoria jornalismo escrito e 40 na categoria de televisão e vídeo.

Os ganhadores anunciados durante o Roche Press Day, em Santiago do Chile, foram o colombiano Federico Uribe, na categoria de televisão e vídeo, por seu trabalho "Valiente Valentina" transmitido por Telemedellín; e a brasileira Flávia Duarte, com a reportagem "Longevidade para todos?", publicada no Correio Braziliense.

No final de 2013, realizou-se a segunda convocatória, premiada em 2014 em Guadalajara, para trabalhos nas categorias de rádio e Internet. Em 2015 voltaremos às de jornalismo escrito, televisão e vídeo, e assim sucessivamente.



Primeira edição do Prêmio Roche, Flávia Duarte e Federico Uribe, ganhadores, Adelaida Trujillo, jurado, e Luis Pavón, finalista. Santiago do Chile, 2012 / Foto: Roche/FNPI.

Em cada edição são propostas seis temáticas:

- **Inovação em cuidados de saúde**
- **Biotecnologia em saúde**
- **Acesso a tratamentos de saúde**
- **Pesquisa e desenvolvimento em temas de saúde**
- **Regulação e políticas públicas de saúde**
- **Oncologia**

O site desta iniciativa é: [http:// www.premioroche.org/](http://www.premioroche.org/)



# Publicações

## GABO PERIODISTA

ALGUNA VEZ GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ dijo que la cultura del periodismo por lo menos la mitad de su premio Nobel de 1982. Este libro lo demuestra. Con una antología de sus extraordinarios textos periodísticos de diversas épocas, seleccionados y comentados por un grupo de grandes escritores y periodistas de América y Europa que son sus colegas, amigos y compañeros de viaje de la vida de Gabriel García Márquez para el Nuevo Periodismo Literario, FNPI, el emprendimiento que Gabo estableció en Cartagena de Indias en 1994 para "contribuir a la salvación urgente del periodismo del mundo". Y con una extensa entrevista a su esposa Mercedes Barcha de García, información inédita sobre la vida de Gabo como periodista y educador, y muchas y memorables imágenes de sus archivos fotográficos que enriquecerán la experiencia de los lectores dispuestos a disfrutar las palabras de la otra faceta literaria de los autores más significativos de América Latina.

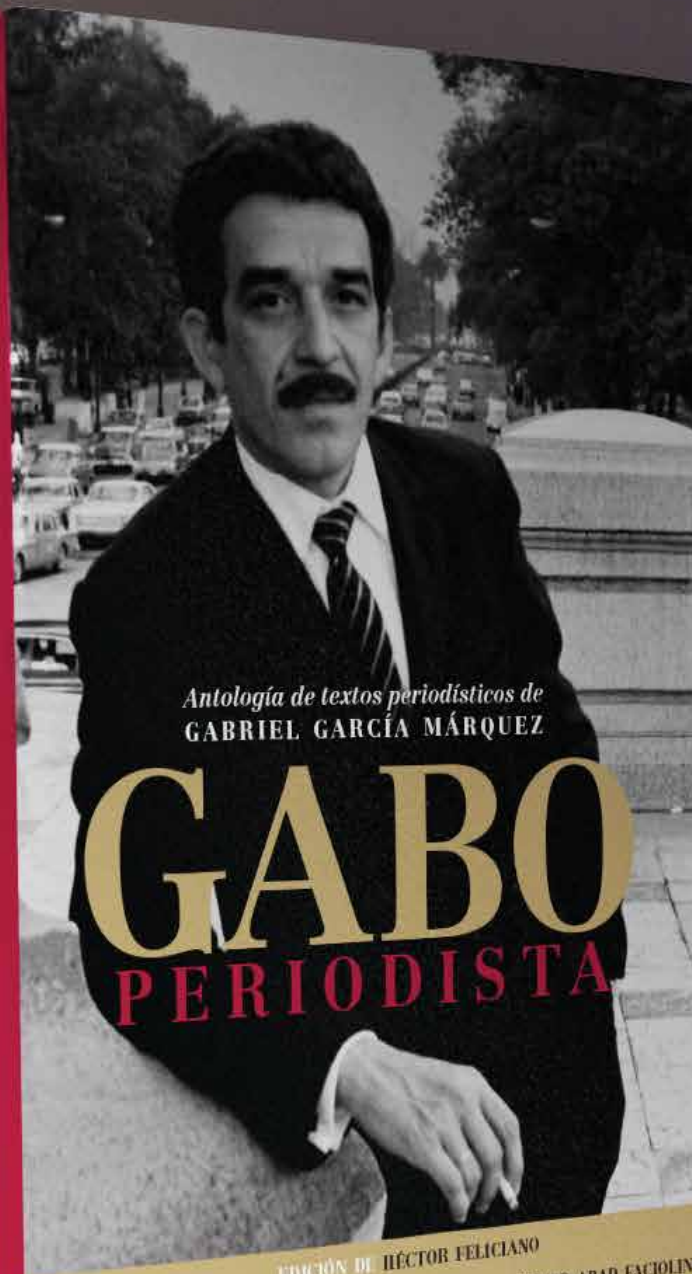
Como dice el editor y prologuista del libro, Héctor Feliciano, el largo y acoplado oficio de periodista de Gabriel García Márquez, "ha sido, de los dos principales emprendidos a lo largo de su vida, el que nos ha frecuentado hasta ahora por los lectores. Leer esas páginas, ya desgastadas nos hace caer en la cuenta de aquello que nos ha acompañado perdiendo hasta ahora. El periodismo del escritor colombiano ha sido, desde sus comienzos, una escritura esencial, una práctica que acaso el taller en que se forjó buena parte de su literatura."

Este libro quiere facilitar el acceso a los mejores escritos del periodismo de Gabriel García Márquez, intentando ponerlos en su lugar, íntimamente entrelazados con sus mejores novelas, cuentos y relatos. Se trata, así, de hacer leer un periodismo que ha sido el predilecto de su lenguaje, de su hiperbólica imaginación y de su humor pícaro."

fnpi



GABO PERIODISTA



Antología de textos periodísticos de  
GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

# GABO PERIODISTA

EDICIÓN DE HÉCTOR FELICIANO

SELECCIÓN Y COMENTARIOS DE GERALD MARTÍN HÉCTOR ABAD FACIOLIN  
MARÍA TERESA BONDEROS JUAN VILLORO JOSÉ SALGAR JON LEE ANDERSON  
TEODORO PETKOFF SERGIO RAMÍREZ ENRIQUE SANTOS CALDERÓN  
MARÍA JIMENA DUZÁN ALEX GRIJELMO MARTÍN CAPARRÓS ANTONIO MUÑOZ  
JUAN CRUZ JEAN-FRANÇOIS FOGEL JOAQUÍN ESTEFANÍA MARÍA ELYRA SÁNCHEZ  
ALMA GUILLERMOPRIETO TAINI ABELLÓ



# Gabo jornalista

**Um livro que explora a face menos conhecida do autor mais conhecido: Gabriel García Márquez como jornalista e educador.**

Edição realizada na Colômbia graças ao patrocínio do aliado institucional da FNPI, a **Organização Ardila Lülle (OAL)**, e no México, em coedição com **CONACULTA** e **Fondo de Cultura Económica**.

Este projeto foi desenvolvido ao longo de três anos, no marco de sua estratégia de fortalecimento institucional, sob a direção editorial do jornalista porto-riquenho **Héctor Feliciano**, professor da Fundação, com a produção e coordenação editorial de José Antonio Carbonell, da editora Maramagnum, e com a colaboração de destacados jornalistas e escritores, a maioria deles ligada à FNPI.

**Gabo periodista** é um volume de 512 páginas com conteúdo planejado para, ao mesmo tempo, informar, entreter e celebrar do ofício de Gabriel García Márquez, cuja obra jornalística contribuiu em grande parte para que em 1982 lhe fosse concedido o Prêmio Nobel de Literatura. Além disso, o livro foi uma excelente oportunidade para destacar as facetas de García Márquez como educador e empreendedor de mídia.

#### **Detalhes do conteúdo do livro:**

- Perfil biográfico com ênfase na trajetória jornalística, por Gerald Martin, autor da biografia Gabriel García Márquez, uma vida.
- Antologia das melhores crônicas, reportagens e colunas de Gabriel García Márquez, selecionadas pelos autores e comentaristas convidados.
- Conjunto de textos sobre a vida, obra e influência do Gabo jornalista, professor de jornalismo e empreendedor de mídia, de autoria de destacados escritores e jornalistas que, de uma forma ou de outra, se relacionaram com ele, além de participar da seleção dos textos:

Héctor Abad Faciolince (Colômbia); Jon Lee Anderson (Estados Unidos); Martín Caparrós (Argentina); Juan Cruz (Espanha); María Jimena Duzán (Colômbia); Joaquín Estefanía (Espanha); Jean-François Fogel (França); Alma Guillermoprieto (México); Enrique Santos Calderón (Colômbia); Antonio Muñoz Molina (Espanha); Teodoro Petkoff (Venezuela); Sergio Ramírez (Nicarágua); María Teresa Ronderos (Colômbia); José Salgar (Colômbia); María Elvira Samper (Colômbia); Juan Villoro (México); Álex Grijelmo (Espanha).

- Extensa entrevista (uma das três que ela concedeu ao longo da vida) de sua esposa Mercedes Barcha, realizada por Héctor Feliciano.
- “Gabo educador”, posfácio de Jaime Abello Banfi, Diretor-Geral da FNPI, sobre o Gabo como professor de jornalismo.
- Investigação inédita sobre a cronologia da carreira jornalística de GGM, elaborada por José Luis Novoa, diretor de programas e operações FNPI.
- Fotografias e imagens pouco conhecidas de diversos arquivos, incluindo o familiar.

# Impressos

## MEDELLÍN A CUATRO MANOS

**Medellín a cuatro manos**, reúne nove crônicas escritas por dezoito jornalistas e especialistas, fruto da "Oficina de Jornalismo Anfíbio: usos prácticos e sentidos da cidade", ministrada pelo professor da FNPI Cristian Alarcón e pela cronista colombiana Patricia Nieto, em Medellín (Colômbia), em outubro de 2012.

O livro, que busca propiciar uma aproximação às expressões culturais da capital antioqueña, condensa o resultado deste trabalho promovido pelo Ministério da Cultura da Colômbia e pela FNPI, apoiado pela revista Anfibia e pela a Universidade Nacional de San Martín (Argentina).

## A TRAVIESA

**A TRAVIESA: Fotografías y Crónicas del Paisaje Cultural Cafetero**, é uma compilação de nove crônicas e onze séries fotográficas resultantes do trabalho condensado em duas oficinas de jornalismo promovidas pela Fundação e pelo Ministério da Cultura da Colômbia.

As oficinas foram realizadas entre 27 e 31 de agosto de 2012, em aliança com a Federação Nacional de Cafeicultores: uma de narração, ministrada pelo jornalista argentino Gabriel Pasquini, e outra de fotografia, ministrada pelo fotojornalista norte-americano Stephen Ferry.



## 2012



Novos cronistas das Índias:

<http://nuevoscronistasdeindias.fnpi.org/>



Seminário novos caminhos para o jornalismo cultural:

<http://nuevasrutas.fnpi.org/>



Rádio no bairro Nelson Mandela:

<http://radioennelsonmandela.fnpi.org/>

# Especiais Multimídia

## 2013



Homenagem a Eligio García Márquez:  
<http://fnpiorg.wix.com/homenajeaeligio>



Fórum com diretores e editores de economia e negócios. Visão 2040:  
<http://fnpiorg.wix.com/vision2040>



Medellín a quatro mãos:  
<http://www.fnpi.org/index.php?id=3109>



Bolsa GGM 2013:  
<http://www.becaggm.fnpi.org/>



Mandela: retratos de vida e bairro:  
<http://fotoenelsonmandela.fnpi.org/>



Jornalismo no bairro:  
<http://fnpi.org/periodismoalbarrio/>



Jornalismo sem sobrenome:  
<http://www.fnpi.org/periodismoycultura/>

# Publicações

| Tipo de publicação   | 2012                                     |  | 2013                                     |  |
|--|--|--|--|--|
|  | Número de produtos editoriais publicados | Número de downloads/visitas/exemplares impressos | Número de produtos editoriais publicados | Número de downloads/visitas/exemplares impressos |
| Informes publicados em <a href="http://www.fnpi.org">www.fnpi.org</a>          | 14                                       | 6.699  | 21                                       | 3.494  |
| Hotsites e publicações digitais <a href="http://www.fnpi.org">www.fnpi.org</a> | 12                                       | 12.040   | 5  | 1.195  |
| Boletins FNPI  | 117                                      |  | 74                                       |  |
| Publicações impressas  | 2  | 17.000   |  |  |
|  | Gabo periodista                          | 15.000*  | 1  | 2.500**  |

\* 10.000 Conaculta México; 4.000 OAL Colômbia; 1.000 distribuídos pela FNPI

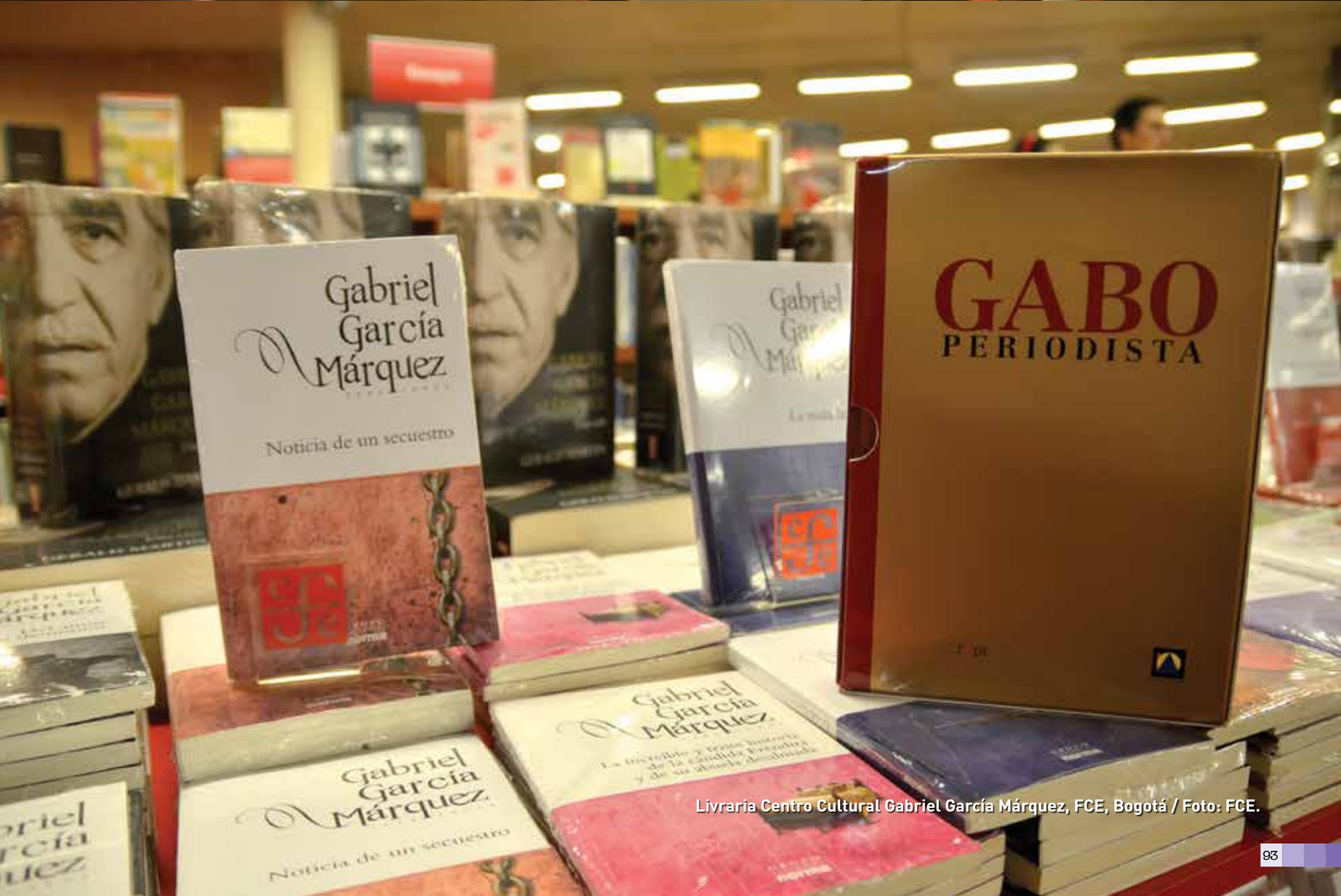
\*\* 1.500 exemplares distribuídos por Fundalectura e 1.000 distribuídos pela FNPI



María Teresa Ronderos, Germán Rey e Jean-François Fogel, membros da nossa Diretoria / Foto: Julián Roldán.



María Jimena Duzán, José Salgar, Juan Villoro, Rodrigo Pardo, Jaime Abello Banfi e María Elvira Samper. Lançamento do livro *Gabo periodista*, Bogotá, 2013 / Foto: FCE.



Livraria Centro Cultural Gabriel García Márquez, FCE, Bogotá / Foto: FCE.



# **FNPI** em números

fundación  
Gabriel García Márquez  
para el nuevo  
periodismo iberoamericano **fnpi**

# 7.1

## Balanço geral de atividades 2012-2013

| Tipo de atividade   | 2012                 |               | 2013                 |               |
|---|----------------------|---------------|----------------------|---------------|
|   | Número de atividades | Participantes | Número de atividades | Participantes |
| <b>Atividades presenciais de formação</b>                 |                      |               |                      |               |
| Oficinas  | 12                   | 172           | 9                    | 112           |
| Seminários  | 5                    | 496           | 13                   | 80            |
| Seminários-oficinas                                       | 3                    | 82            | 15                   | 389           |
| Conferências, bate-papos, colóquios, encontros, palestras | 15                   | 2.083         | 27                   | 3.310         |
| <b>Subtotal</b>   | <b>35</b>            | <b>2.833</b>  | <b>64</b>            | <b>3.891</b>  |
| <b>Atividades virtuais de formação</b>                    |                      |               |                      |               |
| Chats   | 1                    |               |                      | 77            |
| Webinários  | 9                    | 3.134         | 13                   | 2.240         |
| Oficinas online   | 1                    |               |                      | 16            |
| Transmissões online                                       | 1                    | 1.230         | 18                   | 1.794         |
| Twitcam   | 12                   | 359           | 3                    | 2.657         |
| Twitdebates   | 18                   |               | 32                   |               |
| <b>Subtotal</b>   | <b>42</b>            | <b>4.723</b>  | <b>66</b>            | <b>6.784</b>  |
| <b>Participantes prêmios</b>                              |                      |               |                      |               |
| Prêmio Roche  |                      |               | 1                    | 177           |
| Prêmio GGM  |                      |               | 1                    | 1.379         |
| <b>Totais</b>   | <b>77</b>            | <b>7.556</b>  | <b>132</b>           | <b>12.231</b> |



# Audience

| <b>Tráfego site<br/>FNPI</b>               | <b>2012</b> | <b>2013</b> |
|--|-------------|-------------|
| <b>Total visitantes<br/>únicos anuais</b>  | 306.908     | 336.075     |
| <b>Média visitantes<br/>únicos mensais</b> | 25.575      | 41.499      |
| <b>Total pageviews<br/>por ano</b>         | 887.108     | 990.664     |

Estes números correspondem à soma [fnpi.org](http://fnpi.org); [eticasegura.fnpi.org](http://eticasegura.fnpi.org); [redcultural.fnpi.org](http://redcultural.fnpi.org); [cronistas.fnpi.org](http://cronistas.fnpi.org); [premirochedeperiodismo.com](http://premirochedeperiodismo.com); [fnpi.org/premioggm](http://fnpi.org/premioggm)

| <b>Tráfico en<br/>redes sociales</b>    | <b>2012</b> | <b>2013</b> |
|---|-------------|-------------|
| <b>Total seguidores<br/>en Facebook</b> | 11.750      | 18.059      |
| <b>Total seguidores<br/>en Twitter*</b> | 33.182      | 54.958      |

\*Estes números incluem @FNPI\_org; @EticaSegura; @RedCulturalFNPI



Rodrigo Pardo, diretor de notícias RCN e David Bojanini, presidente do grupo SURA, aliado da FNPI. Prêmio GGM, Medellín, 2013. Foto: Cámara Lúcida.



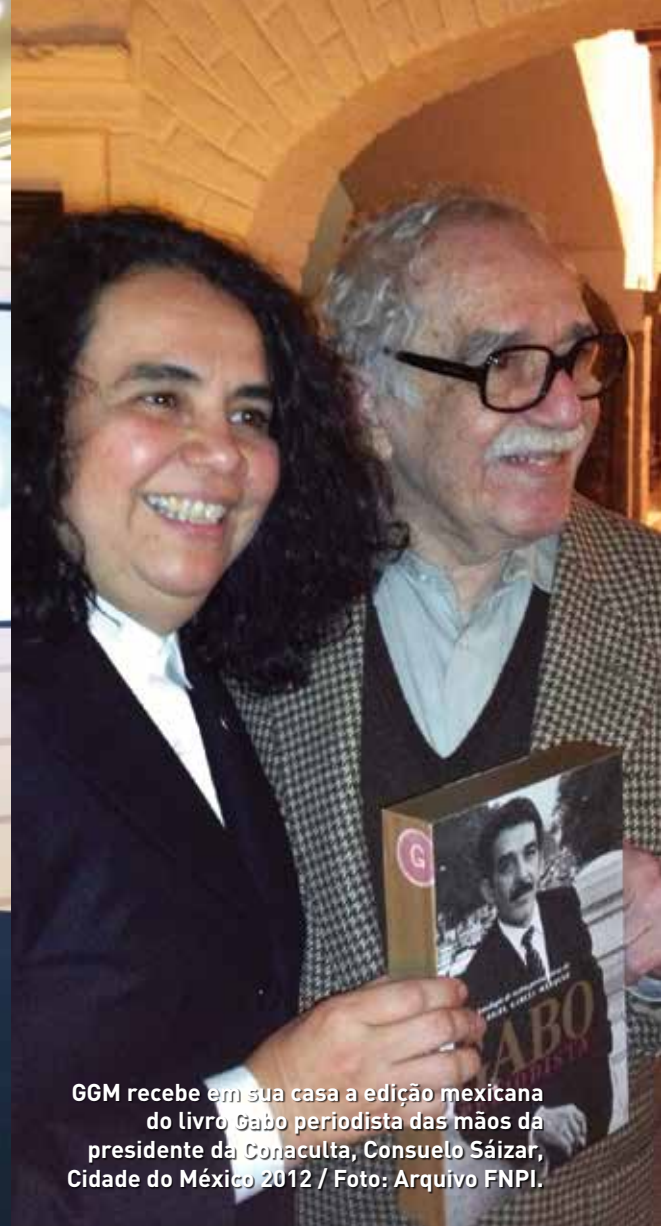
O governador Sergio Fajardo apresenta o rum Maestro Gabo, uma homenagem da Fábrica de Licores de Antioquia a GGM como criador literário, jornalista e cidadão comprometido com a educação e a paz. Medellín 2014 / Foto: Cámara Lúcida.



Carlos Raúl Yepes, Jaime Abello Banfi, Aníbal Gaviria e Gonzalo Alberto Pérez. Lançamento Prêmio GGM, Medellín, 2013 / Foto: Cámara Lúcida.



Jaime Abello Banfi com Enrique García, presidente do CAF - Banco de Desenvolvimento da América Latina, num dos programas apoiados por essa instituição. Caracas, 2012 / Foto: Arquivo FNPI.



GGM recebe em sua casa a edição mexicana do livro Gabo periodista das mãos da presidente da Conaculta, Consuelo Sáizar, Cidade do México 2012 / Foto: Arquivo FNPI.



Membros do Conselho Reitor, jurados do Prêmio GGM e diretores da FNPI. Sentados: Sergio Ramírez, Mercedes Barcha de García, Mónica González. Em pé: Ricardo Corredor Cure, Martín Caparrós, Jaime Abello Banfi, Jean-François Fogel, Jon Lee Anderson, Héctor Feliciano e Germán Rey. México, 2014 / Foto: Guacamole Project.



Equipe e colaboradores da FNPI em sua sede, na rua San Juan de Dios, no centro amuralhado de Cartagena das Índias, a poucos passos da primeira sede do jornal El Universal, onde Gabriel García Márquez começou a trabalhar como jornalista em maio de 1948. / Foto: Pablo Bustamante

### Cartagena das Índias: sede da FNPI

A escolha de Cartagena, no Caribe colombiano, como sede da FNPI foi natural: uma das cidades preferidas de Gabo, onde ele viveu em diferentes períodos; onde iniciou seu percurso como jornalista; dona de um dos centros coloniais mais admirados da América Latina; uma cidade média, onde é possível sair para fazer reportagens e exercícios práticos em condições reais.

Durante 2012-2013, a FNPI realizou nesta cidade 21 atividades, entre oficinas, seminários, conferências e bate-papos, conduzidas por trinta professores internacionais e seis colombianos, em contato com as grandes tendências do jornalismo mundial. Na cidade também se reuniu o júri do nosso prêmio institucional e do Prêmio Roche de Jornalismo em Saúde.

Essas atividades atraíram cerca de 650 participantes e 140 jornalistas locais, nacionais e de diversas partes do globo, gerando visibilidade da cidade em muitos veículos e contribuindo em sua medida para a economia local ao demandar serviços como alojamento, alimentação e transporte.

Por outro lado, a FNPI segue uma política de promoção dos talentos locais, em função da qual empregou dezenas de estagiários e egressos das universidades locais, alguns dos quais fizeram carreira na organização.



Mariana Garcés, Ministra da Cultura da Colômbia, Jaime Abello Banfi, Héctor Feliciano e Natalia Algarín. Sessão Bolsa GGM, Barranquilla, 2013. / Foto: Joaquín Sarmiento.



Jaime Abello Banfi, Cenia Alcázar, Adriana Bernal e Cristina Fuentes, na festa anual da REDAssist, KienyKe, FNPI e Hay Festival, Cartagena, janeiro de 2014 / Foto: KienyKe.



2012-2013 foi um biênio pleno de realizações para a FNPI, graças ao apoio decisivo dos seus aliados.

Carlos Julio Ardila e Jaime Abello Banfi na assinatura do convênio de aliança institucional entre a Organização Ardila Lülle e a FNPI, Bogotá, 27 de agosto de 2012.

# Marcos FNPI 2012-2013

## **Fortalecimento institucional**

No período 2012-2013, a FNPI incorporou à sua razão social o nome do seu fundador e se consolidou como um dos centros de jornalismo mais ativos do mundo, com um sistema de governança como entidade sem fins lucrativos orientado por uma rede internacional de colaboradores composta por uma diretoria, um conselho reitor e um grupo de professores de jornalismo do mais alto nível, com uma robusta equipe de direção e profissionais, em sua sede da Cartagena das Índias.

## **Sustentabilidade financeira**

A rede de apoios contínuos de aliados e patrocinadores que contribuem para a manutenção da instituição e o financiamento de seus principais programas, a par dos ganhos por projetos, campanhas de recursos e venda de serviços, asseguraram à FNPI nesse biênio uma situação de estabilidade econômica que aponta um caminho de sustentabilidade no médio e longo prazos.

## **30 mil beneficiários**

No final de 2013, depois de quase dezenove anos de operação, a FNPI superou a marca de 30 mil jornalistas de todos os países ibero-americanos que se beneficiaram de suas atividades presenciais e online, entre os quais 10 mil participaram do programa de oficinas e seminários ministrados por seu fundador e por destacados professores de jornalismo da América e da Europa.

## **Ética prioritária**

Nesse período, a FNPI foi o principal animador no âmbito ibero-americano da reflexão e do debate sobre a ética profissional desta profissão em transformação, graças à aliança com o Grupo SURA, através da atuação da Rede Ética Segura e do Consultório do especialista Javier Darío Restrepo, que até em dezembro de 2013 atendeu publicamente 1.380 casos.

## **Indicadores de sustentabilidade para a mídia**

Depois de três anos de trabalho de um grupo de veículos e stakeholders internacionais, em colaboração com o Global Reporting Initiative (GRI) e outros aliados, a FNPI lançou em 2012, na Tunísia, no marco do Dia Mundial para a Liberdade de Imprensa declarado pela Unesco, o suplemento de indicadores e padrões para relatórios de sustentabilidade das empresas de mídia.

## **Oficinas de jornalismo sobre Cartagena**

A principal sede das oficinas da FNPI, muitas vezes complementadas com conferências e eventos de projeção pública, é Cartagena. Duas das oficinas, de frequência anual, com jornalistas internacionais e locais, se concentram em explorar histórias da cidade: a que é conduzida por Miguel Ángel Bastenier, com duração de um mês, e a que se realiza em fevereiro para gerar olhares diferentes sobre o bairro Nelson Mandela, um setor da cidade com uma população que busca superar a pobreza e a exclusão.

### **Estratégia digital**

Neste biênio, a FNPI aprofundou o uso da Internet como ferramenta pedagógica, com 108 atividades online, das quais participaram mais de 11.507 jornalistas, e melhorou o aproveitamento do site, do mailing e das redes sociais como canais estratégicos de difusão, com aumento de 39% dos assinantes da conta do Twitter e 34% do Facebook.

### **Prêmios de jornalismo**

Respalhada por uma parceria público-privada com a Prefeitura de Medellín, Colômbia, a FNPI relançou em 2013 seu principal prêmio, inspirado nos ideais de Gabriel García Márquez e levando seu nome, com um novo regulamento sintonizado com as transformações do jornalismo, em língua espanhola e portuguesa, tendo recebido 1.379 candidaturas. Por outro lado, atuando como secretaria técnica independente, planejou e geriu o Prêmio Roche de Jornalismo em Saúde.

### **Primeiro festival jornalístico ibero-americano**

As atividades em torno da entrega do Prêmio em Medellín deram lugar a um inovador festival de três dias, gratuito e aberto ao público, revelando-se como o principal encontro anual de jornalismo no âmbito ibero-americano e um dos primeiros do seu gênero no mundo, com intervenções públicas de artistas e especialistas convidados, finalistas e ganhadores, membros do júri e do Conselho Reitor e professores de jornalismo da FNPI.

### **Jornalismo e busca da paz**

A FNPI se comprometeu com um programa de formação de jornalistas colombianos, principalmente repórteres e diretores de veículos regionais, com o objetivo de contribuir para uma melhor cobertura jornalística das negociações iniciadas em outubro de 2012, em Cuba, entre representantes do governo colombiano e da guerrilha das Farc, para o término do conflito armado.

### **Bolsa internacional de jornalismo cultural**

A Bolsa Gabriel García Márquez de Jornalismo Cultural nasceu em 2013, em aliança com o Ministério da Cultura da Colômbia, a Fundação Cartago e REDAssist, como primeiro programa da FNPI aberto a jornalistas de todo o mundo e ministrado em inglês, com uma bem-sucedida convocatória que teve como resposta 460 inscrições de 70 países.

### **Gabo Jornalista**

Uma conquista deste biênio que orgulha a equipe de trabalho da FNPI é a publicação e distribuição gratuita a bibliotecas públicas e universitárias, jornalistas, veículos de comunicação, associações profissionais, além de outros grupos de interesse na Colômbia e no México, de 17.500 exemplares desse livro que apresenta uma antologia da obra e a trajetória jornalística de Gabriel García Márquez, um importante testemunho do seu legado como repórter e educador.

**OBRIGADOS**  
a todos os nossos  
**ALIADOS**



## Aliado institucional



## Aliados - Prêmio Gabriel García Márquez



Alcaldía de Medellín

## Aliados e parceiros de programas



Banco Mundial



## Apoio a projetos

- AECID
- Agencia Carmen Balcells
- Cartago Foundation
- Fábrica de Licores de Antioquia
- Fundación para la Cultura Urbana
- Fundación Surtigas
- Gobernación de Antioquia
- Howard Buffet Foundation
- International Media Support-IMS
- Ministerio de Cultura de Colombia
- Ministerio de Educación Nacional de Colombia

- Ministerio de Tecnología de la Información y las Comunicaciones de Colombia
- Penguin Random House
- Oficina del Alto Comisionado para la Paz de Colombia
- Premio Simón Bolívar de Periodismo
- Proexport
- Secretaría de Cultura de Barranquilla
- UNESCO
- Universidad Jorge Tadeo Lozano
- Universidad Nacional de San Martín-UNSAM

## Colaboração 2012 - 2013

- Andiarios
- ARGRA
- Asociación de Periodistas Europeos (APE)
- Asomédios
- Cadena Capriles
- Canal Cultura
- Canal Futura
- CENART
- CERLALC
- eCícero
- Editorial Maramágnum
- EL Faro
- Escuela de Periodismo de El País
- Fescol
- Fundación Carnaval de Barranquilla
- Fundación para la libertad de prensa (FLIP)
- Gases del Caribe
- Global Forum for Media Development (GFMD)
- Global Reporting Initiative (GRI)

- Google
- Hay Festival
- Instituto Moreira Salles
- International Center for Journalists (ICFJ)
- IPCC Cartagena
- Kienyke.com
- Parque Cultural del Caribe
- Prodavinci
- Proyecto Antonio Nariño (PAN) para la defensa y promoción de la libertad de expresión en Colombia
- Revista Anfibia
- Revista Piauí
- Revista Soho
- Trébol Comunicaciones
- UNE
- Universidad Monteávila
- Universidad Nacional de Colombia
- Vocento
- Yerbabuena RRPP y Mercadeo

## **Declaração de missão e valores institucionais da Fundação Gabriel García Márquez para o Novo Jornalismo Ibero-americano, FNPI**

### **Missão**

Trabalhar pela excelência do jornalismo e por sua contribuição aos processos de democratização e desenvolvimento dos países ibero-americanos e do Caribe, por meio de oficinas e seminários de formação e intercâmbio entre jornalistas, colaboração em redes e estímulos ao desenvolvimento profissional.

### **Valores**

O compromisso expresso na missão baseia-se nos seguintes valores institucionais, que deverão estar presentes na forma de conceber e executar todos os projetos e programas da Fundação:

**Ética jornalística:** Será o princípio orientador de todas as atividades da Fundação.

**Qualidade narrativa e rigor investigativo:** Dentre os diversos atributos do jornalismo de excelência, daremos a máxima importância à promoção da capacidade de contar histórias de forma criativa e ao rigor na investigação jornalística.

**Jornalismo como serviço público:** Entendemos o jornalismo como um serviço público que, portanto, deve ser responsável e útil à sociedade.

**Liberdade de expressão e direito à informação:** Apoiamos a defesa da liberdade de expressão e o direito à informação como garantias essenciais para desenvolver nosso trabalho. Contudo, não faremos ativismo público.

**Independência:** Consideramos que os jornalistas, tenham ou não vínculo trabalhista com um órgão de comunicação, devem atuar como trabalhadores intelectuais independentes. Promoveremos a independência e o espírito crítico como condições indispensáveis para a excelência jornalística.

**A profissão:** Nosso campo de ação se circunscreve à prática do jornalismo, que diferenciaremos claramente de outras áreas da comunicação.

**Os jornalistas:** Trabalharemos com jornalistas em exercício que tenham potencial para contribuir na busca da qualidade do jornalismo e de aproveitar as oportunidades que oferecemos em razão de sua vocação, talento, liderança e espírito de serviço à sociedade.

**Experiência e aprendizagem:** A oficina é a essência do nosso modelo de formação de jornalistas. Interessa-nos a aprendizagem baseada no trabalho prático, no intercâmbio de experiências específicas e num genuíno interesse dos participantes em nossos programas. Não ofereceremos diplomas nem certificados de participação.

**Pluralismo:** Incentivaremos a comunicação entre pares e o livre exame dos temas do jornalismo, num ambiente horizontal de encontro e camaradagem.

**Equidade:** Nos programas tentaremos assegurar o equilíbrio de gênero e distribuir as oportunidades de participação a jornalistas de diferente origem geográfica e condição econômica, que sejam escolhidos acima de tudo por seus méritos e sua capacidade de contribuir nas atividades e de crescer como cidadãos, profissionais e autores.

**Autonomia:** Trataremos de agir com imparcialidade e independência institucional em relação a financiadores, aliados, veículos de comunicação e jornalistas nos processos de formulação de programas, execução de projetos e gestão de recursos.





**Obrigado, mestre Gabo (1927-2014) / Foto: Pablo Corral.**

fundación  
Gabriel García Márquez  
para el nuevo  
periodismo iberoamericano

fnpi

Aliado institucional



## Um legado de Gabo

Enquanto preparávamos este informe, faleceu aos 87 anos de idade Gabriel García Márquez, criador da FNPI. Tinham se passado quase vinte anos desde que ele plantara as bases de uma organização que agora é parte fundamental do seu legado.

Além dos dois anos cujo balanço se registra aqui (2012 e 2013), este relatório mostra que Gabo deixou uma instituição consolidada e preparada para continuar cumprindo a missão que ele traçou. Inspirada em seus ideais, a aposta da FNPI é contribuir para que nesta era digital existam sociedades mais bem informadas, através de um jornalismo que se motive a buscar a excelência, que investigue e conte melhor as histórias, que se norteie por critérios éticos e que seja capaz de inovar para oferecer um valor agregado em exatidão, interpretação e criatividade.

Para isso a FNPI conta com a colaboração de um extraordinário grupo de professores e especialistas em jornalismo, com o compromisso de uma equipe que trabalha de forma incansável em Cartagena das Índias e com a decisiva contribuição de um seletivo grupo de aliados que valorizam sua trajetória e independência, compartilham seus objetivos e apoiam seus programas e projetos.

A FNPI é motivada, acima de tudo, pelas conquistas cotidianas de uma rede dinâmica – viva e rica em matizes –, representada por mais de trinta mil repórteres e editores que se conheceram e trocaram experiências e esperanças em suas oficinas, prêmios, seminários, redes de colaboração e experiências online, os quais deram lugar a múltiplos esforços editoriais, narrativos e acadêmicos, e que hoje em dia alimentam e renovam o ofício por todo o âmbito ibero-americano.

[www.fnpi.org](http://www.fnpi.org) | [@fnpi\\_org](https://twitter.com/fnpi_org) | [f fnpi](https://facebook.com/fnpi)

Cartagena das Índias - Colômbia